

ZECHARIA SITCHIN

AUTOR DO BEST-SELLER *O 12º PLANETA*

HAVIA GIGANTES NA TERRA

**DEUSES, SEMIDEUSES E ANTEPASSADOS
HUMANOS: A EVIDÊNCIA
DO DNA ALIENÍGENA**



MADRAS®



ZECHARIA SITCHIN

HAVIA GIGANTES NA TERRA

DEUSES, SEMIDEUSES E ANTEPASSADOS
HUMANOS: A EVIDÊNCIA DO DNA ALIENÍGENA

Tradução:
Marcelo Albuquerque



MADRAS

ZECHARIA SITCHIN

HAVIA GIGANTES NA TERRA

**DEUSES, SEMI-DEUSES E ANTEPASSADOS
HUMANOS: A EVIDÊNCIA DO DNA ALIENÍGENA**

TRADUÇÃO: MARCELO ALBUQUERQUE
2010

ÍNDICE

INTRODUÇÃO - E Assim Aconteceu

- A BUSCA DE ALEXANDRE PELA IMORTALIDADE
- Os DIAS QUE ANTECEDERAM O DILÚVIO
- EM BUSCA DE NOÉ
- SUMÉRIA: ONDE A CIVILIZAÇÃO COMEÇOU.
- QUANDO O REINADO FOI TRAZIDO PARA A TERRA
- UM PLANETA CHAMADO "NIBIRU"
- Dos ANUNNAKIS E IGIGIS

VIII - UM SERVO FEITO SOB MEDIDA

IX - DEUSES E OUTROS ANTEPASSADOS

IX - Dos PATRIARCAS E SEMI-DEUSES

- HAVIA GIGANTES NA TERRA

- IMORTALIDADE: A GRANDE ILUSÃO

XIII - O SURGIMENTO DA DEUSA

XIV - GLÓRIA DO IMPÉRIO, VENTOS DE DESTRUIÇÃO

XV - SEPULTADO COM GRANDEZA

XVI - A DEUSA QUE NUNCA PARTIU

PÓS-ESCRITO - As ORIGENS ALIENÍGENAS DA HUMANIDADE: A EVIDÊNCIA

INTRODUÇÃO E ASSIM ACONTECEU

E aconteceu que,
Quando os homens começaram a se multiplicar sobre a face da Terra e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram as filhas do homem e elas eram formosas, e eles desposaram aquelas que escolheram.

Havia gigantes na Terra naqueles dias como também daí em diante,
Quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e elas geravam filhos -
estes eram os Homens Poderosos de antigamente,
Homens de Renome.

O leitor, caso esteja familiarizado com a versão da Bíblia do rei James da Inglaterra, reconhecerá esses versos do capítulo 6 do Gênesis como o preâmbulo da história do Dilúvio, a Grande Inundação em que Noé, reunido na arca, foi salvo para repovoar a Terra.

O leitor, caso esteja familiarizado com o meu trabalho, também reconhecerá esses versos como a razão pela qual, há muitas décadas, um estudante foi instigado a perguntar ao seu professor por que os "gi gantes" são o tema desses versos, quando a palavra, no texto original hebraico, é *Nefilim* - que deriva do verbo hebraico *NaFol*, que significa cair, ser derrubado, descer - e, de nenhuma forma, quer dizer "gigantes". O estudante era eu. Em vez de ser parabenizado pela minha pers picácia lingüística, fui severamente repreendido. "Sitchin,

sente-se!", o professor sibilou com raiva reprimida, "não questione a Bíblia!". Fiquei profundamente magoado naquele dia, pois não estava questionando a Bíblia - ao contrário, assinalava a necessidade de compreendê-la de forma mais precisa. E foi isso que alterou a direção de minha vida para perseguir os *Nefilins*. Quem eram eles, e quem eram seus descendentes, os "Homens Poderosos"?

A busca por respostas começou com questões lingüísticas. O texto hebraico não fala de "Homens" que começaram a se multiplicar, mas de *Ha'Adam* - '**O Adão**', um termo genérico, uma espécie humana. Ele não fala dos filhos de "Deus", mas utiliza o termo *Bnei Ha-Elohim* - os *filhos* (no plural) dos *Elohim*, um termo no plural que significa "deu ses", mas literalmente "Os Altivos". As "Filhas do Adão" não eram "formosas", mas *Tovoth* - boas, compatíveis... E, de maneira inevitável, confrontamos temas das *origens*. Como a Humanidade surgiu neste planeta, e transportamos o código genético de quem?

Em apenas três versículos e poucas palavras - 49 palavras no texto original hebraico do Gênesis - a Bíblia descreve a criação do Céu e da Terra e, em seguida, registra um período pré-histórico real dos primórdios da Humanidade e uma série de acontecimentos surpreendentes, incluindo uma Inundação global, a presença na Terra de deuses e seus filhos, miscigenação entre espécies e descendentes semideuses....

E assim, começando, com uma palavra (*Nefilim*), eu citei o conto dos *anunnakis*, "Aqueles que do Céu para a Terra vieram" - viajantes espaciais e colonizadores interplanetários que vieram do seu planeta conturbado para a Terra em busca de ouro e acabaram moldando O Adão à sua imagem. Ao fazer isso, eu os trouxe à vida - reconhecendo-os individualmente, desembaraçando seus relacionamentos intrincados, descrevendo suas tarefas, amores, ambições e guerras - e

identificando seus descendentes entre espécies, os "semi-deuses".

Às vezes, perguntaram-me aonde meus interesses teriam me leva do caso o professor tivesse me elogiado em vez de repreender. Na verdade, eu me fiz uma pergunta diferente: e se realmente "havia gigantes na Terra, naqueles dias *como também daí em diante*"? As implicações culturais, científicas e religiosas são impressionantes; elas levam às próximas questões inevitáveis: por que os compiladores do Antigo Testamento, que é totalmente dedicado ao monoteísmo, incluíram os versículos chocantes no registro pré-histórico - e quais eram suas fontes?

Acredito ter encontrado a resposta. Decifrando o enigma dos semi-deuses (o ilustre Gilgamesh entre eles), concluo neste livro - minha obra suprema - que convincentes *provas físicas da antiga presença alienígena na Terra foram sepultadas em uma tumba ancestral*. É um conto que possui imensas implicações para nossas origens genéticas - uma chave para desvendar os segredos da saúde, longevidade, vida e morte; é um mistério que, ao ser descoberto, guiará o leitor em uma aventura única e, por fim, revelará o que foi restringido a Adão no Jardim do Éden.

Zecharia Sitchin

I

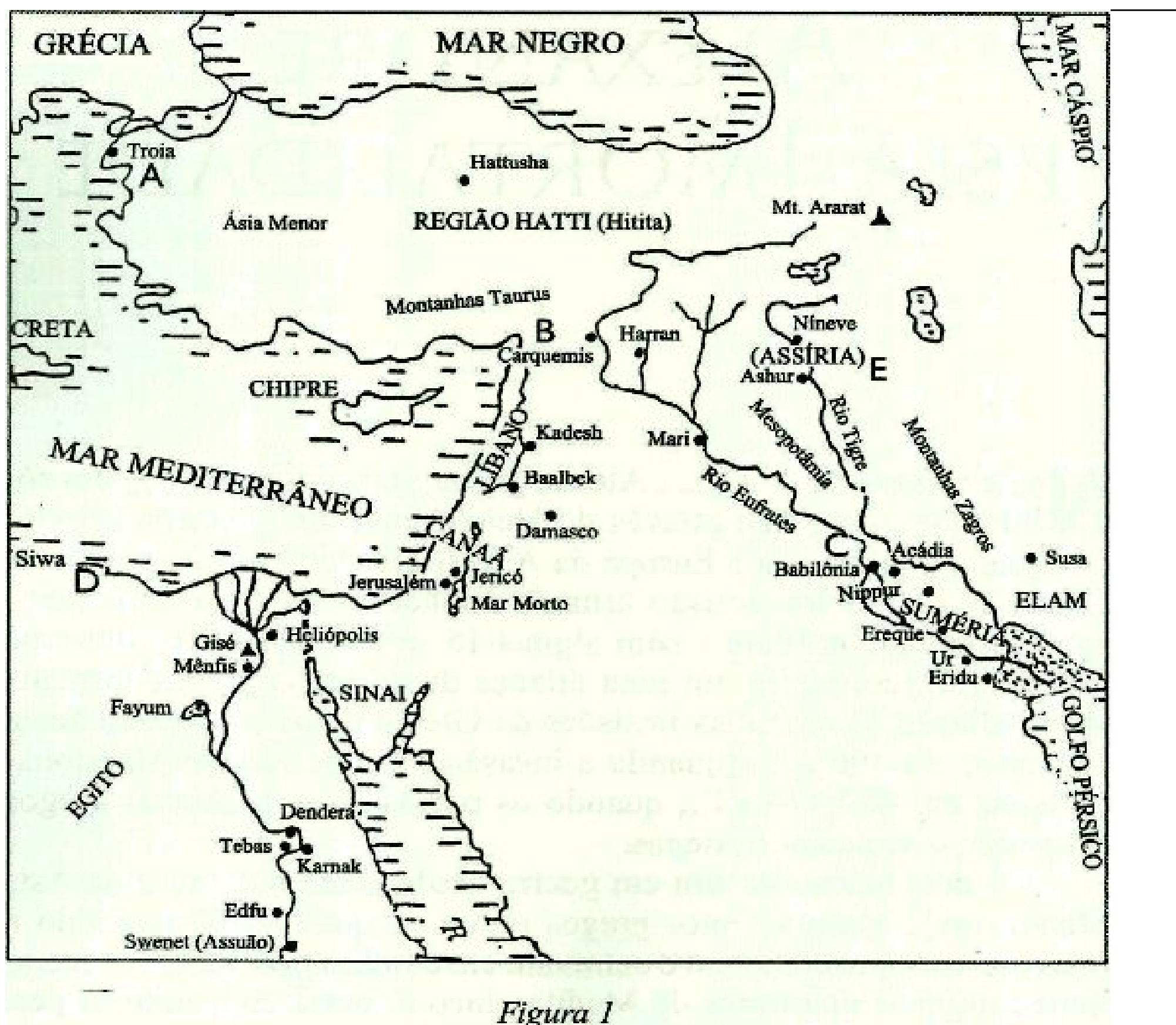
A Busca de Alexandre Pela Imortalidade

Na primavera de 334 a.C., Alexandre da Macedônia liderou um só lido exército grego através do Helesponto, um apertado estreito de águas que separava a Europa da Ásia (hoje chamado Dardanelos), e lançou a primeira invasão armada conhecida da Ásia pela Europa. Suas forças militares, com alguns 15 mil soldados de elite a pé e cavalaria, representavam uma aliança dos estados gregos formada em retaliação às repetidas invasões

da Grécia pelos persas asiáticos: primeiro, em 490 a.C. (quando a invasão foi repelida em Maratona) e depois em 480/479 a.C., quando os persas humilharam os gregos ocupando e saqueando Atenas.

Os dois lados estavam em guerra desde então por causa da Ásia Menor, onde assentamentos gregos (entre os quais Tróia tem sido o mais narrado) proliferavam e entravam em conflito por causa dos lucrativos caminhos marítimos do Mediterrâneo oriental. Enquanto os persas estavam organizados em um poderoso império governado por uma sucessão de "Rei dos Reis", os gregos se fragmentavam em cidades-estados em desacordo; as devastadoras e humilhantes invasões persas uniam-se aos contínuos choques em terra e em mar e culminaram no ímpeto de formar uma Liga sob o comando da Macedônia; e a tarefa de liderar o contra-ataque foi confiada a Alexandre.

Ele optou por atravessar da Europa à Ásia pelo Helesponto ("A" no mapa, Figura 1), os mesmos estreitos que os persas tinham atravessado para suas invasões ao Ocidente. Em tempos longevos, os estreitos eram dominados, no lado asiático, pela cidade fortificada de *Tróia* - o epicentro da Guerra Troiana que eclodiu ali, de acordo com a *Ilíada* de Homero, muitos séculos antes. Levando consigo uma cópia do conto épico oferecida pelo seu tutor Aristóteles, Alexandre fez questão de parar nas ruínas de Tróia para oferecer sacrifícios à deusa Atena e render homenagem à tumba de Aquiles (cuja coragem e heroísmo Alexandre admirava).



A travessia de um exército de milhares foi tranqüila. Os persas, em vez de repelir os invasores na praia, viram uma oportunidade de aniquilar as forças gregas atraindo-as para o interior. Um exército persa, liderado por um de seus melhores generais, esperava por Alexandre e seu exército ao longo de um rio, formando uma linha de batalha um pouco para o interior; porém, embora os persas tivessem a vantagem das posições e dos números, os gregos forçaram a passagem. Recuando, os persas reuniram outro exército e planejaram uma contra-invasão da Grécia; enquanto isso, sua retirada possibilitou aos gregos avançarem livremente pela Ásia Menor, indo direto para o que hoje é conhecido como a fronteira entre a Síria e a Turquia ("B" no mapa, Figura 1).

No outono de 333 a.C., o próprio persa *Shah-in-Shah* ("Rei dos Reis"), Dario III, liderou uma cavalaria lançada contra as tropas

de Alexandre, que avançavam; a batalha, conhecida como a Batalha de Isso (e muito retratada por artistas gregos, Figura 2), terminou com a captura da tenda real de Dario, mas não do próprio Dario. O rei persa, derrotado, mas não vencido, retirou-se para a Babilônia ("C" no mapa, Figura 1), o quartel-general ocidental de um império que se estendia da Ásia Menor (que Alexandre invadira) até a Índia.

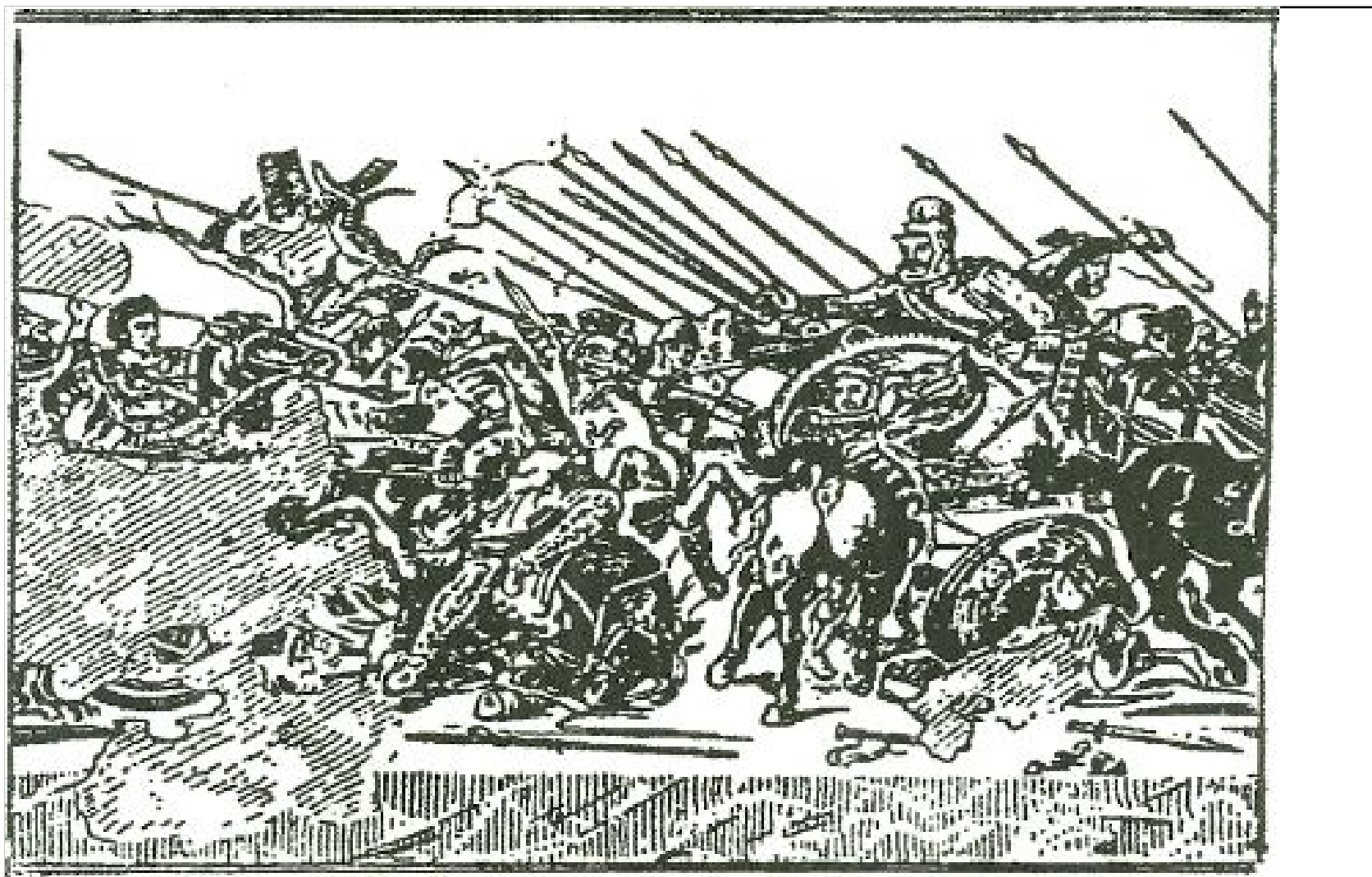


Figura 2

De forma incompreensível, Alexandre desistiu da oportunidade de esmagar o inimigo persa de uma vez por todas. Em vez de perseguir os persas remanescentes e seu humilde rei, ele permitiu que Dario recuasse em direção ao Oriente, para a Babilônia, e incitasse o exército a continuar a guerra. Ao desistir da chance de uma vitória decisiva, Alexandre, em vez disso, estabelece o rumo na direção sul.. A derrota dos persas em sua tentativa de vingar seus anteriores ataques à Grécia - a razão para a aliança dos estados gregos sob o comando de Alexandre - foi deferida para um momento mais tardio. Os surpresos generais gregos descobriram que era o Egito, não a Pérsia, o premente destino de Alexandre.

O que Alexandre tinha em mente, mais tarde se revelaria, era seu próprio destino em vez da Grécia, pois ele fora motivado por rumores constantes na corte macedônia de que seu verdadeiro pai não era o rei Filipe, mas um egípcio misterioso. Como referido em vários relatos, a corte do rei Filipe recebeu certa vez a visita de um faraó egípcio que os gregos chamavam de Nectanebo. Ele era um mestre de magia, um adivinho, que seduziu secretamente a rainha Olímpia, mãe de Filipe; assim, quando ela deu à luz Alexandre, presumiu-se naturalmente que o rei Filipe era o pai, embora o verdadeiro pai de Alexandre fosse um visitante egípcio.

Esses rumores persistentes, que azedaram as relações entre o rei Filipe e a rainha, ganharam credibilidade quando Filipe - alguns dizem que com o intuito de deixar o caminho livre para se casar com a jovem filha de um nobre macedônio - acusou Olímpia, publicamente, de adulterio, um passo que lançou dúvidas sobre o *status* de Alexandre como o príncipe herdeiro. Talvez tenha sido nesse momento e não mais tarde, quando a nova esposa do rei estava grávida, que a história sofreu uma reviravolta: o misterioso visitante que talvez fosse o pai de Alexandre não era um simples egípcio - ele era um deus disfarçado: o deus egípcio Amon (também chamado Ammon, Amun ou Amen). De acordo com essa versão, Alexandre era mais que um príncipe real (o filho da rainha): era um semideus. O tema da sucessão real na Macedônia resolveu-se quando o rei Filipe, festejando o nascimento de um filho com sua nova esposa, foi assassinado, e Alexandre, com 20 anos, subiu ao trono. Mas a questão de sua verdadeira ascendência continuou a transtornar Alexandre, pois, caso fosse verdade, ele teria direito a algo mais importante do que a herança de um trono real: a imortalidade dos deuses!

Com a sua ascensão ao trono da Macedônia, Alexandre substituiu Filipe como comandante da aliança dos estados

gregos em seu projeto de invasão. Mas, antes de embarcar na marcha para a Ásia, ele seguiu para Delfos, um sítio sagrado e distante, no extremo sul da Grécia. Tra tava-se da localização do mais famoso oráculo da Grécia antiga, onde reis e heróis iam para consultar a respeito de seu futuro. Ali, no templo do deus Apolo, uma lendária sacerdotisa, Sibyl, entraria em transe e, falando pelo deus, responderia às perguntas do visitante. Ele era um semi-deus; conquistaria a imortalidade? Alexandre queria saber. A resposta de Sibyl - como sempre - foi lacônica, um enigma sujeito a interpretações. O que ficou claro, no entanto, foi a indicação de que Alexandre encontraria a resposta no Egito - no sítio do oráculo mais famoso do país: o oásis de Siwa ("D" no mapa, Figura 1).

A sugestão não era tão estranha quanto parece. Os dois sítios oraculares estavam ligados pela lenda e pela história. O de Delfos - um nome que significa "ventre" em grego - dizia-se ter sido escolhido por Zeus, chefe do panteão grego, depois que dois pássaros que ele enviara para lugares opostos na Terra se encontraram ali. Declarando o sítio como sendo o "umbigo da Terra", Zeus depositou ali uma pedra ovalada chamada de *omphalos* - o termo grego para "umbigo". Era uma Pedra Sussurrante, por meio da qual os deuses se comunicavam; e, de acordo com as tradições antigas, era o objeto mais sagrado no templo de Apolo; a Sybil de Delfos sentava-se nele quando pronunciava suas respostas oraculares. (A pedra original do *omphalos* foi substituída na época romana por uma réplica, Figura 3 a, que ainda pode ser vista pelos visitantes.)

O sítio oracular de Siwa - um oásis no Deserto Ocidental a quase 500 quilômetros a oeste do delta do Nilo - também foi escolhido após o voo de dois pássaros pretos (os quais, pelo que se acreditava, eram sacerdotisas do deus Amon disfarçadas). Ali, o templo principal era dedicado ao deus egípcio Amon, que os

gregos consideravam ser o egípcio "Zeus". Ele também possuía uma Pedra Sussurrante, um *om phalos* egípcio (Figura 3b); e assumiu um lugar sagrado na mitologia e história grega por causa do deus Dionísio, que uma vez se perdeu no Deserto Ocidental e foi salvo ao ser miraculosamente guiado até o oásis. Dionísio era meio-irmão de Apolo e ocupava seu lugar em Delfos quando Apolo se ausentava. Além do mais - especialmente do ponto de vista de Alexandre -, Dionísio adquiriu *status* de deus, embora fosse, na realidade, um semi-deus - o filho de Zeus que, disfarçado de homem, seduzira uma princesa chamada Sêmele. Aquela fora, na essência, uma ocorrência anterior, semelhante à de Alexandre: um deus disfarçado que tem um filho com uma humana da realeza. Se Dionísio podia ser divinizado e se tornar um dos Imortais - por que não Alexandre?

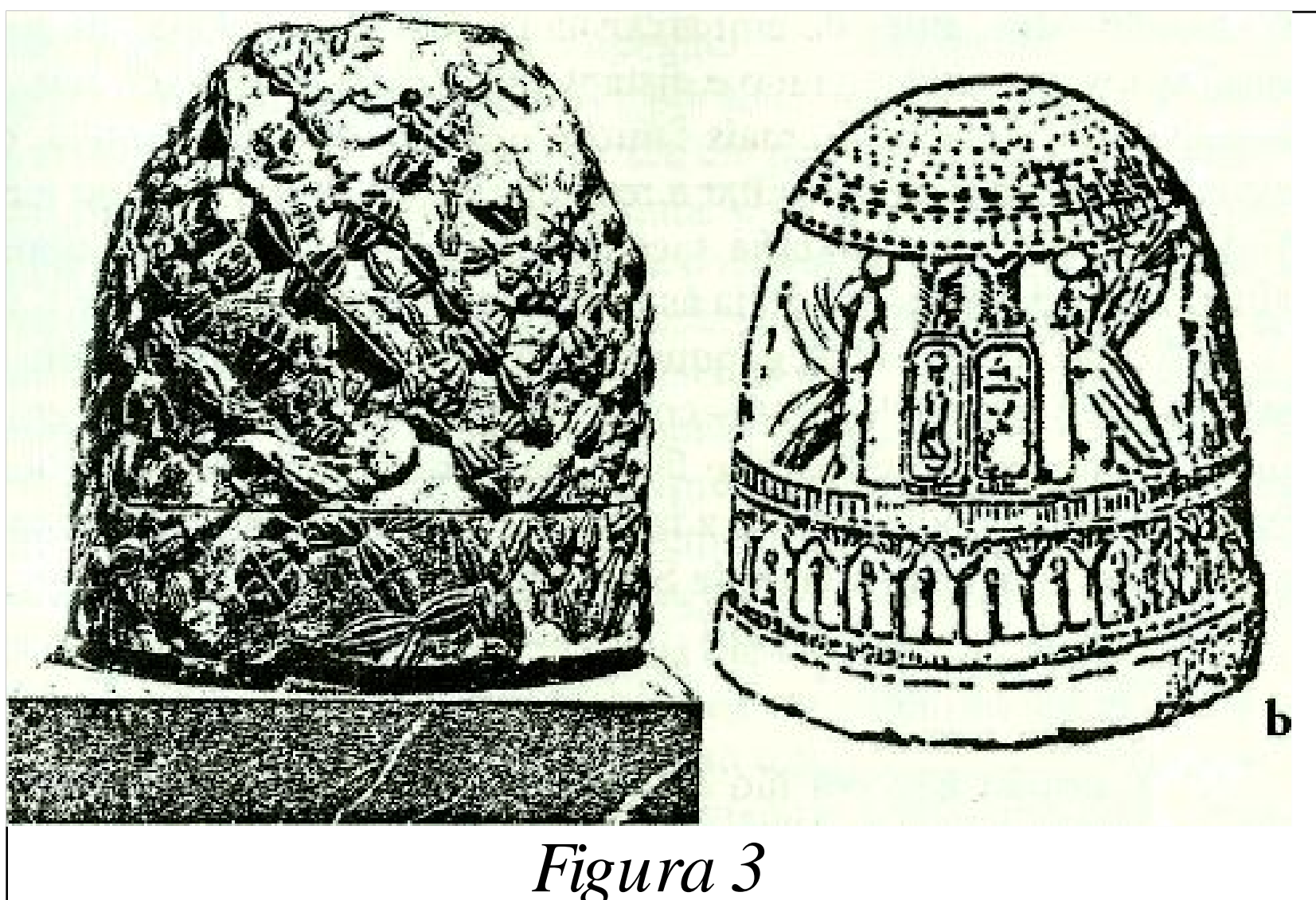


Figura 3

Entre os antigos inquiridores dos pronunciamentos oraculares de Siwa havia dois generais famosos, Simão de Atenas e Lisandro de Esparta; ainda mais significativo para Alexandre fora o semi-deus Perseu, outro filho natural de Zeus, que conseguiu matar a monstruosa Medusa sem ser transformado em pedra. O

lendário herói Hércules, famoso pelo desafio dos Doze Trabalhos, também teria consultado o oráculo de Siwa; não surpreende o fato de ele também ser um semi-deus, filho de Zeus que fecundara a sábia e bela Alcmena, disfarçando-se de seu marido, o rei de uma ilha. Esses predecessores e suas buscas se ajustavam à busca do próprio Alexandre.

E foi assim que, em vez de perseguir o rei persa e seu exército de sordenado, Alexandre seguiu jornada em direção ao sul. Deixando para trás alguns soldados para guarnecer o território conquistado, ele marchou ao longo da região costeira do Mar Mediterrâneo. Com exceção da fortaleza fenícia de Tiro, cuja marinha participou da guerra como aliada dos persas, o avanço dos gregos teve pouca resistência: Alexandre, em geral, era recebido como o libertador de um governante persa odiado.

No Egito, as tropas persas se renderam sem luta, e Alexandre foi mais do que bem recebido como um libertador pelos próprios egípcios. Em Mênfis, a capital, os sacerdotes egípcios estavam dispostos a aceitar os rumores do parentesco divino de Alexandre com o deus *egípcio* Amon, e sugeriram que Alexandre viajasse para Tebas (hoje Karnak e Luxor), no Alto Egito, o sítio do imenso templo de Amon do Egito Antigo, para render homenagem ao deus e ser coroado faraó. Mas Alexandre insistiu em cumprir a profecia do oráculo de Delfos e embarcou na perigosa jornada de três semanas pelo deserto em direção a Siwa: ele precisava ouvir o veredicto acerca de sua imortalidade.

O que transpirou em Siwa durante a sessão oracular estritamente privada, ninguém sabe de fato. Uma versão relata que, quando a sessão terminou, Alexandre disse aos seus companheiros que "recebera a resposta pela qual seu coração ansiava" e que "aprendera coisas secretas que, de outra forma, não teria conhecido". Outra versão relatou que seu parentesco divino, embora não a imortalidade física, fora confirmado -

levando Alexandre a pagar suas tropas com moedas de prata que continham sua imagem com chifres (Figura 4a), à semelhança do deus com chifres Amon (Figura 4b). Uma terceira versão, corroborada pelo que Alexandre fez em seguida, diz que ele foi instruído a procurar uma certa montanha com passagens subterrâneas na Península do Sinai para encontros angelicais e, então, prosseguiu para a Babilônia, até o templo do deus babilônico Marduk.

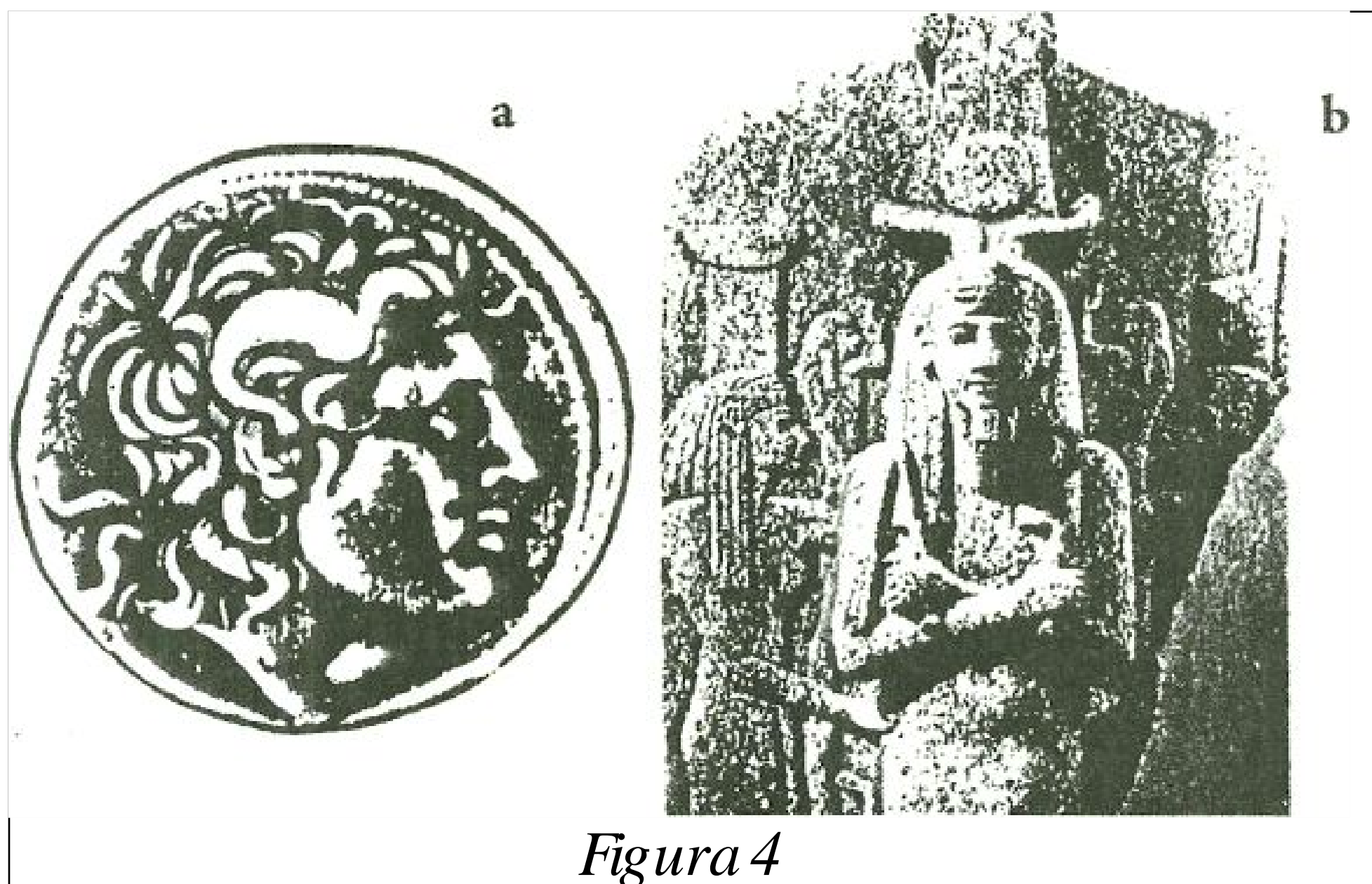


Figura 4

Essa última instrução provavelmente foi uma das "coisas sagradas" que Alexandre aprendera em Siwa: que *Amon* era um epíteto e significava "O Invisível", termo aplicado no Egito ao grande deus **Ra** desde mais ou menos 2.160 a.C., quando este deixou o Egito para buscar o domínio de toda a Terra; seu nome egípcio completo era **Ra-Amon** ou **Amon Ra**, "o Invisível Ra". Em meus livros anteriores, mostrei que "Ra-Amon" estabeleceu seu novo quartel-general na Babilônia, Mesopotâmia - onde era conhecido como **Marduk**, filho do antigo deus que os egípcios chamavam de **Ptah** e os

mesopotâmicos, **Enki**. O possível segredo revelado a Alexandre era que seu pai verdadeiro, o Invisível (=Amon) deus do Egito, era o deus Marduk da Babilônia; pois, algumas semanas após ter conhecimento disso, Alexandre partiu para a distante Babilônia. Enquanto o verão iniciava em 331 a.C., Alexandre reagrupou um grande exército e marchou em direção ao Rio Eufrates, em cujas margens, a sul do meio da correnteza, se situava a Babilônia. Os persas, ainda liderados por Dario, também reuniram uma grande cavalaria, carros de guerra e esperaram por Alexandre, na expectativa de que ele tomasse a rota tradicional, na direção sul, ao longo do Rio Eufrates.

Em uma grande manobra para apanhá-los de surpresa, Alexandre rumou para o leste, voltando-se para o Rio Tigre, flanqueando os persas e alcançando a Mesopotâmia, na região que, historicamente, fora a Assíria. Aprendendo com a estratégia de Alexandre, Dario apressou as tropas para o nordeste. Os dois exércitos encontraram-se no lado oriental do Rio Tigre, em um lugar chamado Guacamole ("E" no mapa, Figura 1), perto das ruínas da antiga capital assíria, Níneve (hoje situada na região curda do norte do Iraque).

A vitória de Alexandre ali possibilitou-lhe atravessar de novo o Rio Tigre; sem necessidade de atravessar o largo Rio Eufrates, uma planície aberta levava à Babilônia. Rejeitando uma oferta de paz de Dario, Alexandre marchou adiante para a Babilônia; alcançou a renomada cidade no outono de 331 a.C., e passou pelo seu magnífico Portal de Ishtar (reconstrução, Figura 5; que foi escavado e recomposto e está exposto, atualmente, no Museu do Antigo Oriente Próximo, em Berlim).

Os nobres e sacerdotes da Babilônia acolheram Alexandre, encantados por sair da influência dos persas, que haviam profanado e demolido o grande templo de Marduk. O templo era um grande zigurate (pirâmide em degraus) no centro do Recinto Sagrado da Babilônia, erguendo-se em sete fases

precisas e astronomicamente definidas (uma reconstrução, Figura 6). De maneira sábia, Alexandre fez com que soubessem antes do tempo previsto que ele viria render homenagem ao rei nacional da Babilônia, Marduk, e restabelecer seu templo profanado. Tornara-se uma tradição entre os novos reis da Babilônia buscar legitimidade fazendo com que a divindade os abençoasse segurando suas mãos estendidas. Mas isso Alexandre não obteve, pois encontrou o deus morto em um ataúde dourado, seu corpo imerso em óleos especiais para preservação.

Embora soubesse que Marduk estava morto, a visão deve ter cho cado Alexandre: aqui jaz morto não um mortal, e não apenas seu suposto pai, mas um *deus* - um dos venerados "Imortais". Que chance, então, teria ele, Alexandre, no máximo um semi-deus, de evitar a morte? Como que determinado a desafiar as probabilidades, Alexandre alistou milha res de trabalhadores para restaurar o Esagil, gastando recursos escassos na tarefa; e, conforme partia para continuar suas conquistas, deixou bem claro que decidira fazer da Babilônia a capital do seu novo império.

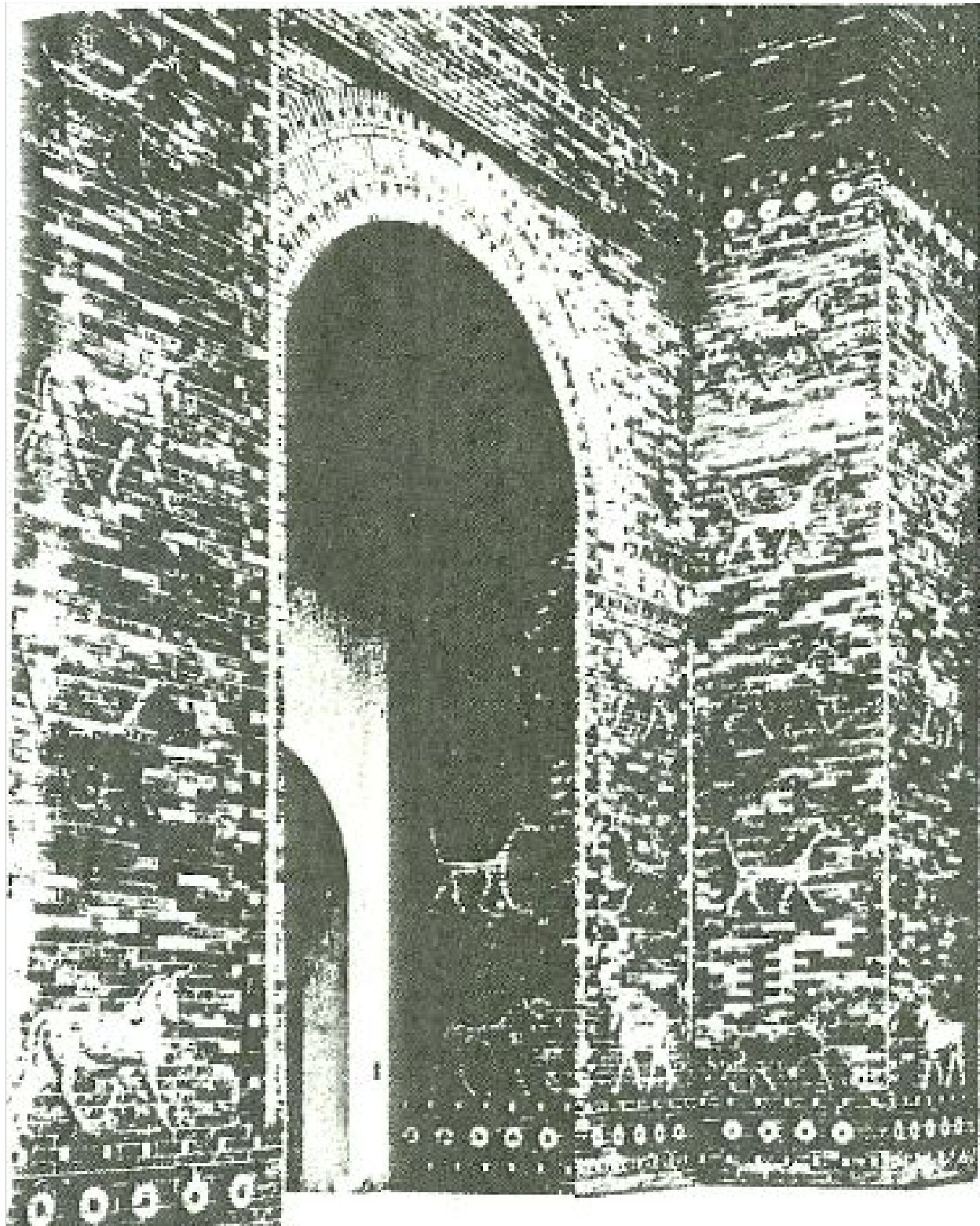


Figura 5

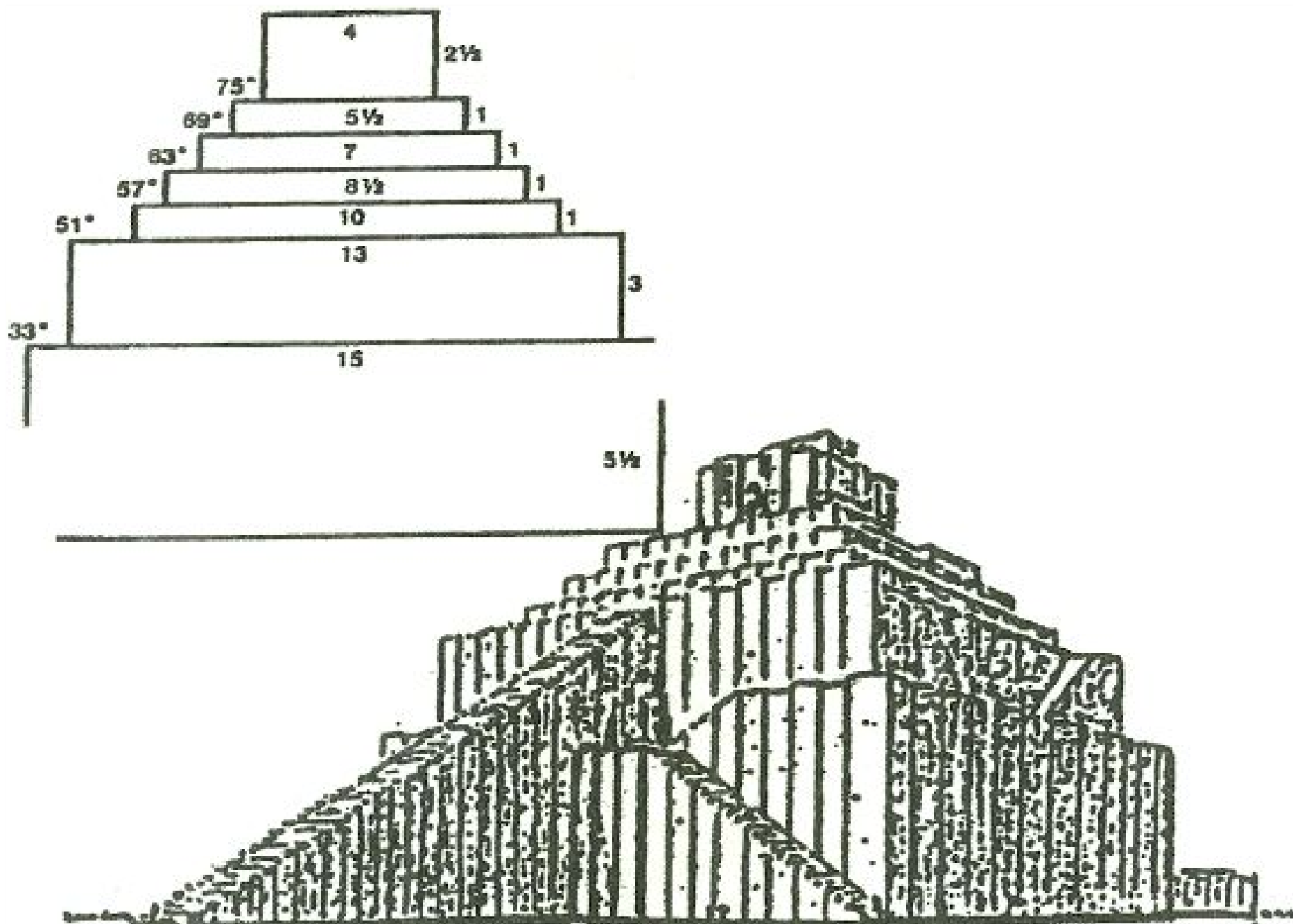


Figura 6

Em 323 a.C., Alexandre - então mestre do império persa do Egito à Índia - voltou à Babilônia; entretanto, os sacerdotes profetas babilônicos alertaram-no para não entrar outra vez na cidade, pois morreria, caso o fizesse. Maus presságios, que ocorreram logo após a primeira estada de Alexandre na Babilônia, continuaram, embora dessa vez ele tivesse resistido a entrar na cidade. Logo adoeceu, tomado por uma febre alta. Ele pediu aos seus oficiais que mantivessem vigília, em seu nome, dentro do Esagil. Na manhã do que hoje sabemos ter sido o dia 10 de junho de 323 a.C., Alexandre estava morto - alcançando a imortalidade não de forma física, mas sendo lembrado daí em diante.

O conto de nascimento, vida e morte de Alexandre, o Grande tem sido tema de livros, estudos, filmes, cursos de faculdade e muito mais há várias gerações. Estudiosos modernos não duvidam da existência de Alexandre, o Grande, e têm escrito de maneira incessante sobre ele e sua época, constatando cada detalhe do assunto. Eles sabem que o grande filósofo grego Aristóteles era professor e mentor de Alexandre, estabeleceram sua rota, analisaram a estratégia de cada batalha, registram os nomes de seus generais. Mas que estudiosos respeitados empenhem-se nisso sem uma pitada de vergonha é impressionante; pois, enquanto descrevem cada aspecto e reviravolta da corte macedônica e suas intrigas, não levam a sério a parte que provocou tudo: a crença por parte da corte, do próprio Alexandre e das pessoas educadas da Grécia de que um deus poderia gerar um filho com uma mortal!

Esse desdém pelo "mito" se estende para o tema mais amplo que é a arte grega. Volumes que lotam estantes de bibliotecas públicas e privadas lidam com cada minúcia da "arte grega" em seus variados estilos, antecedentes culturais, origens geográficas; museus enchem galerias com esculturas de mármore e bronze, vasos pintados ou outros artefatos. E o que

todos eles retratam? Invariavelmente, deuses antropomórficos, semideuses heroicos e episódios dos chamados contos míticos (como essa representação do deus Apoio recebendo seu pai, o deus Zeus, acompanhado por outros deuses e deusas, Figura 7). Por razões que desafiam a compreensão, é a norma em círculos estudiosos classificar os registros de civilizações antigas assim: se o texto ou conto antigo fala de reis, é considerado parte dos Anais Reais. Se aborda personalidades heróicas, é um épico. Porém, se o tema são os deuses, é classificado como mito; pois quem, em plena consciência científica, acreditaria, como os gregos antigos (ou egípcios e babilônios), que os deuses eram seres reais - onipotentes, vagando pelo céu, ocupados com batalhas, tramando provações e tribulações para heróis - e até gerando aqueles heróis ao fazer sexo com humanas?

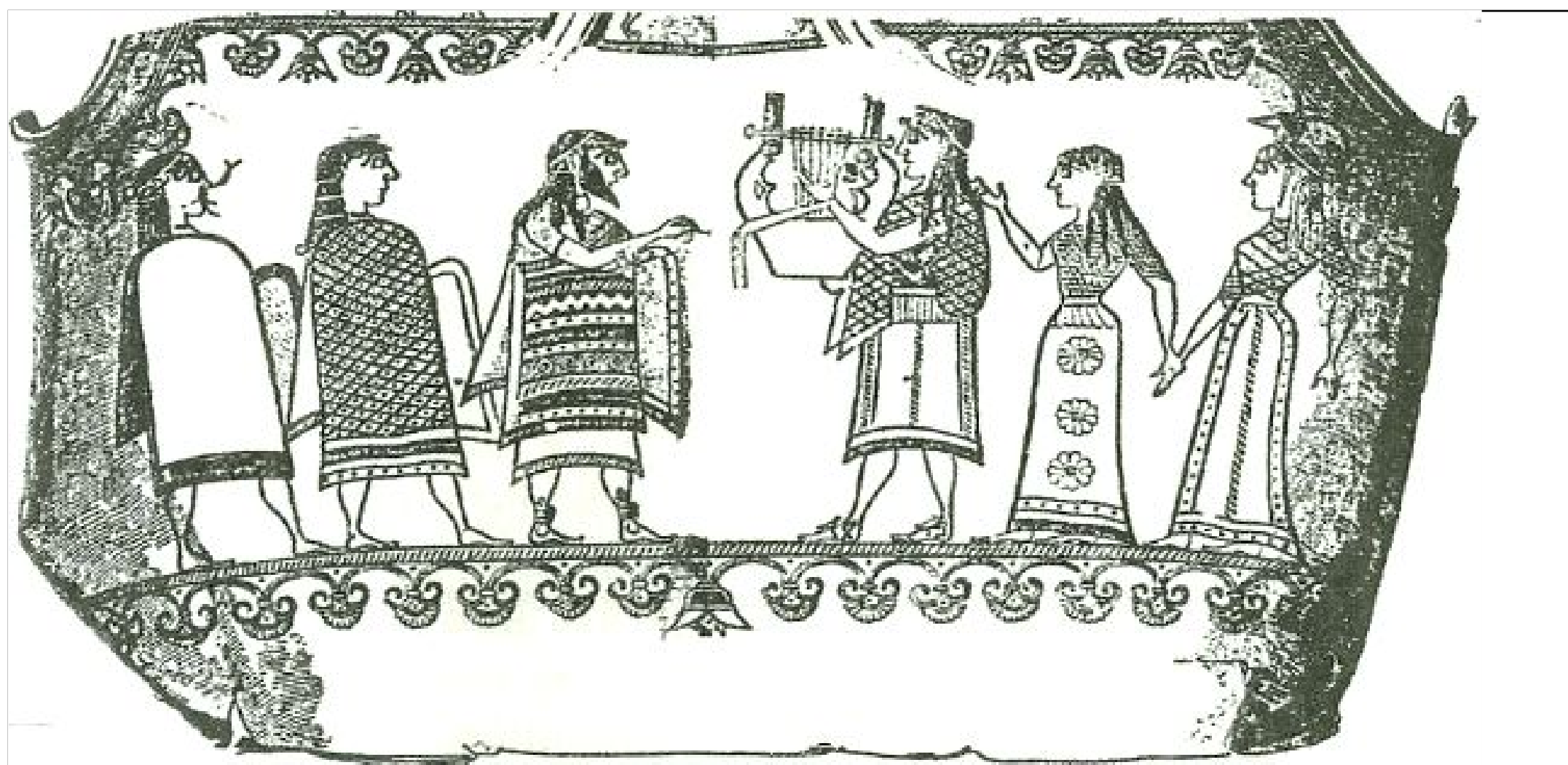


Figura 7

Por isso, é irônico que a saga de Alexandre, o Grande seja tratada como fato histórico, embora seu nascimento, visitas oraculares, itinerários e seu final na Babilônia não pudessem ter acontecido sem a inclusão de tais deuses "míticos" como Amon,

Ra, Apolo, Zeus e Marduk, ou tais semideuses como Dionísio, Perseu, Hércules - e talvez o próprio Alexandre. Sabemos que as culturas dos povos antigos eram repletas de relatos - e imagens - de deuses que, apesar de parecidos conosco, eram diferentes - talvez até imortais. Os relatos eram essencialmente os mesmos por todo o globo; e, embora os seres venerados tivessem nomes diferentes em cada região, os nomes nas diversas línguas tinham, em geral, o mesmo significado: um epíteto que denotava um aspecto em particular da divindade nomeada.

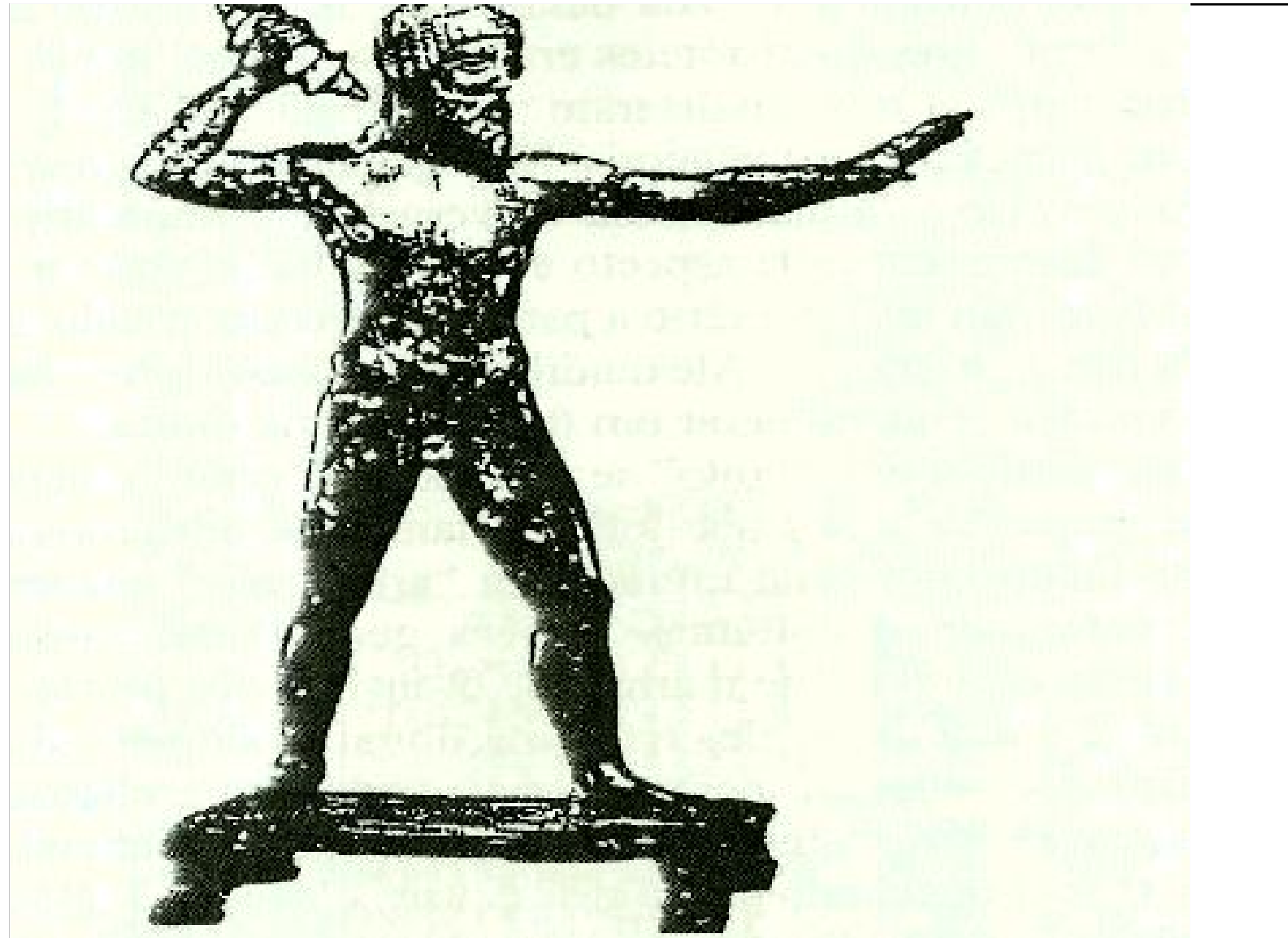


Figura 8

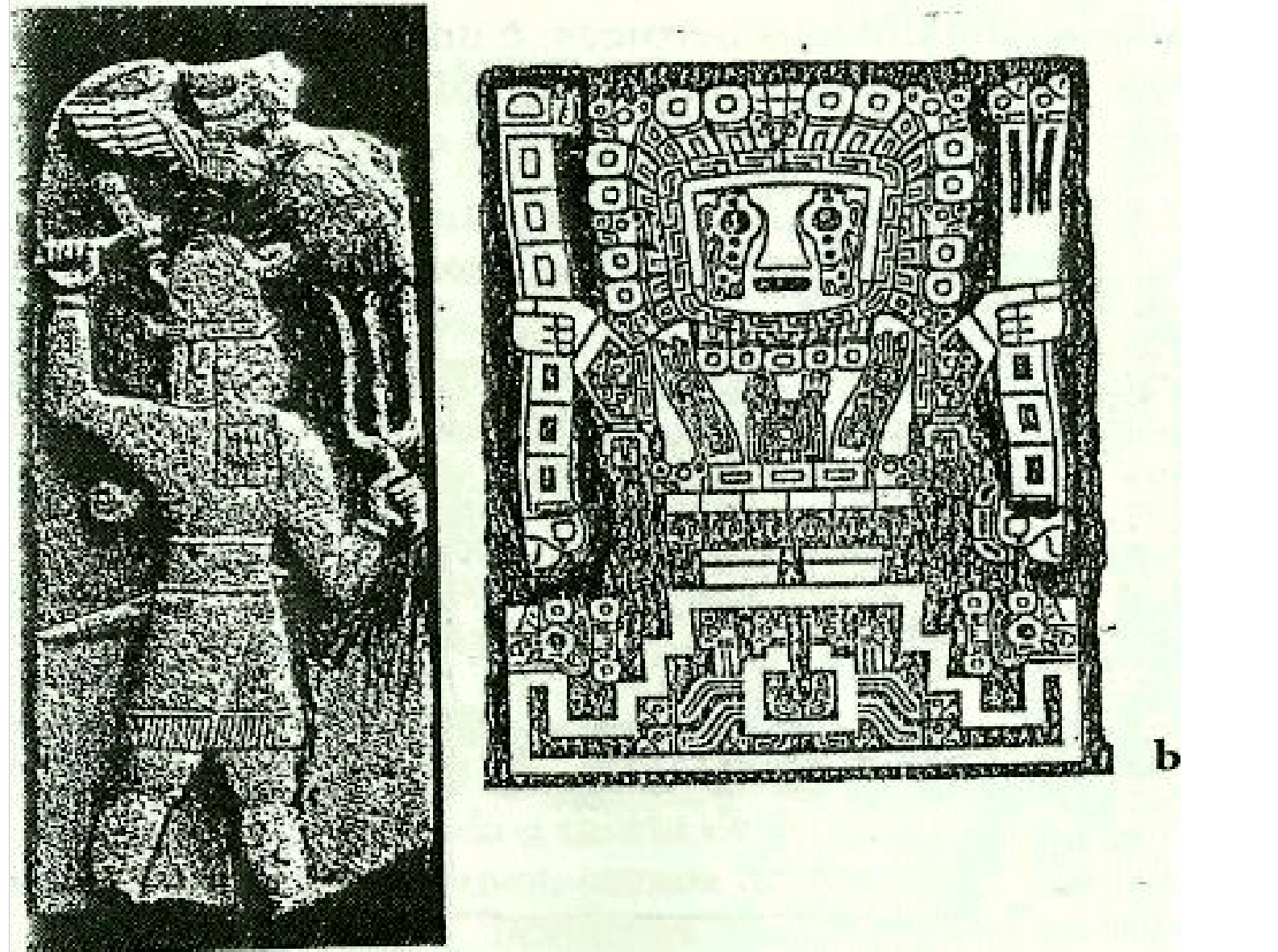


Figura 9

Assim, os deuses romanos chamados Júpiter e Netuno eram os deuses gregos anteriores Zeus e Poseidon. Indra, o grande deus hindu das tempestades, conquistou a supremacia combatendo deuses rivais com relâmpagos explosivos, assim como Zeus fizera (Figura 8); e seu nome, soletrado silabicamente In-da-ra, foi encontrado na lista de deuses dos hititas da Ásia Menor; era outro nome para a divindade suprema hitita, *Teshub*, o deus dos trovões e dos relâmpagos (Figura 9a) - **Adad** ("Causador de Ventos") para os assírios e babilônios, *Hadad* para os canaanitas, e até nas Américas onde, como o deus *Viracocha*, foi representado no "Portal do Sol" em Tiwanaku (Tiahuanaco), na Bolívia (Figura 9b). A lista é imensa. Como é possível, e por quê?

Avançando pela Ásia Menor, os gregos passaram por imponentes monumentos hititas; no norte da Mesopotâmia, depararam com as ruínas das grandes cidades assírias - desoladas, mas ainda não enteradas pelas areias do tempo. Em toda a parte, não apenas os nomes das divindades, mas também a iconografia e os símbolos eram os mesmos - dominados pelo sinal do Disco Alado (Figura 10), que eles encontraram no Egito e em todos os outros lugares - até nos monumentos dos reis persas como seu símbolo supremo. O que representava? O que significava tudo isso?

Logo após a morte de Alexandre, as terras conquistadas foram divididas entre dois de seus generais, pois seus herdeiros legítimos - seu filho de 4 anos e seu guardião, irmão de Alexandre - foram assassinados. Ptolomeu e seus sucessores, sediados no Egito, tomaram os domínios africanos; Seleuco e seus sucessores, instalados na Síria, governavam a Anatólia, a Mesopotâmia e as distantes terras asiáticas. Os dois novos governantes se esforçaram para aprender a história completa dos deuses e das terras agora sob seu controle. Os ptolomaicos, que também estabeleceram a famosa biblioteca de Alexandria,

escolheram um sacerdote egípcio, conhecido como Maneton, para escrever em grego a história da dinastia do Egito e a pré-história divina. Os selêucidas contrataram um sacerdote babilônio fluente em grego, conhecido como "Beroso", a fim de compilar para eles a história e pré-história da Humanidade e seus deuses de acordo com o conhecimento mesopotâmico. Nos dois casos, os motivos eram mais do que mera curiosidade; como os acontecimentos subsequentes mostraram, os novos governantes buscavam aceitação sugerindo que seus reinados eram continuações legítimas dos reinados dinásticos que retrocediam até os deuses.

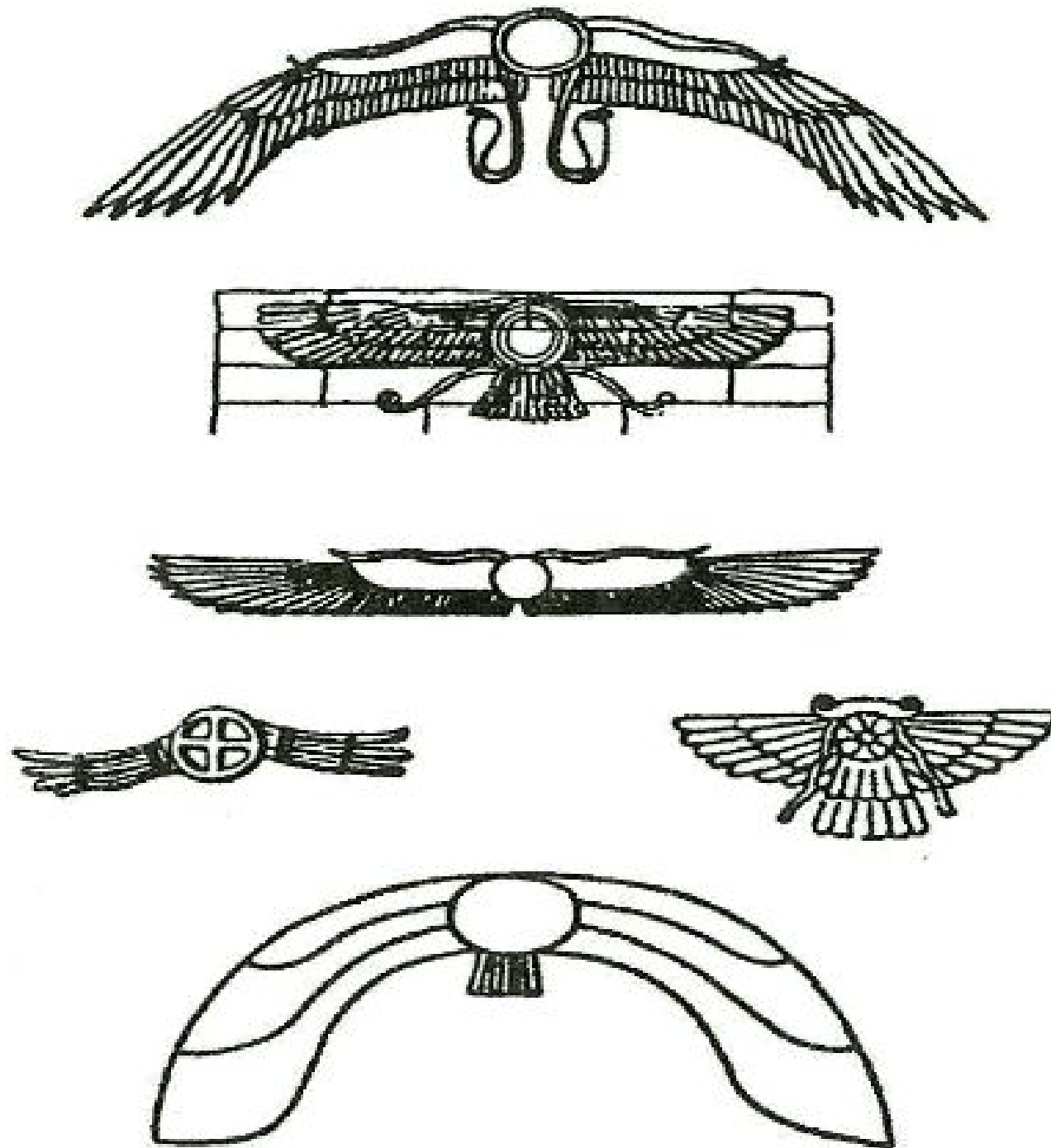


Figura 10

O que sabemos dos escritos desses dois estudiosos nos transporta às próprias épocas pré-históricas e aos intrigantes acontecimentos dos versículos do Gênesis 6; leva-nos para além da questão se os "mitos" eram verdadeiros - uma memória

coletiva de acontecimentos passa dos - e nos força a defrontar a descoberta de que são versões de registros reais, alguns dos quais pretendem ser *dos Dias Que Antecederam o Dilúvio*.

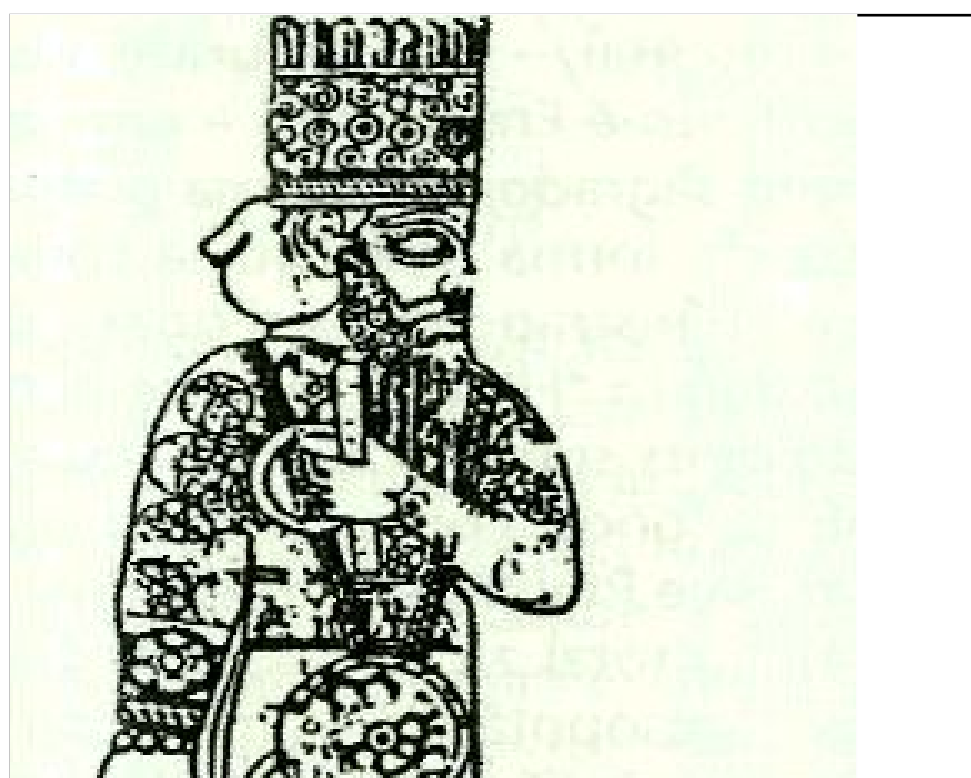
BABILÔNIA E MARDUK

Chamada de *Bab-lli* (= "Portal dos deuses") em acadiano (da qual surge *Babel* na Bíblia), a cidade era a capital que cedeu seu nome ao reino no Rio Eufrates, a norte da Suméria e Acádia. Até escavações arqueológicas, iniciadas antes da Primeira Guerra Mundial, trazerem à luz sua localização e extensão territorial, sua existência era conhecida apenas na Bíblia - primeiro pelo conto bíblico da Torre de Babel, depois por meio de acontecimentos históricos registrados nos livros dos reis e profetas.

A ascensão e história da Babilônia estavam intimamente ligadas às fortunas e ambições do deus **Marduk**, cujo templo principal - um zigurate chamado *E.sag. il* (= "Casa Cujo Topo é Eminente") - erguia-se dentro de um amplo recinto sagrado, onde uma pletera de sacerdotes era disposta de forma hierárquica como limpadores, açougueiros, administradores, escribas, astrônomos e astrólogos. *Mar.duk* (= "Filho do Monte Puro") era o filho primogênito do deus sumério Ea/Enki, cujos domínios se situavam na África (onde, como já sugeri, eram venerados como os deuses Ra e Ptah, respectivamente). Mas Marduk buscava o domínio total ao estabelecer seu "Umbigo da Terra" na própria Mesopotâmia - um esforço que incluiu o incidente da fracassada "Torre de Babel". O sucesso surgiu, enfim, depois de 2.000 a.C., quando um resplandecente Marduk (veja ilustração na próxima página) convidou todos os outros deuses preeminentes para viver na Babilônia como seus subordinados. A Babilônia adquiriu *status* de Império com a dinastia iniciada pelo rei Hamurabi, por volta de 1.800 a.C. A decodificação de

escrituras cuneiformes encontradas por todo o antigo Oriente Próximo forneceu dados históricos acerca de suas conquistas motivadas pela religião e rivalidade com a Assíria. Após um declínio que durou algo em torno de cinco séculos, um império neobabilônico despontou novamente, e durou até o século VI a.C. Suas conquistas incluíram vários ataques a Jerusalém e a destruição do seu Templo em 587 a.C. pelo rei Nabucodonosor II - corroborando totalmente os contos bíblicos.

A cidade da Babilônia, como capital imperial, centro religioso e símbolo do reino, chegou ao fim em 539 a.C. quando foi capturada pelo rei persa-aquemênida Ciro. Em bora ele respeitasse Marduk, seu sucessor, Xerxes, destruiu o famoso zigurate em 482 a.C., pois nessa época servia apenas como uma tumba glorificada para o falecido Marduk. Foram essas ruínas do zigurate que Alexandre tentou reconstruir.



II

Os DIAS QUE ANTECEDERAM O DILÚVIO

Alistado pelo rei Ptolomeu Filadelfo por volta de 270 a.C., Maneton (do grego Men-Thoth = "Dádiva de Thot") compilou a história e pré-história do Egito Antigo em três volumes. O manuscrito original, conhecido como *Aegyptiaca*, foi guardado na Biblioteca de Alexandria, apenas para sucumbir ali com outros tesouros literários e documentários insubstituíveis em calamidades naturais ou motivadas pelo homem, incluindo o incêndio final causado pelos conquistadores muçulmanos em 642 d.C. Sabemos, no entanto, pelas citações e referências nos textos de outros estudiosos da Antigüidade (incluindo o historiador romano-judaico Josephus) que Maneton listava deuses e semi-deuses como reinantes muito antes dos faraós humanos se tornarem reis no Egito.

Os gregos não eram completamente ignorantes acerca do Egito e seu passado, pois o historiador e explorador Heródoto visitara a região dois séculos antes. Quanto ao tema dos governantes egípcios, Heródoto escreveu que os sacerdotes egípcios "disseram que Mên fora o primeiro rei do Egito". Consultando provavelmente as mesmas fontes, Maneton apresentou uma lista de faraós que também começava com um faraó chamado Mên (Menes em grego); mas foi Maneton quem primeiro organizou a sucessão dos faraós em dinastias - uma organização seguida até hoje -, combinando afiliações genealógicas com mudanças históricas. Sua abrangente Lista de Reis fornecia os nomes, a extensão do seu reinado, a ordem de sucessão e outras informações pertinentes.

O mais interessante na Lista de Faraós de Maneton e suas dinastias é que *sua lista começa com deuses e não com faraós.*

Deuses e semi-deuses, Maneton escreveu, reinaram sobre o Egito antes de qual quer faraó humano!

Seus nomes, ordem e extensão de reinados - "fabulosos", "fantásticos", dizem os estudiosos - começavam com uma dinastia divina liderada pelo deus **Ptah**, antigo Deus Criador do Egito:

Ptah	reinado	9.000 anos
Ra	reinado	1.000 anos
Shu	reinado	700 anos
Geb	reinado	500 anos
Osíris	reinado	450 anos
Seth	reinado	350 anos
Hórus	reinado	300 anos
Sete	reinado	12.300 anos

deuses

Como seu pai Ptah, **Ra** era um deus "do Céu e da Terra", que surge em épocas mais remotas, vindo do "Planeta de Milhões de Anos" em uma Barca Celestial chamada *Ben-Ben* (que significa "Pássaro Piramidal"); a barca era guardada no Santo dos Santos, no templo da cidade sagrada de Anu (a bíblica *On*, mais conhecida pelo seu nome grego subsequente, Heliópolis). Embora desfrutasse uma longevidade desenfreada e fosse importante nos assuntos egípcios durante os milênios seguintes, o reinado de Ra como sucessor de Ptah foi interrompido - abruptamente - após meros mil anos. A razão disso, como veremos, foi importante para a nossa busca.

Segundo Maneton, a primeira dinastia divina que terminou com Hórus foi sucedida por uma segunda, encabeçada pelo deus **Thot** (outro filho de Ptah, mas apenas meio-irmão de Ra). Seu reinado durou 1.570 anos. Ao todo, disse Maneton, os deuses reinaram por 13.870 anos. *Seguiu-se* uma dinastia de 30 *semi-deuses*; eles reinaram por 3.650 anos. Então, após um período intermediário caótico que durou 350 anos, sem ninguém para

reinar sobre todo (ou seja, tanto o Baixo como o Alto) Egito, *Mên* iniciou a primeira dinastia humana dos faraós, governando um Egito unificado.

Várias descobertas arqueológicas modernas que corroboraram a lista faraônica e ordem de sucessão de Maneton incluem um documento conhecido como o Papiro de Turim e um artefato chamado de a Pedra de Palermo, que receberam esses nomes dos museus italianos onde são mantidos. Entre as descobertas comprovadoras também se inclui a inscrição em uma pedra chamada de Lista de Abidos, na qual os faraós da 19ª Dinastia, Seti I e seu filho Ramsés II, que reinaram mil anos antes da época de Maneton, representam a si mesmos (Figura 11). Talhada nas paredes do templo principal em Abidos, uma cidade do Alto Egito, a inscrição lista os nomes de 75 de seus predecessores, começando por "Menés". O Papiro de Turim corrobora o divino e o semidivino de Maneton e suas listas de intervalos caóticos, e cita um total de 330 governantes (incluindo faraós subsequentes), exatamente como fora relatado a Heródoto.

O famoso egiptólogo *sir* W. M. Flinders Petrie escavou uma série de tumbas em um cemitério muito antigo nos arredores de Abidos. Estelas que serviram como lápides e outras inscrições identificaram o local - situado ao lado de uma suposta tumba de Osíris - como o cemitério da primeira e segunda dinastia de faraós; a seqüência de tumbas, de leste a oeste, começa por uma que contém o nome do rei Menés.

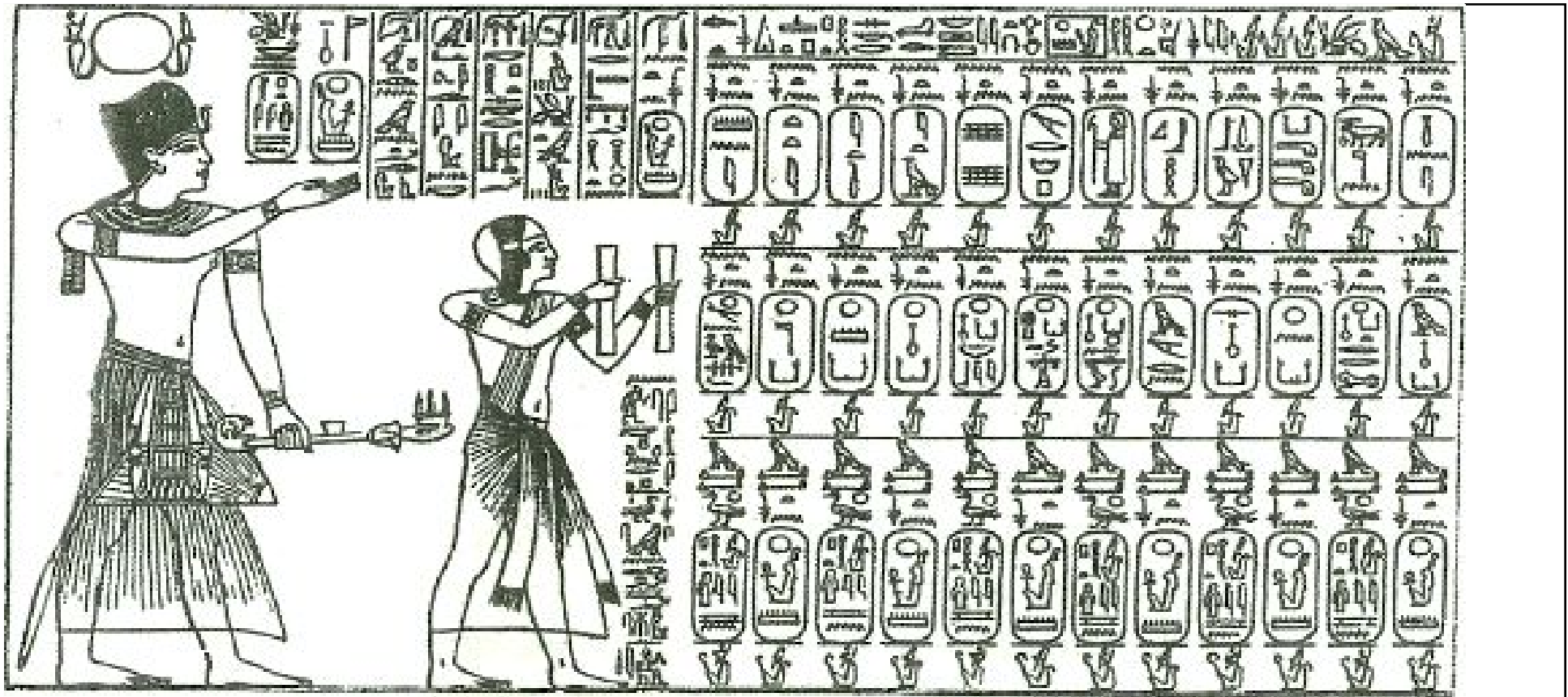


Figura 11

Petrie identificou tumbas que continham os nomes de todos os faraós da primeira dinastia e, em sua obra-prima, *The Royal Tombs of the First Dynasty* (1900/1901), reconheceu que as descobertas confirmavam a lista de Maneton. Além disso, ele encontrou tumbas com nomes de reis pré-dinásticos, apelidando-os de "Dinastia 0". Egíptólogos subsequentes os identificaram como governantes durante o Período Caótico listado por Maneton, corroborando também essa parte das suas listas.

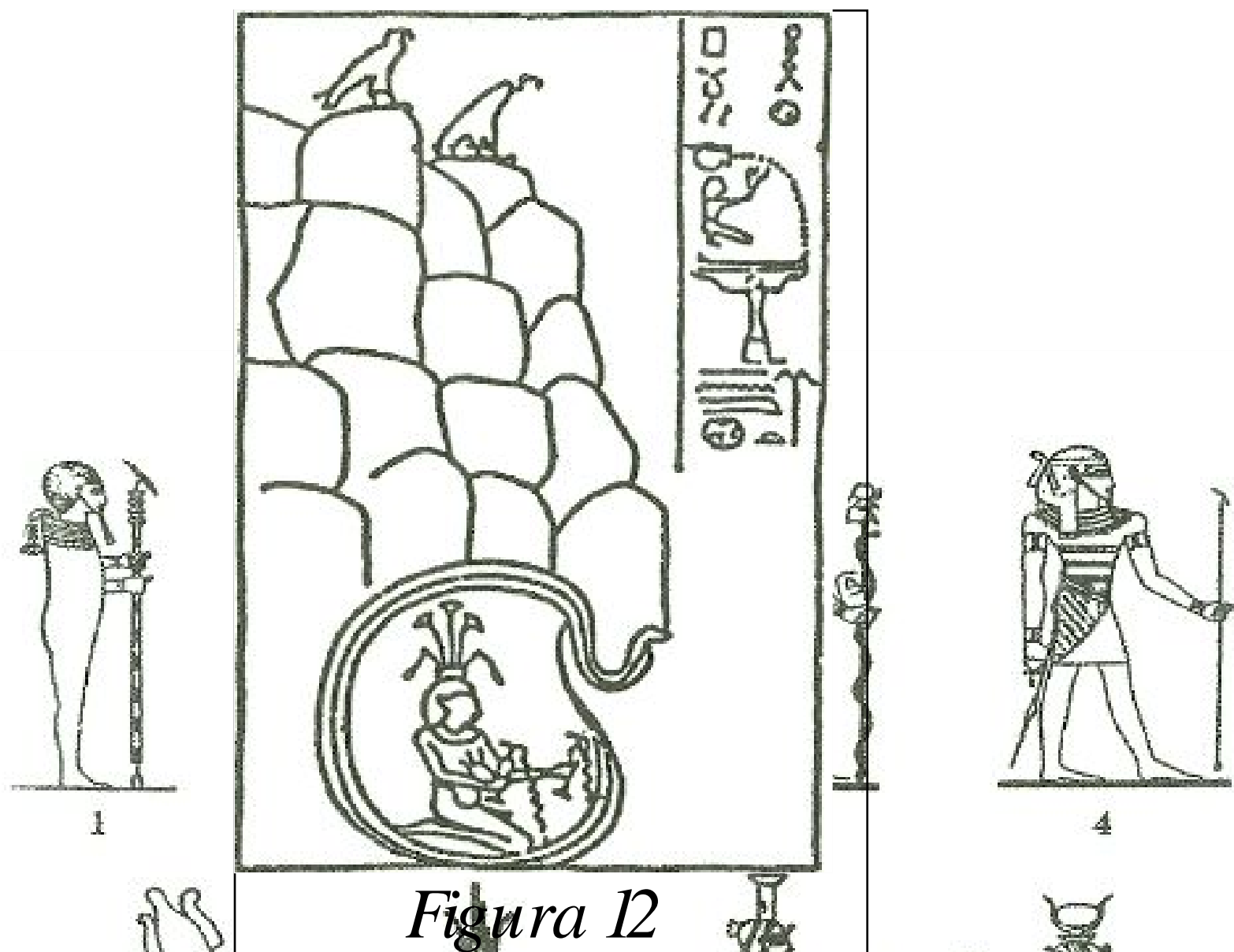
A importância de tais dados comprobatórios vai além do tema de dinastias divinas e semi-divinas em épocas pré-faraônicas: eles esclarecem, de forma significativa, o tema do Dilúvio e dos tempos pré-diluvianos. Uma vez que hoje se sabe com certeza que o reinado faraônico começou no Egito por volta de 3.100 a.C., a linha do tempo de Maneton nos remete a 20.970 a.C. ($12.300 + 1.570 + 3.650 + 350 + 3.100 = 20.970$). O clima e outros dados apresentados nos meus livros *O 12^a Planeta* e *Gênesis Revisitado* levaram à conclusão de que o Dilúvio ocorreu há alguns 13 mil anos, por volta de 10970 a.C.

A resultante *diferença de 10 mil anos (20970-10970) é exatamente a extensão conjunta dos reinados divinos de Ptah (9 mil anos) e o interrompido reinado de Ra (mil anos)*. Esse é um sincronismo significativo que liga o cronograma de Maneton ao Dilúvio. Sugere que Ptah reinou antes do Dilúvio. E confirma

a realidade do Dilúvio e seu momento, por um lado; e a veracidade dos dados divinos e semidivinos de Maneton, por outro lado.

Por mais impressionante que pareça esse sincronismo, não é mera coincidência. Os egípcios chamavam seu país de "A Terra Erguida" porque, em dado momento, a cultura antiga disse que ele foi inundado por uma avalanche de águas esmagadoras que alagaram completamente a região. O deus Ptah, um grande cientista, veio ao seu resgate. Na ilha Abu, no Rio Nilo (também chamada de Elefantina em razão de seu formato), próximo à primeira catarata do rio, no Alto Egito, Ptah formou uma caverna nas rochas imensas e instalou nela comportas que controlavam o fluxo da água, possibilitando que o solo por baixo do rio secasse - literalmente, aos olhos egípcios, erguendo a terra por baixo das águas. A proeza foi representada na arte egípcia (Figura 12); o grande e moderno dique em Aswan está localizado no mesmo sítio próximo à primeira catarata.

Esses acontecimentos podem explicar por que o deus que então assumiu o reinado sobre o Egito era chamado *Shu*, cujo nome - "Aridez" - tratava do final da catástrofe aquática. Seu sucessor usava o nome *Geb* (que significa "Ele que amontoa"), pois se empenhou em grandes trabalhos para manter a terra ainda mais habitável e produtiva. Como peças em um quebra-cabeça, todos esses fatos diversos se juntam ao registro egípcio do Dilúvio, a Grande Inundação, por volta de 10.970 a.C.



A esses pequenos pedaços da pré-história egípcia que tratam do Dilúvio podemos acrescentar o fato de que, em seu empenho para unificar o Egito, Mên emulou Ptah criando uma ilha artificial no Nilo, onde o rio começa a se ramificar em um delta, e construiu ali uma nova capital dedicada ao deus Ptah; chamou-a de Mên-Nefer ("O Bom Lugar de Mên") - Mênfis, em grego.

Assim como a arte e história gregas, a história e pré-história do Antigo Egito não podem ser separadas da presença ativa e da existência física de seus deuses. Para onde quer que se olhe ou se vire no Egito, as estátuas, esculturas, representações pictóricas, templos, monumentos, textos inscritos e ilustrados dentro de pirâmides, em tampas de ataúdes ou nas paredes das tumbas - todas falam, nomeiam e retratam os deuses do Egito e seu panteão preeminente (Figura 13). Tudo o que foi registrado e representado antes do tempo de Maneton, ou descoberto depois dele, corrobora suas listas de dinastias faraônicas; *por que também não aceitar a realidade de deuses, seguidos por semi-deuses, como gover nantes do Egito antes dos faraós humanos*

O DISCO CELESTIAL E OS DEUSES DO EGITO

1. Ptah 2. Amon Ra 3. Thot 4. Seker
5. Osíris 6. Ísis com Hórus 7. Nephtys 8. Hathor

Os deuses com seus atributos:

9. Ra/Falcão 10. Hórus/Falcão 11. Seth/Asno de Sinai 12.
Thot/Íbis
13. Hathor/Vaca

Nos domínios selêucidas, a tarefa de compilar o relato do passado foi atribuída a um historiador e sacerdote babilônio chamado Beroso (grego para *Bel-Re'ushu* = "O Senhor [Bel = Marduk] é seu pastor") que nasceu na Babilônia quando Alexandre, o Grande estava lá. Sua tarefa era muito mais complexa do que aquela de Maneton no Egito, pois sua compilação não se limitava apenas a uma região; ela tinha de abranger muitas regiões, reinos distintos e diversos governantes que reinaram não necessariamente em sucessão, mas, às vezes, de forma contemporânea em diferentes capitais (e algumas vezes beligerantes).

Os três volumes que ele compôs (chamados *Babyloniaca* e dedicados ao rei Antíoco I, 279-261 a.C.) já não existem, mas partes deles foram mantidas, copiadas e extensivamente citadas na Antiguidade por gregos estudiosos contemporâneos e, mais tarde, por outros historiadores gregos e romanos (incluindo Josephus). É por meio dessas referências e citações, coletivamente conhecidas como "Fragmentos de Beroso", que sabemos que Beroso optou por "globalizar" o assunto: preferiu escrever não a história de uma nação ou de um reinado, mas de toda a Terra; não de um grupo de deuses, mas de todos os deuses da Humanidade em geral; e como todos - deuses, semideuses, reinados, reis, seres humanos, civilização - vieram a existir. É a partir desses Fragmentos que sabemos que Beroso dividiu o passado entre uma época antes da Grande Inundação e as eras subsequentes à Inundação, e afirmou que, antes de haver homens, os deuses governavam a Terra, sozinhos.

Alexandre Polístor (ou o Polímata), um geógrafo e historiador greco-romano do século I a.C., relatou em relação à era pré-diluviana que "no segundo livro [de Beroso] estava a história de dez reis dos caldeus, e os períodos de cada reinado, que consistiam, coletivamente, em 120 *Shars*, ou 432 mil anos, chegando até a época do Dilúvio". ("Caldeus" era um termo

usado para descrever os residentes com conhecimento astronômico na antiga Mesopotâmia).

O número total de 432 mil anos englobava os reinados combinados dos dez governantes listados, cujos reinados individuais duraram algo entre 10.800 a 64.800 anos. Os historiadores gregos que citaram Beroso explicaram que as grandes extensões dos reinados daqueles governantes eram, de fato, fornecidas em unidades numerais chamadas *Shar*, cada *Shar* - *Saros*, em grego - equivalente a 3.600 anos. O historiador grego Abideno, um discípulo de Aristóteles que citou Beroso, deixou claro que esses dez governantes e suas cidades ficavam na antiga Mesopotâmia e explicou como o período de seus reinados foi interpretado:

Diz-se que o primeiro rei da Terra foi Aloros; ele reinou por dez *Shars*. Hoje, um *Shar* é considerado 3.600 anos.

Depois dele, Alaparos reinou por três *Shars*. A ele sucedeu Amilaros da cidade de Pantibblon, que reinou por 13 *Shars*.

Depois dele, Amenon reinou por 12 *Shars*; ele era da cidade de Pantibblon.

Em seguida, Megalaros, da mesma cidade, 18 *Shars*. Depois Daos, o Pastor, governou pelo espaço de dez *Shars*. Posteriormente reinaram Anodaphus e Euedocus. Houve, depois, outros governantes, e o último de todos, Sisithrus; assim, ao todo, seu número equivalia a dez reis, e o período de seus reinados a 120 *Shars*.

Apolodoro de Atenas (século II a.C.) também relatou as descobertas pré-diluvianas de Beroso em termos semelhantes: dez governantes reinaram um total de 120 *Shars* (= 432 mil anos), e o reinado de cada um deles era medido em unidades *Shar* de 3.600 anos. De fato, todos aqueles que citaram Beroso afirmam que ele listou dez governantes divinos que reinaram do

início até a Grande Inundação, tratando o Dilúvio como um acontecimento decisivo. Os nomes dos dez governantes pré-diluvianos (representados com nomes gregos por aqueles que citavam Beroso) e a extensão de seus reinados, totalizando 120 *Shars*, eram os apresentados abaixo. (Embora a seqüência de sucessões variasse, todas as citações concordam que um "Alorus" foi o primeiro e um "Ziusudra" foi o último.)

Alorus	reinou por	10 Shars(= 36.000 anos)
Alaparos	reinou por	3 Shars (= 10.800 anos)
Amelon	reinou por	13 Shars(= 46.800 anos)
Amenon	reinou por	12 Shars(= 43.200 anos)
Megalaros	reinou por	18 Shars(= 64.800 anos)
Daonos	reinou por	10 Shars(= 36.000 anos)
Euedocus	reinou por	18 Shars(= 64.800 anos)
Amempsinos	reinou por	10 Shars(= 36.000 anos)
Obartes	reinou por	8 Shars (= 28.800 anos)
Ziusudra	reinou por	18 Shars(= 64.800 anos)
<hr/>		
Dez governantes	reinaram por	120 Shars (= 432.000 anos)

As citações de Beroso indicam que seus escritos tratavam de vários temas acerca da própria Humanidade - como ela veio a existir, como adquiriu conhecimento e como se espalhou e se estabeleceu na Terra. No início, apenas deuses viviam na Terra. Os homens surgiram, de acordo com os Fragmentos de Beroso, quando *Deus*, também chamado *Belos* (um nome que significa "Senhor"), decidiu criar o Homem. Ele usou para esse objetivo um "princípio duplo", mas os resultados foram "seres hediondos". "O Homem surgiu com duas asas, alguns com quatro, e dois rostos (...) Outras figuras humanas eram vistas com pernas e chifres de cabras (...) Touros, da mesma forma, procriavam ali com cabeças humanas (...) De todos, eram preservados delineamentos no templo de Belus, na Babilônia".

(*Belus*, grego para *Bel/Ba'al*, "o Senhor", era na Babilônia um epíteto para o deus Marduk.)

Do tema sobre como os homens adquiriram inteligência e conhecimento, Beroso escreveu que surgiram assim: um líder dos prévios governantes divinos, chamado *Oannes*, atracou na costa e ensinou à Humanidade todos os aspectos da civilização. "Ele era um Ser do tado de raciocínio, um deus que fez sua aparição no Mar da Eritréia que demarcava a Babilônia." Beroso relatou que, embora *Oannes* se parecesse com um peixe, ele tinha uma cabeça humana por baixo da cabeça de peixe, e tinha pés humanos por baixo da cauda de peixe. "Sua voz também e a linguagem eram articulados e humanas". ("Uma representação dele", Alexandre Polímata acrescentou, "está preserva da até os dias de hoje".)

Esse *Oannes* "costumava conversar com os homens; dava-lhes entendimento das letras e ciências e todos os tipos de arte; ensinou-lhes a construir casas, a fundar templos, a compilar leis; e explicou-lhes os princípios dos conhecimentos geométricos". Foi *Oannes*, de acordo com os Fragmentos registrados por Polímata, que escreveu o conto que explicava como a Humanidade veio a existir, a Criação sendo precedida por "um tempo no qual não havia nada além de escuridão e um abismo de águas".

Os Fragmentos de Beroso incluíam, então, detalhes do acontecimento definitivo, a Grande Inundação, que separou a era dos deuses da época dos homens. De acordo com Abideno, Beroso relatou que os deuses mantiveram o conhecimento do iminente e devastador Dilúvio como um segredo da Humanidade; mas o deus Cronos (nas lendas gregas, um filho do deus Urano = Céu e pai do deus Zeus) revelou o segredo a "Sisithros" (= o último chamado *Ziusudra* dos dez governantes pré-diluvianos):

Cronos revelou a Sisithros que haveria um Dilúvio no 15º dia de Daisios, e ordenou-lhe que escondesse em Sippar, a cidade do deus Shamash, todos os manuscritos disponíveis. Sisithros cumpriu tais ordens, e navegou imediatamente para a Armênia; e, em seguida, o que o deus anunciara realmente aconteceu.

Para saber se o Dilúvio acabara, de acordo com as citações de Abideno, Sisithros soltou pássaros para procurar terra seca. Quando o barco chegou à Armênia, Sisithros fez sacrifícios aos deuses. Ele instruiu as pessoas que o acompanhavam no barco a voltar para a Babilônia; e, quanto a ele mesmo, foi levado pelos deuses para passar o restante de sua vida com eles.

O relato de Polímata era mais longo e detalhado. Após reportar que "depois da morte de Ardates [ou Obartes], seu filho Ziusudra reinou por 18 Sars e em sua época a Grande Inundação aconteceu", Polímata reproduziu o conto caldeu desta forma:

A divindade, Cronos, apareceu a ele em uma visão e deu-lhe o aviso de que no 15º dia do mês Daisios haveria uma Inundação pela qual a Humanidade seria destruída.

Ele o encarregou de escrever a história dos Começos, Meios e Fins de todas as coisas, até o momento presente; e a enterrar esses relatos com segurança na cidade do deus Sol, em Sippar; E a construir uma embarcação e levar nela, com ele, seus parentes e amigos.

Ele deveria armazenar comida e água e colocar pássaros e animais a bordo, e zarpar quando tivesse tudo pronto.

Seguindo essas instruções, Ziusudra construiu um barco, "cinco estádios de comprimento e dois estádios de largura". Prevendo algumas sobranceiras levantadas em desaprovação por parte dos outros aldeões, Ziusudra foi instruído por seu deus a apenas dizer que ia "navegar com os deuses, para rezar por

bênçãos para os homens". Em seguida, ele levou a bordo sua esposa e filhos "e amigos mais próximos".

Quando a Inundação abaixou, "Ziusudra libertou alguns pássaros que, não encontrando comida, regressaram para a embarcação". Na terceira tentativa, os pássaros não regressaram e Ziusudra deduziu que a terra aparecera. Quando o barco ficou encalhado, Ziusudra, sua esposa, sua filha e seu comandante se dirigiram para a costa para nunca mais serem vistos, "pois foram levados para viver com os deuses". Aqueles deixados a bordo ouviram uma voz oculta dizer-lhes que estavam na Armênia, e foram instruídos a retornar ao seu país e "resgatar os manuscritos de Sippar e disseminá-los entre a Humanidade". E assim o fizeram:

Eles voltaram para a Babilônia, desenterraram os manuscritos de Sippar, fundaram muitas cidades, instalaram santuários e, mais uma vez, estabeleceram a Babilônia.

De acordo com os Fragmentos, Beroso escreveu que, no início, "todos os homens falavam a mesma língua". Mas, depois, "alguns dentre eles encarregaram-se de erigir uma torre grande e alta, de onde poderiam subir ao céu". Mas Bel, enviando adiante um furacão, "confundiu seus projetos e deu a cada tribo uma língua particular e própria". O lugar no qual construíram a torre é hoje chamado de Babilônia.

As semelhanças entre os contos de Beroso e aqueles do livro do Gênesis da Bíblia são muito óbvias; elas se estendem para além do tema do Dilúvio e se combinam em muitos detalhes.

O Dilúvio, de acordo com Beroso, ocorreu no reinado do Décimo governante pré-diluviano, Ziusudra, e começou no mês Daisos, que era o segundo mês do ano. A Bíblia (Gênesis 7:12), da mesma forma, enuncia que o Dilúvio ocorreu "no 600º ano

da vida de Noé, *no segundo mês*". Noé sendo o décimo patriarca bíblico pré-diluviano (começando com Adão).

Assim como Ziusudra/Sisithros, Noé foi avisado por seu deus de uma devastadora avalanche de água prestes a acontecer, e foi instruído a construir uma embarcação à prova d'água seguindo especificações precisas. Ele deveria levar a bordo sua família, animais e pássaros - como Ziusudra fez. Quando as águas baixarem, ambos libertaram pássaros para ver se a terra seca reaparecia (Noé enviou dois pássaros, primeiro um corvo, depois uma pomba). O barco de Sisithros parou "na Armênia"; a arca de Noé parou nas "montanhas do Ararat", que ficam na Armênia.

Outro acontecimento importante é igualmente relatado tanto pela Bíblia quanto por Beroso: o incidente da Torre de Babel que resultou na Confusão das Línguas. Citamos anteriormente a versão de Beroso; como ela, a Bíblia começa o relato (no Gênesis 11) com a afirmação de que na época "toda a Terra possuía uma língua e um tipo de pala vras". Então, as pessoas disseram: "deixem-nos construir uma cidade e uma torre cujo topo pode alcançar os céus". Beroso afirma a mesma coisa: as pessoas empenharam-se em "erigir uma torre grande e alta, de onde poderiam subir ao céu". Na Bíblia, Deus ("Yahweh") "desceu para ver a cidade e a torre que os Filhos do Adão tinham construído". Ele ficou preocupado e "confundiou sua língua com o intuito de não se compreenderem" e "espalhou as pessoas pela face da Terra". Beroso imputa a Confusão das Línguas ao Senhor ("Bel") e atribui a dispersão da Humanidade ao uso de um Furacão por parte da divindade.

Será que tais semelhanças significam que os capítulos de abertura do Gênesis são um grande "Fragmento de Beroso" e que os compiladores da Bíblia Hebraica copiaram Beroso? Provavelmente não, pois toda a parte da Torá da Bíblia Hebraica, seus primeiros cinco livros, do Gênesis ao Deuteronômio, já

estava "selada" - canonizada em uma versão final inalterada desde então - muito antes da época de Beroso.

É um fato histórico que a Bíblia Hebraica já estava em sua versão "selada" quando os cinco livros da Torá e o restante da Bíblia foram traduzidos, no Egito, para o grego, por ordem do mesmo Ptolomeu Filadelfo (285-244 a.C.), que encarregara Maneton de escrever a história do Egito. A tradução, ainda existente e disponível, é conhecida como *Septuagint* ("Dos Setenta") porque foi levada a cabo por um grupo de 70 estudiosos. Uma comparação do seu texto grego com a Bíblia Hebraica não deixa dúvidas de que aqueles sábios já tinham diante de si a versão canonizada da Bíblia Hebraica como a conhecemos hoje - uma Bíblia que já estava em sua versão final *antes* da época de Beroso (e Maneton).

Então, Beroso utilizou a Bíblia Hebraica como sua fonte? Isto também é improvável. Com exceção de suas referências aos deuses "pagãos" (Cronos, Bel, Oannes, Shamash) ausentes na Bíblia monoteísta, muitos detalhes de seus manuscritos não são encontrados na versão bíblica, por isso suas fontes tinham de ser outras além da Bíblia. Uma diferença muito significativa ocorre no conto da Criação do Homem, com seus contratempos aterrorizantes na versão de Beroso, em contraste com a tênue versão "Vamos moldar o Adão" da Bíblia.

Há diferenças em pormenores mesmo onde as duas versões coincidem, como na história do Dilúvio em relação ao tamanho do navio e, mais importante, sobre quem foi levado a bordo para ser salvo. Algumas das diferenças não são insignificantes: de acordo com Beroso, havia a bordo, além dos familiares próximos de "Noé", vários de seus amigos, assim como um comandante habilidoso; e não era assim na Bíblia, onde constavam apenas Noé, sua esposa e seus três filhos com suas esposas. Esta não é uma questão secundária: *caso seja verdadeira, então a Humanidade pós-diluviana, genética e*

genealogicamente, não provém apenas de um Noé e seus únicos três filhos.

Todo o conto de Oannes, o deus vestido como um peixe, vadeando em direção à costa para conceder civilização à Humanidade, não se encontra em nenhuma parte da Bíblia. Também está ausente da Bíblia a referência a uma cidade pré-diluviana chamada Sippar ("a cidade do deus-sol Shamash") e a custódia ali de "cada manuscrito disponível". Ao alegar que os registros pré-diluvianos "*Começos, Meios e Fins*" não apenas existiram, mas foram escondidos para ser protegidos e foram recuperados após a "Babilônia" ser restabelecida, Beroso poderia ter buscado legitimidade para sua versão dos acontecimentos pré-históricos; mas ele também sugeriu que aqueles Registros do Passado continham pistas do Futuro - o que a Bíblia, e nós hoje em dia, chamamos "O Fim dos Tempos". Embora o tema de ligar o Futuro ao Passado seja parte da profecia bíblica, na Bíblia ele é mencionado pela primeira vez em relação a Jacó - muito depois do Dilúvio.

A conclusão lógica - que tanto os compiladores do Gênesis como Beroso tiveram acesso ao mesmo material ou a fonte semelhante, que cada um usou de forma seletiva - foi confirmada pela Arqueologia. Mas em tal conclusão tanto as semelhanças quanto as diferenças nos levam de volta ao ponto de partida, os versos enigmáticos do Gênesis 6: quem eram os *nefilins*, que eram os filhos de deuses - *e quem, de fato, era Noé?*

O NAVIO DE NOÉ

No texto sumério, o navio de Ziusudra foi denominada do *Ma.gur.gur* = um "navio que pode virar e dar cambalhotas". Nos textos acadianos, ele era mencionado como um *Tebitu*, com o "T" pronunciado de maneira forte, significando um navio

submergível; o redator bíblico reproduziu-o com um "T" suave, uma *Teba* - uma "Caixa" (daí a "arca" nas traduções). Em todas as versões, o navio era hermeticamente selado com betume, mas possuía uma abertura.

De acordo com o Épico de Gilgamesh, o navio que *Utnapishtim*, o nome do herói do Dilúvio em acadiano, foi instruído a construir tinha 300 cúbitos (cerca de 160 metros) de comprimento, 120 cúbitos (cerca de 64 metros) de largura no topo, e tinha um "baluarte" (altura) de 120 cúbitos divididos por seis conveses em sete níveis, "um terço dele acima da linha da água".

O Gênesis 6:15 também relata um comprimento de 300 cúbitos, mas apenas 50 cúbitos (cerca de 27 metros) de largura, e apenas 30 cúbitos (cerca de 16 metros) de altura, com apenas três andares (o superior com teto incluído).

No início do século XX, estudiosos da Bíblia fizeram comparações com os maiores navios de passageiros então conhecidos por eles:

O *Great Eastern*, construído em 1858, tinha 207 metros de comprimento, 25 metros de largura e 14 metros de profundidade;

O *Cidade de Roma*, construído em 1881, media 170,16 e 11 metros, respectivamente.

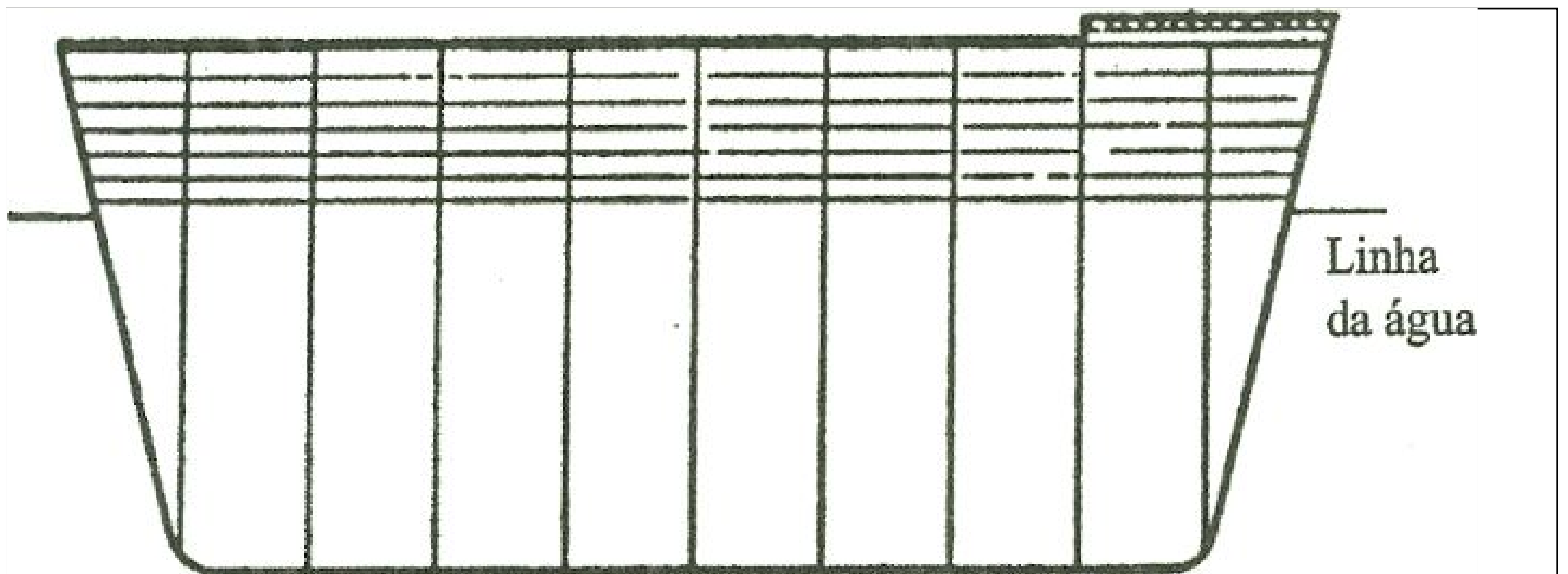
O famoso *Lusitania*, 1907, media 232, 27 e 17 metros respectivamente;

Seu navio-irmão, o *Mauretania*, foi o primeiro a ter oito conveses.

Aquelas proporções modernas de comprimento/largura/altura parecem concordar mais com a descrição bíblica: a Arca de Noé era tão extensa quanto o *Cidade de Roma*, tão larga quanto o *Great Eastern* e tão alta quanto o *Lusitania*.

Em seu estudo de 1927, "The Ship of the Babylonian Noah", o

assiriólogo Paul Haupt sugeriu o desenho mostra do abaixo, baseado nos vários textos antigos.



III EM BUSCA DE No é

A decodificação de escrituras hieroglíficas egípcias foi decisivamente facilitada pela descoberta acidental, durante a expedição de Napoleão ao Egito, em 1799, da Pedra de Roseta - uma tabuleta de granito de 196 a.C. (hoje em exibição no Museu Britânico, Figura 14) na qual uma proclamação ptolemaica real foi inscrita em três línguas: hieróglifos egípcios, uma escrita cursiva egípcia mais tardia, chamada demótica, e grego. Foi a parte grega que serviu como chave para desvendar os segredos da linguagem e escrita egípcia antiga.

Nenhuma "Pedra de Roseta", a descoberta única, decisiva e importante de uma tabuleta ocorrera no antigo Oriente Próximo; lá, o processo de descoberta foi longo e maçante. Mas lá também outras formas de inscrições multilíngues levaram à decodificação adiante; acima de tudo, houve progresso quando se percebeu que a Bíblia - a Bíblia Hebraica - era a chave para desvendar aqueles textos enigmáticos. Quando a decodificação foi conseguida, não apenas várias línguas, mas *vários impérios*

antigos - um deles muito surpreendente - vieram à luz. Fascinados pelos contos (aumentados com o passar dos séculos) de Alexandre, o Grande e suas conquistas, viajantes europeus se aventuraram até a distante Persépolis (grego para "Cidade dos Persas"), onde despojos de palácios, portais, escadas processionais e outros monumentos ainda permaneciam de pé (Figura 15). Linhas talhadas visíveis (que se provou serem inscrições) eram tidas, no início, como alguma forma de desenho decorativo. Um visitante de 1686 (Engelbert Kämpfer) das ruínas desse sítio persa real descreveu as marcas como "cuneiformes" (em "Forma de Cunha" - Figura 16); a designação cuneiforme manteve-se desde então para o que, na época, foi reconhecido como escrita lingual.

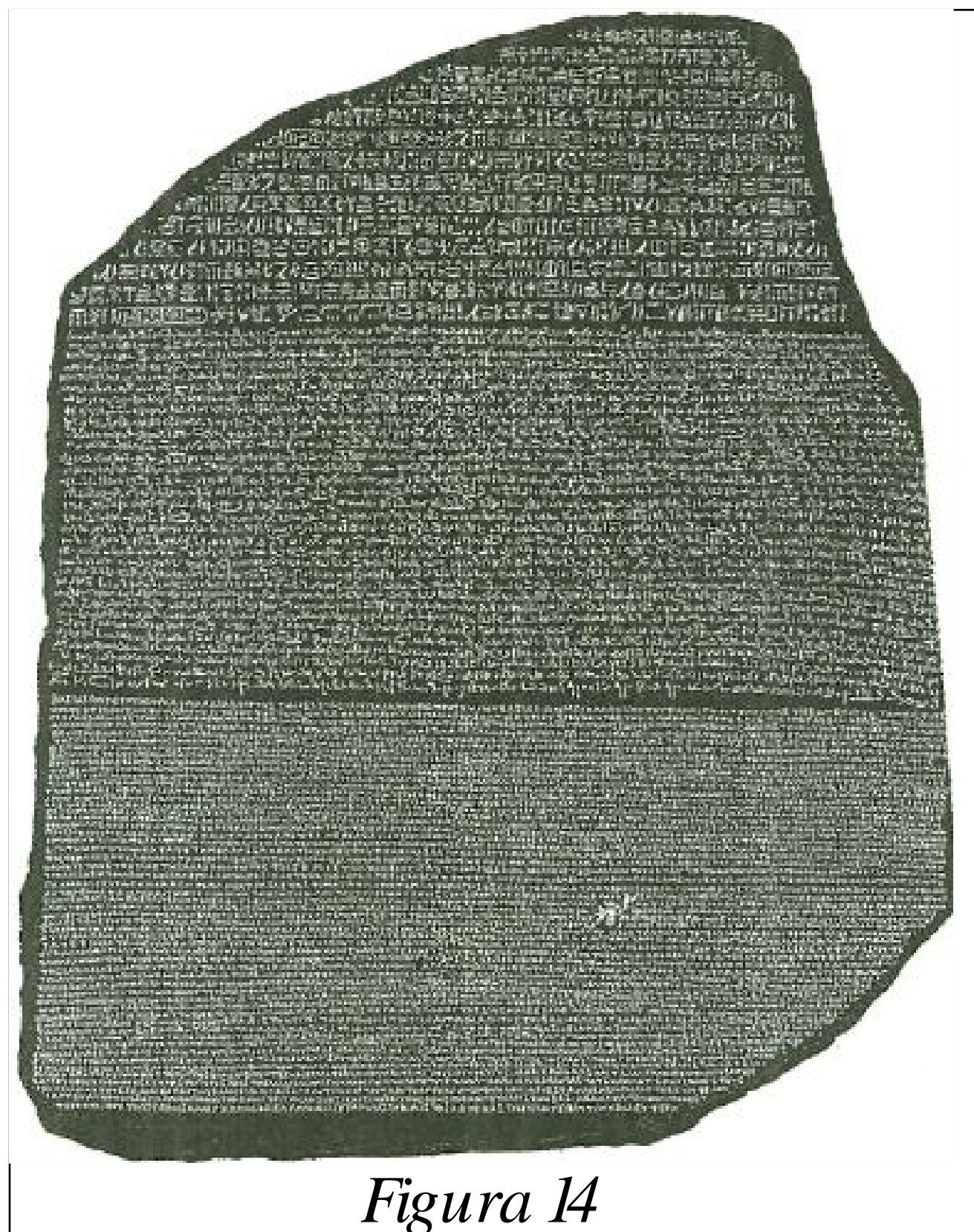


Figura 14

As variações das escrituras cuneiformes em alguns monumentos deram a idéia de que, assim como no caso do

Egito, as proclamações reais persas em um império que abrangia muitos povos diversos tam bém poderiam ser multilíngues. Os relatos divergentes dos viajantes despertaram uma atenção ainda maior para algumas inscrições persas multilíngues; a mais importante e complexa delas foi descoberta em um sítio que é hoje o norte do Irã. Foi em 1835, viajando pelas áreas remotas do Oriente Próximo antigamente dominadas pelos persas, que o britânico Henry Rawlinson se deparou com um entalhe em rochas ameaçadoras em um lugar chamado Behistun. O nome significava "Lu gar dos deuses", e o entalhe gigante que comemorava a vitória real era dominado por um deus pairando dentro de um ubíquo Disco Alado (Fi gura 17).



Figura 15

A imagem era acompanhada por longas inscrições que (uma vez decodificadas por Rawlinson e outros) vieram a ser um registro trilingue feito pelo rei persa Dario I, antecessor em um século e meio de Dario III, que lutou com Alexandre.

Percebeu-se a tempo que uma das línguas de Behistun, apelidada de persa antigo, parecia sânscrito, a língua mãe indo-européia; foi uma descoberta que abriu caminho para a decodificação do persa antigo. Partindo dali, a identidade e o significado de outras duas línguas se seguiram. Uma delas foi, mais tarde, identificada como elamita, e seu uso na Antigüidade era limitado às regiões sul do que é hoje o Irã. A terceira condizia com as escrituras encontradas na Babilônia; clas

sificada como "semítica", ela pertencia ao grupo que também incluía assírio e canaanita, cuja língua mãe é chamada "acadiano". O que se mostrava comum às três línguas Behistun era a utilização da mesma escrita cuneiforme, na qual cada sinal expressava uma sílaba inteira e não apenas uma única letra. Ali estava em um monumento o exemplo da Confusão das Línguas...

Hebraico, a língua da Bíblia, pertencia ao grupo das línguas "semíticas" originadas do "acadiano". O fato de que só o hebraico permaneceu com uma língua falada, lida e escrita durante épocas foi a chave reveladora - tanto que os primeiros estudos acadêmicos sobre babilônio e assírio (duas línguas "acadianas") forneceram listas de palavras que proporcionaram significados semelhantes em hebraico, e compararam listas de sinais cuneiformes às suas equivalentes na escrita hebraica tradicional (Figura 18 - do *Assyrian Grammar* do rev. A. H. Sayce, 1875).

N, a, á, áa 𐎒	
𐎁, á } 𐎁, á }	𐎁𐎁 ab, 𐎁𐎁 ib, 𐎁𐎁 ub. { 𐎁𐎁 ba, 𐎁𐎁 bi, 𐎁𐎁 bu, 𐎁𐎁 be 𐎁𐎁 pa, 𐎁𐎁 pi, 𐎁𐎁 or 𐎁𐎁 pu.
𐎁, á } 𐎁, á } 𐎁, á }	𐎁𐎁 ag, 𐎁𐎁 ig, 𐎁𐎁 ug. { 𐎁𐎁 ga, 𐎁𐎁 gi, 𐎁𐎁 gu, 𐎁𐎁 ge. 𐎁𐎁 ca, 𐎁𐎁 ci, 𐎁𐎁 cu. 𐎁𐎁 ka, 𐎁𐎁 ki, 𐎁𐎁 ku.
𐎁, á } 𐎁, á } 𐎁, á }	𐎁𐎁 da, 𐎁𐎁 di, 𐎁𐎁 du, 𐎁𐎁 de. 𐎁𐎁 dha, 𐎁 or 𐎁𐎁 dhi, 𐎁𐎁 dhu, 𐎁𐎁 dhe. 𐎁𐎁 ta, 𐎁𐎁 ti, 𐎁𐎁 tu, 𐎁𐎁 te.
𐎁, á. 𐎁𐎁 ab, hi, h, 𐎁𐎁 uh.	
𐎁, á, á. 𐎁𐎁 hu, ú, < u, 𐎁𐎁 va, u. <i>See also m.</i>	
𐎁, á } 𐎁, á } 𐎁, á }	𐎁𐎁 az, 𐎁𐎁 iz, 𐎁𐎁 uz. { 𐎁𐎁 za, 𐎁𐎁 zi, 𐎁𐎁 zu. 𐎁𐎁 sa, 𐎁𐎁 si, 𐎁𐎁 su. 𐎁𐎁 tsa, 𐎁𐎁 tsi, 𐎁𐎁 tsu.
𐎁, á. 𐎁𐎁 akh, 𐎁𐎁 ikh and ukh, 𐎁𐎁 ukh; 𐎁𐎁 kha, 𐎁𐎁 khi, 𐎁𐎁 khu.	
𐎁, á. 𐎁𐎁 l, 'l.	
𐎁, á. 𐎁𐎁 al, 𐎁𐎁 il, 𐎁𐎁 ul, 𐎁𐎁 el; 𐎁𐎁 la, 𐎁𐎁 li, 𐎁𐎁 or 𐎁𐎁 lu.	
𐎁, á, also v. 𐎁𐎁 {am, av, 𐎁𐎁 {im, iv, 𐎁𐎁 {um, uv; 𐎁𐎁 or 𐎁𐎁 {ma, va, 𐎁𐎁 {mi, vi, 𐎁𐎁 {nu, vu, 𐎁𐎁 {me, ve.	
𐎁, á. 𐎁𐎁 an, 𐎁𐎁 or 𐎁𐎁 in, 𐎁𐎁 na, 𐎁𐎁 ni, 𐎁𐎁 nu, 𐎁𐎁 ne. 𐎁𐎁 un, 𐎁𐎁 en.	
𐎁, á. 𐎁𐎁	
𐎁, á. 𐎁𐎁 ar, 𐎁𐎁 ir, 𐎁𐎁 or 𐎁𐎁 ur. 𐎁𐎁 ra, 𐎁𐎁 ri, 𐎁𐎁 or 𐎁𐎁 ru.	
𐎁, á. 𐎁𐎁 or 𐎁𐎁 as, 𐎁𐎁 is, 𐎁𐎁 us, 𐎁𐎁 or 𐎁𐎁 sa, 𐎁𐎁 si, 𐎁𐎁 or 𐎁𐎁 su, 𐎁𐎁 es. 𐎁𐎁 or 𐎁𐎁 se.	
Diphthongs: 𐎁𐎁 ai (aya), 𐎁𐎁 ya (ia).	

Figura 18

Notícias de ruínas intrigantes na grande planície entre os Rios Eufrates e Tigre (daí Mesopotâmia, "Terra entre os Rios") foi levada à Europa por vários viajantes dos séculos XVII e XVIII. Em seguida, sugestões de que tais ruínas representavam a Babilônia e a Níneve de fama (e ira) bíblica incitaram um interesse mais ativo. A constatação de que pessoas do século XIX d.C. fossem capazes de ler inscrições de pessoas de uma

época anterior à Grécia e à Pérsia, inscrições do tempo da Bíblia, desviou o interesse geográfico para as Terras da Bíblia e o cronológico para séculos muito anteriores.

Em algumas dessas ruínas, inscrições em escrita cuneiforme foram encontradas em tabuletas lisas - tabuletas que eram produzidas pelo homem com barro duro, em geral, mas nem sempre em formato quadrado ou oblongo, no qual os sinais em forma de cunha eram gravados quando o barro ainda estava molhado e mole (Figura 19). Curiosos quanto ao que elas representavam e o que diziam, cônsules europeus a serviço de seus países em várias regiões do Império Otomano foram pioneiros no que pode ser considerada a moderna arqueologia do Oriente Próximo; seu início - a escavação da Antiga Babilônia - aconteceu ao sul de Bagdá, no Iraque, em 1811. (Em uma reviravolta do destino, várias das

tabuletas de argila descobertas nas ruínas da Babilônia continham inscrições cuneiformes que registravam pagamentos em moedas de prata feitos por Alexandre por trabalho realizado na limpeza de entulhos do templo de Esagil.)

Em 1843, Paul Emile Botta, o cônsul francês em Mosul, uma cidade hoje localizada no norte curdo iraquiano, antes a Mesopotâmia sob o domínio otomano, escavou uma fonte antiga dessas tabuletas de argila em um *Tell* (antigo monte) perto de Mosul. O sítio era chamado Kuyunjik, nome da aldeia próxima; um Tell adjacente foi chamado de *Nebi Yunus* ("Profeta Jonas") pelos árabes locais. Botta abandonou o sítio após suas sondagens iniciais se mostrarem improdutivas. Para não ser ultrapassado pelo francês, o inglês A. Henry Layard assumiu o sítio três anos mais tarde. Os dois montes, onde Layard foi mais bem-sucedido que Botta, provaram ser a antiga capital assíria, Níneve, que é mencionada repetidamente na Bíblia e que era o destino de Jonas de acordo com o conto da Bíblia de Jonas e a Baleia.

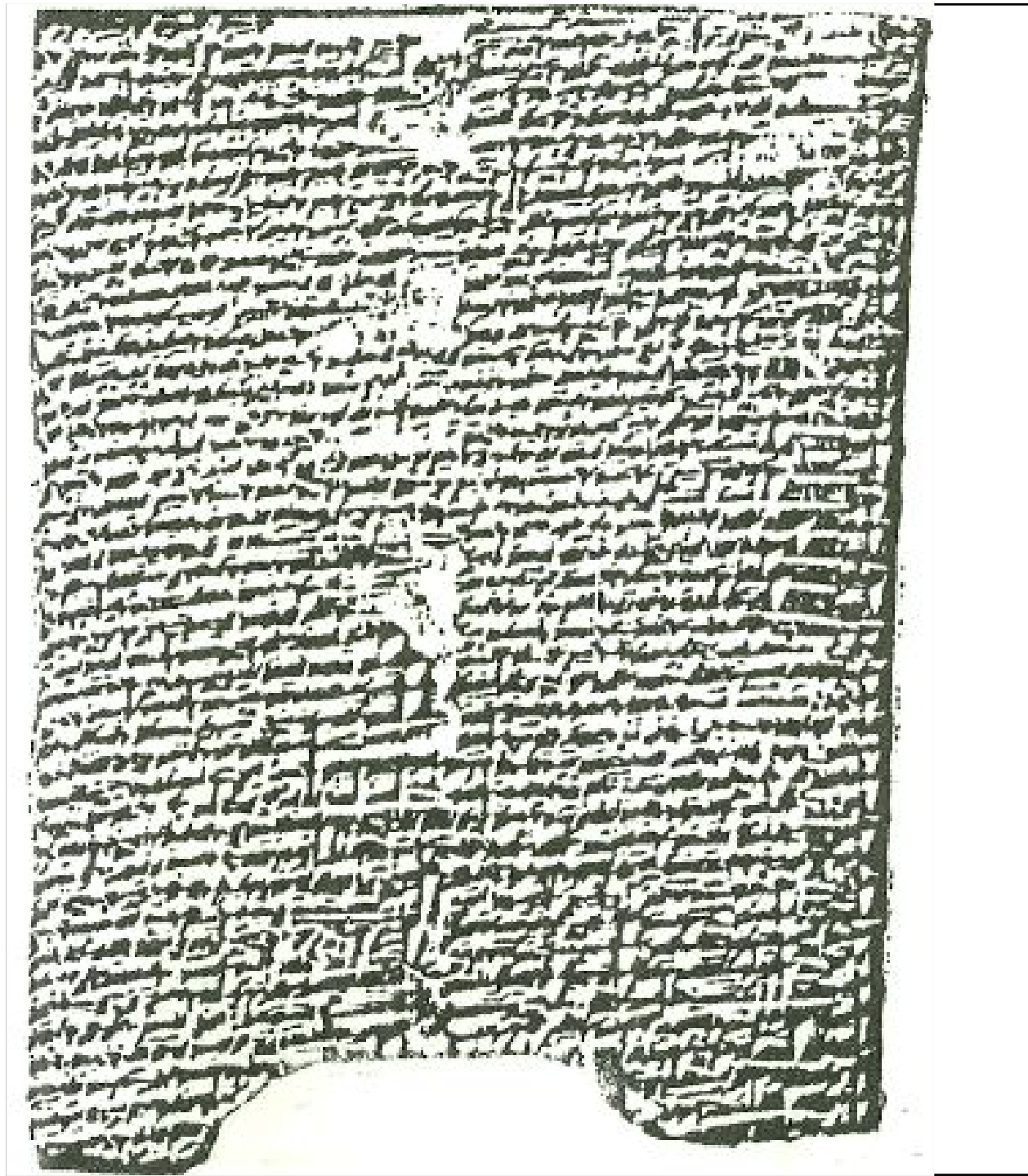


Figura 19

Botta foi bem-sucedido mais ao norte, em um sítio chamado Khorsabad, onde descobriu a capital do rei assírio Sargão II (721 -705 a.C.) e seu sucessor, o rei Senaqueribe (705-681 a.C.); Layard conquistou fama como o descobridor tanto de *Níneve* quanto da cidade assíria real *Kalhu* (chamada Calá na Bíblia) em outro sítio chamado localmente de *Nimrud*. Sem contar a Babilônia, as descobertas de ambos ofereceram pela primeira vez evidências físicas corroborando a Bíblia (Gênesis, capítulo 10) a respeito do herói *Nimrod*, da Assíria e suas principais cidades:

Ele deveria primeiro ser um herói na Região;

E o início de seu reinado:

Babel e Ereque e Acádia, todos na Terra de Shine'ar.

Desta Terra emanava *Ashur*, onde *Níneve* foi construída - uma cidade de ruas largas, e *Calá*, e Ressen - a grande cidade que

fica entre *Níneve* e *Calá*.

Em Khorsabad, os escavadores descobriram, entre os extravagantes relevos na parede que glorificavam Senaqueribe e seus conquistas, painéis retratando o seu cerco à cidade fortificada de Laquis, na Judeia (em 701 a.C.). A Bíblia (Reis 2 e em Isaías) menciona o cerco (em que Senaqueribe saiu vencedor) assim como o seu cerco fracassado à Jerusalém. As descobertas de Layard incluem uma coluna de pedra do rei assírio Shalmaneser III (858-824 a.C.) que descrevia, em texto e desenho entalhado, como ele capturou o rei Jeú de Israel (Figura 20) - um acontecimento relatado na Bíblia (Reis 2, 2 Crônicas).

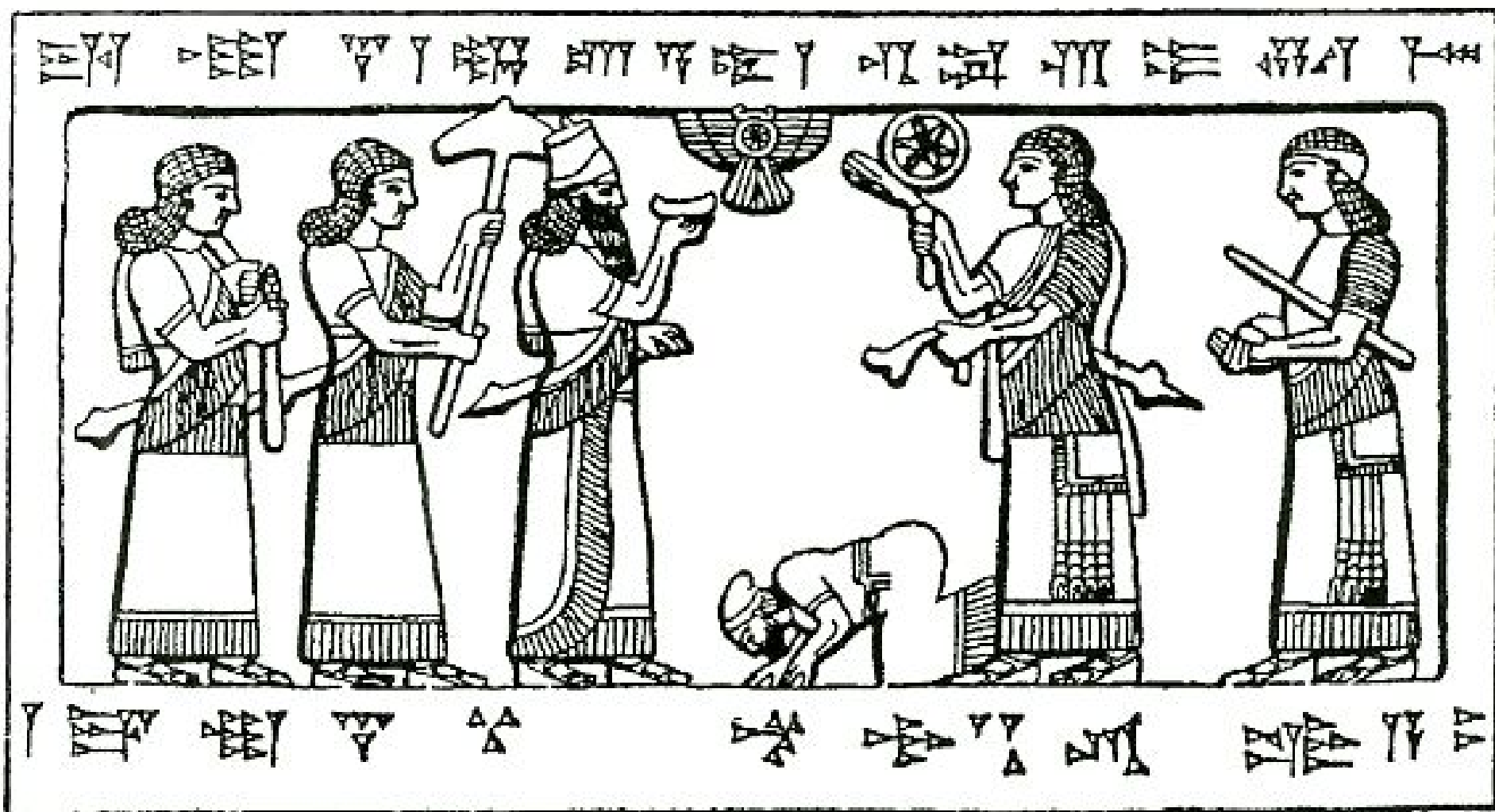


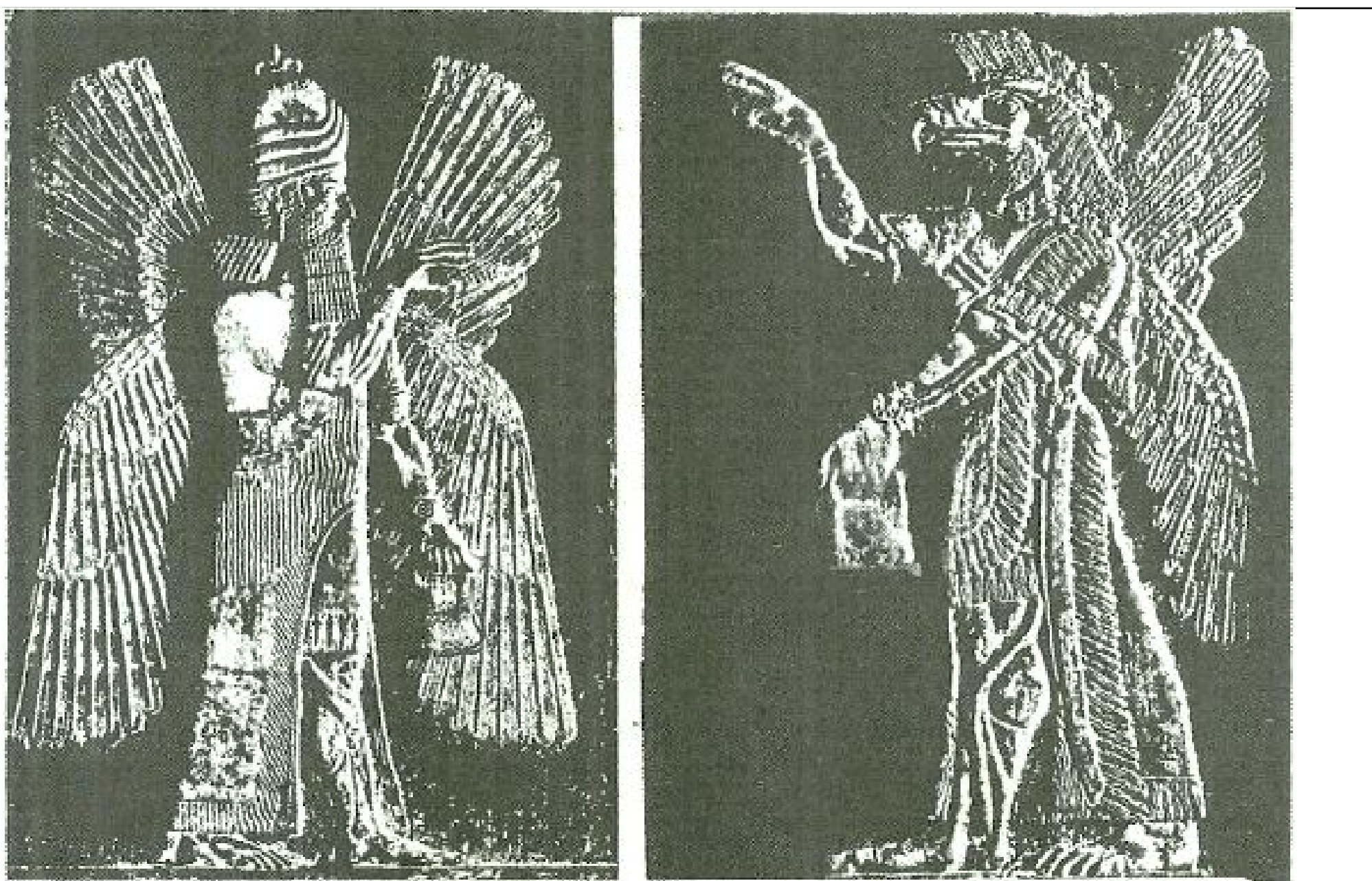
Figura 20

Por toda parte, as descobertas pareciam desenterrar a veracidade da Bíblia.

(Por outra reviravolta do destino, os sítios de Layard, Nimrud e Níneve ficavam em lugares opostos da curva do rio, onde Alexandre atravessou o Rio Tigre e desferiu o golpe fatal no exército persa.)

No fim do século XIX, conforme os estrondos da conflagração

conhecida como Primeira Guerra Mundial se tornavam mais ameaçadoras, os alemães juntaram-se à corrida arqueológica (fazendo mapas, espionando e influenciando ramificações no tráfico). Ultrapassando os franceses e os britânicos, eles tomaram o controle dos sítios mais ao sul, descobrindo na Babilônia (sob o comando de Robert Koldewey) a maior parte do recinto sagrado, o zigurate Esagil e a grandiosa Entrada Processional, com seus variados portais, incluindo o de Ishtar (veja Figura 5). Mais a norte, Walter Andrae desenterrou a antiga capital assíria *Ashur* - que recebeu o mesmo nome da própria região Assíria e seu deus nacional *Ashur*. (Descobriu-se que *Ressen*, também mencionada no Gênesis e cujo nome significava "Rédea de Cavalo", foi um sítio de criação de cavalos assírios.)



As descobertas assírias ofereceram não apenas corroboração à veracidade histórica da Bíblia; a arte e a iconografia também pareciam confirmar outros aspectos bíblicos. Relevos de paredes em Khorsabad e Nimrud representavam "anjos" alados (Figura 21) semelhantes aos serafins descritos na visão do

profeta Isaías (6:2), ou naquela visão do profeta Ezequiel (1:5-8, em que cada um possuía quatro asas, mas também quatro rostos, sendo um deles o de uma águia).

A descoberta das esculturas e das representações pictóricas nas paredes parecia também corroborar algumas das afirmações atribuídas a Beroso sobre o que hoje seria descrito como "bioengenharia que deu errado" - homens com asas, touros com cabeça humana e por aí em diante (como citado anteriormente). Em Nínive e Nimrud, as entradas para os palácios reais eram flanqueadas por colossais esculturas de pedra com leões e touros com cabeça humana (Figura 22); e, em relevos de paredes, havia imagens de seres divinos vestidos como peixes (Figura 23) - a própria imagem de Oannes, exatamente da forma como Beroso a descrevera.

Embora Beroso escrevesse quase quatro séculos depois que Ashur, Nínive e outros centros assírios foram capturados e destruídos, e, cerca de três séculos depois que o mesmo destino recaísse sobre a Babilônia, suas ruínas ainda eram visíveis sem escavações - com as esculturas e relevos das paredes à vista de todos, ilustrando o que Beroso dizia. Os antigos monumentos corroboraram, literalmente, o que ele escrevera.

Porém, entre todas as grandiosas descobertas da Assíria e da Babilônia, tesouros e arte exagerados, as descobertas mais importantes foram as inúmeras tabuletas de argila, muitas delas reunidas em verdadeiras bibliotecas, onde a primeira tabuleta de uma estante listava os títulos das outras daquela mesma estante. Por toda a Mesopotâmia - aliás, por todo o antigo Oriente Próximo praticamente qualquer centro urbano importante possuía uma biblioteca no palácio real ou no templo principal, ou em ambos. Agora, milhares e milhares de tabuletas de argila (ou fragmentos delas) tinham sido encontrados; e a

maioria permanece sem tradução, nos porões de museus e universidades.

Das principais bibliotecas descobertas, a mais importante foi a encontrada por Layard entre as ruínas de Níneve: a grande biblioteca do rei assírio Assurbanipal (Figura 24, de seus monumentos; 668-631 a.C.). Ela continha mais de 25 mil (!) tabuletas de argila. Seus textos inscritos - todos com escrita cuneiforme - abordavam desde os anais reais e registros das rações dos trabalhadores até contratos comerciais e documentos de casamento e divórcio, e incluíam textos literários, textos históricos, registros astronômicos, previsões astrológicas, fórmulas matemáticas, listas de palavras e listas geográficas. E havia fileiras de tabuletas que os arqueólogos classificaram como "textos mitológicos" - textos que tratam de vários deuses, suas genealogias, poderes e feitos.

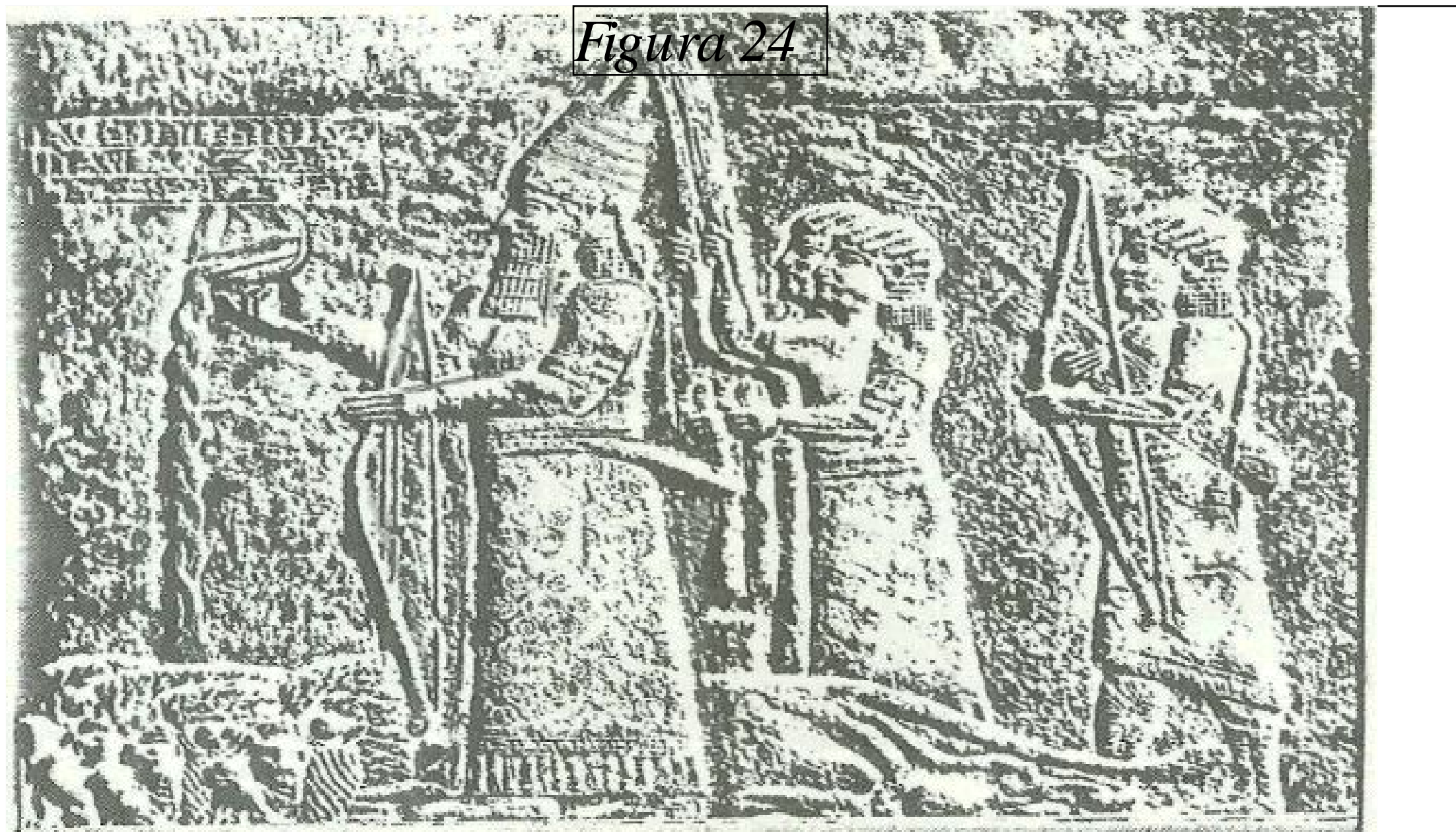


Figura 22



Figura 23

Figura 24

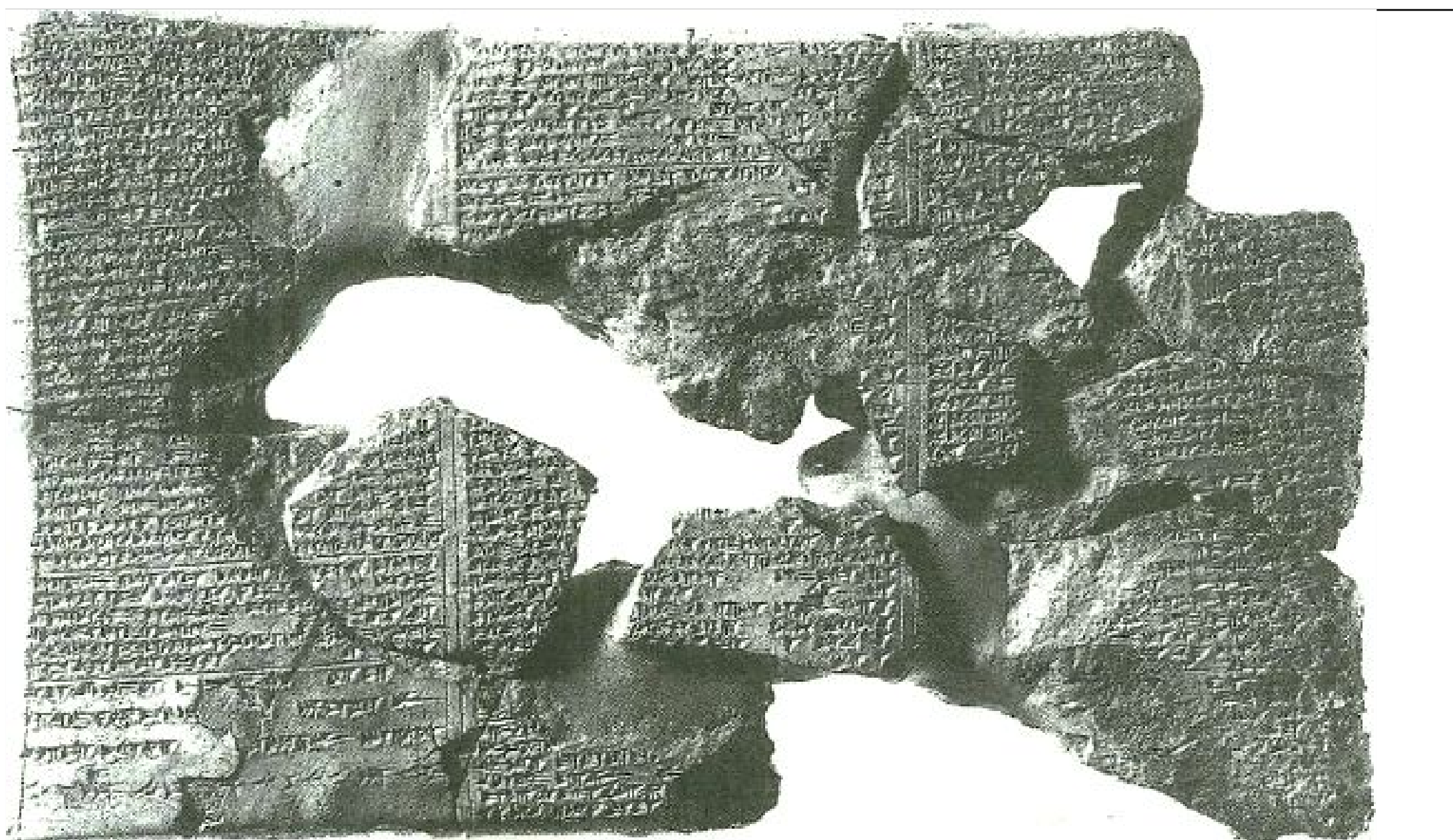


Descobriu-se que Assurbanipal não se limitou a colecionar e trazer para Níneve tais textos históricos e "mitológicos" de cada canto de seu império - ele, de fato, empregou uma legião de escribas para ler, arrumar, preservar, copiar e traduzir para acadiano os mais importantes entre eles. (Imagens dos escribas assírios os retratam vestidos de dignitários - provando seu alto *status*.)

A maioria das tabuletas descobertas em Níneve foi dividida entre as autoridades otomanas em Constantinopla (Istambul, na atual Turquia) e o Museu Britânico de Londres; algumas tabuletas semelhantes foram parar nos principais museus da França e da Alemanha. Em Londres, o Museu Britânico contratou um jovem gravador de notas de banco e "assiriólogo" amador chamado George Smith para ajudar a organizar as tabuletas cuneiformes. Com uma aguçada habilidade para reconhecer a característica particular de uma linha cuneiforme, ele foi o primeiro a perceber que vários fragmentos de tabuletas pertenciam uns aos outros, formando narrativas continuadas (Figura 25). Havia uma sobre um herói e uma Inundação, outra sobre deuses que criaram o Céu e a Terra e

também o Homem. Em uma Carta para o Editor, falando disso em um jornal diário londrino, Smith foi o primeiro a dirigir a atenção para as semelhanças entre os contos daquelas tabuletas e as histórias bíblicas do Gênesis.

Das duas linhagens históricas antigas, aquela com maiores ramificações religiosas era a parecida com o conto bíblico da Criação; os estudos do tema foram liderados por uma sucessão de estudiosos não na Inglaterra, mas na Alemanha, onde "assiriólogos" pioneiros como Peter Jensen (*Kosmologie der Babylonier*), Herman Gunkel (*Schöpfung und Chaos*) e Friedrich Delitzsch (*Das babylonische Welterschöpfungsepos*) utilizaram descobertas adicionais feitas pelos arqueólogos compatriotas para formar um texto mais coerente e compreender seu âmbito religioso, filosófico e histórico.



No Museu Britânico em Londres, foram acrescentadas às tabuletas que Smith juntava novas descobertas feitas por um estagiário de Layard, Hurmud Rassam, em Níneve e em Nimrud. Seguindo a linha da história da Criação, o curador do museu encarregado das antigüidades egípcias e babilônicas, Leonard W.

King, descobriu que um genuíno Épico da Criação fora, de fato, inscrito em não menos do que sete tabuletas. Seu livro de 1902, *The Seven Tablets of Creation*, concluiu que um "texto padrão" existente na Mesopotâmia contava, assim como o Gênesis, um relato seqüencial da Criação - do Caos até o Céu e a Terra e então, na Terra, do Encontro dos Mares acrescido à Criação do Homem - não no decorrer dos seis dias bíblicos e outro dia de auto-gratificação, mas em seis tabuletas e uma sétima laudatória. O antigo título do conto, adequando-se às suas palavras iniciais, era *Enuma elish* ("Quando na Altura Acima"). Tabuletas de vários sítios pareciam conter textos idênticos, com exceção do nome pelo qual o Criador Divino era chamado (os assírios o chamavam de **Ashur**, os babilônios de **Marduk**) - sugerindo que todos eram interpretações de uma única versão canônica em acadiano. No entanto, a retenção ocasional de algumas palavras estranhas e nomes de divindades celestiais envolvidas nos acontecimentos - nomes como **Tiamat** e **Nudimmud** - sugeriam que tal versão original poderia não ter sido em acadiano assírio/babilônio, mas em alguma outra língua desconhecida.

Era evidente que a busca pelas origens estava apenas começando.

De volta à Inglaterra vitoriana e George Smith: ali e naquela época, foi a outra linhagem histórica - o conto do Dilúvio e um "Noé" não bíblico - que cativou a imaginação popular. O atento e prolífico George Smith, observando com cautela milhares de fragmentos de tabuletas de Níneve e Nimrud e juntando as peças, anunciou que elas pertenciam a um conto épico de longa extensão a respeito de um herói que descobriu o segredo da Grande Inundação. Os três sinais cuneiformes que davam nome ao herói foram lidos por Smith como *Iz-Du-Bar*, e Smith supôs que se tratasse de fato do personagem bíblico *Nimrod* - o

"caçador poderoso" que, pelo Gênesis, iniciara os reinados assírios - de acordo com o nome do antigo sítio, Nimrud, onde algumas das tabuletas foram descobertas.

A leitura de Smith dos fragmentos, indicando a existência da história de um Dilúvio assírio que condizia com o da Bíblia, causou tanta agitação que o jornal londrino *The Daily Telegraph* ofereceu o grandioso prêmio de mil guineas (uma guinea tinha o valor de mais de uma libra esterlina) a quem descobrisse os fragmentos perdidos que completariam toda a história antiga.

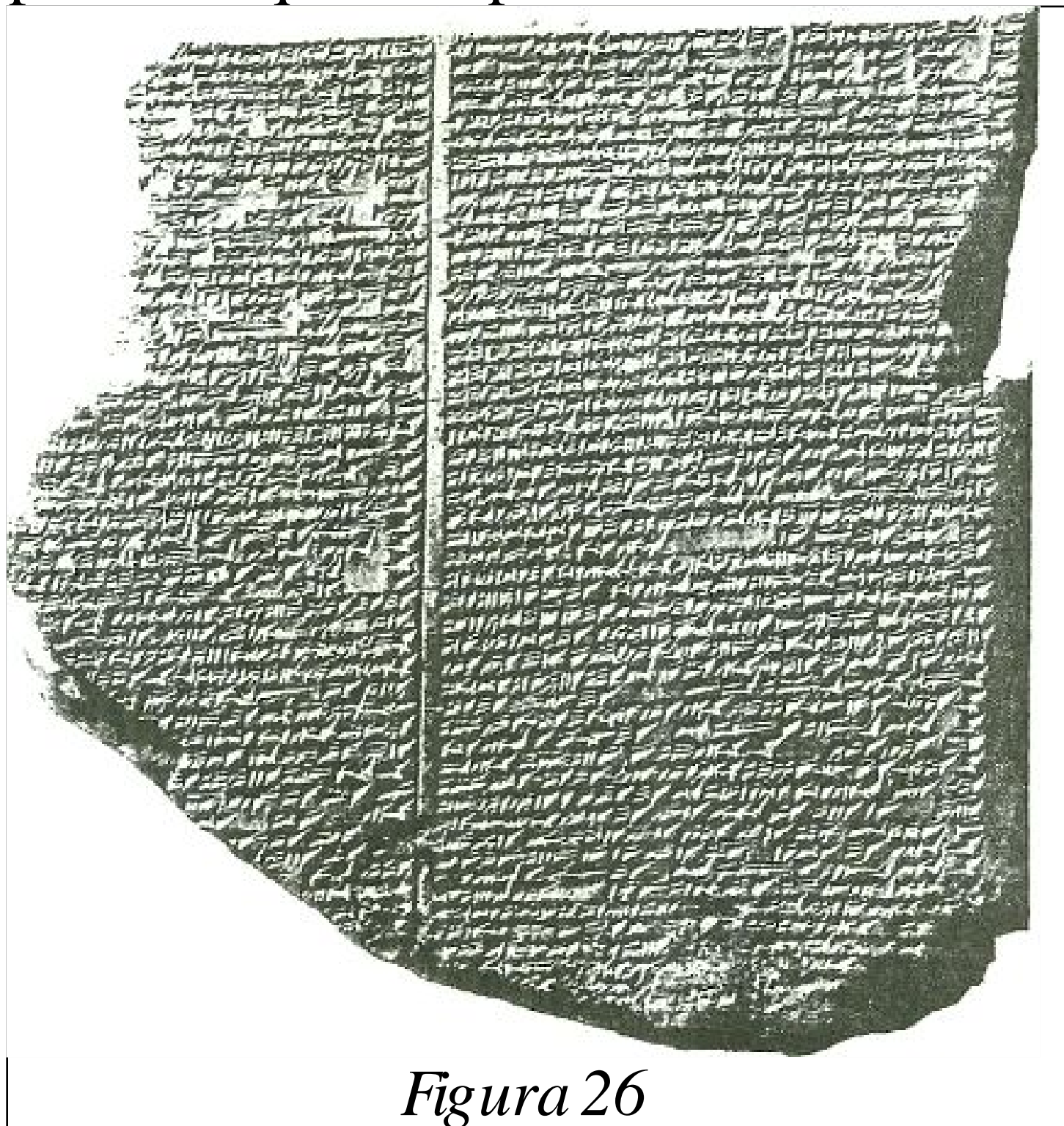


Figura 26

O próprio Smith aceitou o desafio; foi para o Iraque, vasculhou os sítios e retornou com 384 novos fragmentos de tabuletas. Com isso, foi possível juntar as peças e formar a seqüência de todas as 12 (!) tabuletas do conto épico, incluindo a crucial "Tabuleta do Dilúvio", Tabuleta XI (Figura 26). (Quanto ao prêmio: foi o museu que o recebeu, alegando que Smith fora ao Iraque na condição de funcionário...)

Podemos imaginar a emoção de descobrir o conto da Bíblia He

braica do Dilúvio e Noé escrito em outros idiomas antigos desvincula dos da Bíblia - um texto que desde então tem sido conhecido como o Épico de Gilgamesh (a interpretação inicial "Izdubar" foi substituída a tempo pelo correto *Gilgamesh*). Mas a euforia não aconteceu sem problemas, entre eles a variedade de deuses envolvidos no acontecimento, em comparação com um único Yahweh da Bíblia.

Confundindo os estudiosos, um rei chamado Gilgamesh não estava listado em lugar nenhum como rei assírio ou babilônio. Os estudiosos descobriram que o herói Gilgamesh foi identificado logo nas linhas de abertura da Tabuleta I como rei de *Uruk*, uma cidade (segundo o texto) de muros largos e muralhas imensas.

Mas não havia nenhum sítio antigo com esse nome em parte alguma da Babilônia e Assíria. Com a reconstrução do conto, percebeu-se também que o próprio Gilgamesh não era o herói do Dilúvio. Possuindo "dois terços divinos", suas aventuras eram em busca da imortalidade; e foi no trajeto dessa busca que ele ouviu conto do Dilúvio narrado por um homem chamado *Utnapishtim* - um "Noé" mesopotâmico que tinha, de fato, sobrevivido à catástrofe. Portanto, quem era Gilgamesh - estudiosos e a imprensa se perguntavam - se ele não fora nem o bíblico Noé nem o bíblico/ assírio Nimrod?

Em 1876, Smith reuniu suas várias descobertas em um livro pequeno, *The Chaldean Account of Genesis*. Foi o primeiro livro a anunciar e comparar os textos antigos descobertos na Mesopotâmia com os contos da Criação e do Dilúvio da Bíblia. Foi o último livro de Smith: ele morreu no mesmo ano, aos 36 anos; mas devemos nos lembrar de que foi a perspicácia e as descobertas desse mestre autodidata do acadêmico que serviram como base para a subsequente miríade de estudos.

Esses estudos também desvendaram a existência de mais um conto do Dilúvio, anterior ao outro; nosso interesse por ele é

que provavelmente servira de fonte para Beroso. Intitulado na Antigüidade, como de costume, segundo suas palavras de abertura *Intima ilu awilum* ("Quando os deuses enquanto homens"), ele passou a ser conhecido como o *Épico de Atra-Hasis*, nome de seu herói que conta a história do Dilúvio em primeira mão - fazendo dele, *Atra-Hasis*, o verdadeiro "Noé" dessa versão do Dilúvio. ***É o próprio Noé falando!***

Por razões indefinidas, levou tempo até os estudiosos darem atenção ao texto crucial - crucial porque nele, *Atra-Hasis* (= "O Excessivamente Sábio") conta *o que antecedeu o Dilúvio*, o que o ocasionou e o que aconteceu em seguida. Durante a reconstrução do texto das três tabuletas, um fragmento com a marca "S" foi essencial para identificar o nome *Atra-Hasis*; o "S" significava Smith; foi ele quem, antes de morrer, encontrou a chave para outro impressionante conto "babilônio" de deuses, do Homem e do Dilúvio. Sugeriu-se que o nome do herói, *Atra-Hasis*, transposto como *Hasis-atra*, denotava o *Ziusudra/Sisithros* do Fragmento de Beroso - o décimo governante pré-diluviano em cuja época o Dilúvio ocorrera, assim como Noé era o décimo ancestral bíblico na linhagem de Adão!

(Essa transposição de nomes é uma das razões pelas quais as sociamos Beroso ao texto *Atra-Hasis*. Outra é o fato de que apenas nessa versão mesopotâmica do conto do Dilúvio há menção ao episódio - citado por Beroso - em que os residentes da aldeia questionam a construção do barco.)

Era tudo uma maravilha das maravilhas: transcendendo o tempo da Babilônia de Beroso do século III a.C. para o século XIX d.C., o Homem ocidental, crente na Bíblia, de fato segurou em suas mãos "*um texto hebraico do Dilúvio escrito em cuneiforme*" (como uma publicação da Universidade de Yale o chamou em 1922, Figura 27), inscrito em uma tabuleta de uma biblioteca assíria do século VII a.C. Ocorre aí um intervalo incrivelmente

longo de pelo menos 2.600 anos; mas que também se mostra como apenas uma estação provisória no caminho de volta na história.

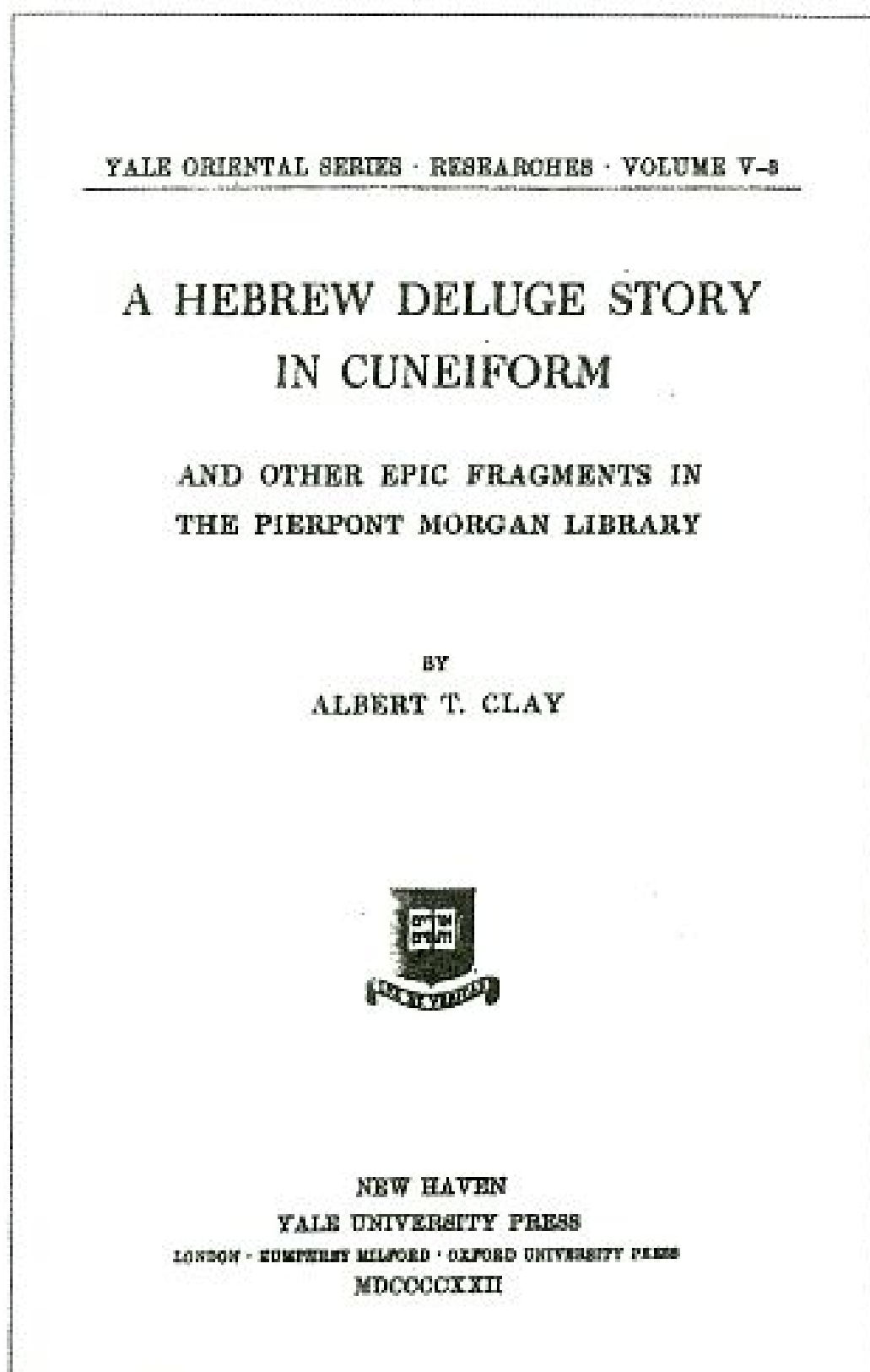


Figura 27

Mais uma vez, esse texto assírio parecia ter uma versão babilônica semelhante ou paralela. Também continha nomes e palavras desconhecidos, certamente não de origem semítico-acadiana - deuses chamados **Enlil**, **Enki** e **Ninurta**; deusas chamadas **Ninti** e **Nisaba**; grupos divinos chamados **Anunnaki** e **Igigi**; um lugar sagrado chamado **Ekur**. De onde vieram todos eles?

A perplexidade foi ainda maior quando se soube que parte de uma tabuleta de *Atra-Hasis* que fora parar na biblioteca particular de J. Pierpont Morgan em Nova York, por volta de 1897, continha um "cólofon" - uma notação feita pelo escriba da

tabuleta - que a datava no *segundo milênio* a.C. Assiriólogos deparavam agora com um salto de 3.500 anos!

Esforços para reconstruir um texto o mais completo possível a partir de várias tabuletas e diversas interpretações resultaram na busca no Museu Britânico e no Museu do Antigo Oriente, bem como em Istambul, Turquia, de todas as *três* tabuletas (embora quebradas em partes) da quela versão babilônica do *Atra-Hasis*. Felizmente, preservada em cada uma delas, havia a declaração do escriba fornecendo seu nome, título e data de término da tabuleta (como esta, do final da primeira tabuleta):

Tabuleta 1. Quando os deuses como homens.

Número de linhas 416.

[Copiado] por Ku-Aya, escriba assistente.

Mês Nisan, dia 21,

[do] ano em que Ammisaduqa, o rei, fez uma estátua de si mesmo.

As tabuletas II e III estavam igualmente assinadas pelo mesmo escriba e também datadas em um ano específico do reinado do rei Ammisaduqa. Não era um nome real desconhecido: Ammisaduqa pertenceu à famosa dinastia Hamurabi da Babilônia; ele reinou ali de 1647 a 1625 a.C.

Assim, essa versão babilônica do conto de Noé/Dilúvio era mil anos mais antiga do que a versão assíria de Assurbanipal. E ela também era uma cópia - de qual original?

Os estudiosos incrédulos tinham a resposta à sua frente. Em uma de suas tabuletas, Assurbanipal vangloriava-se desta forma:

O deus dos escribas me concedeu o dom do conhecimento de sua arte.

Eu fui iniciado nos segredos da escrita.

Eu até posso ler as intrincadas tabuletas em sumério.

Eu entendo as enigmáticas palavras entalhadas nas pedras dos dias que antecederam o Dilúvio.

Além de revelar a existência de um "deus dos escribas", aqui estava a confirmação, feita por uma fonte independente, séculos antes de Beroso, da ocorrência do Dilúvio, e ainda o detalhe de que havia "palavras enigmáticas", *preservadas em esculturas de pedra, "dos dias que antecederam a Inundação "* - uma declaração que se encaixa e corrobora a afirmação de Beroso de que o deus Cronos "revelou a Sisithros que haveria um Dilúvio (...) e ordenou-lhe que escondesse em Sippar, a cidade do deus Shamash, todos os textos disponíveis".

Sem falar da soberba na declaração de Assurbanipal que diz que ele "poderia até mesmo ler as intrincadas tabuletas em *sumério*".

Sumério? Os perplexos estudiosos - que haviam conseguido de codificar babilônio, assírio, persa antigo e sânscrito - perguntavam-se a que Assurbanipal se referia. A resposta já fora compreendida pela Bíblia, desde o início. Até aqui, os versículos de Gênesis 10:8-12 sobre os domínios do poderoso herói Nimrud haviam inspirado os decodificadores daquelas línguas antigas a nomear a língua-mãe do "acadiano" babilônio e assírio, e serviu como um Mapa de Descobridores para os arqueólogos escavadores; agora esses versículos também esclareciam o mistério sumério:

Primeiro ele seria um herói na Região;

E o início de seu reinado:

Babel e Ereque e Acádia, todos na Região do *Sinar*.

Suméria (ou mais corretamente, **Shumer**) era a bíblica *Sinar* - a mesma terra onde os colonizadores, após o Dilúvio, tentaram construir a torre cujo topo poderia alcançar os céus.

Era evidente que a busca por Noé tinha de passar por **Shumer** -

a bíblica *Sinar* ; uma região que, sem dúvida, pré-datava as capitais da Babilônia, Assíria e Acádia. Mas em qual região e onde ela se situava?

O DILÚVIO

A idéia comum do Dilúvio bíblico (*Mabul* em hebraico, do acadiano *Abubu*) é uma das chuvas torrenciais que, quando cai, inunda, esmaga e arrebatava tudo que está no solo. De fato, a Bíblia (Gênesis 7:11 -12) enuncia que o Dilúvio começou quando "todas as fontes de água do Grande Abismo romperam-se." Foi apenas depois disso (ou como resultado disso) que "as comportas dos céus se abriram, e a chuva tomou conta da Terra por 40 dias e 40 noites". O Dilúvio terminou em uma seqüência semelhante (Gênesis 8:2-3), quando primeiro "as fontes de água do Grande Abismo" e, depois, "as comportas do céu" fecharam-se.

Os vários registros mesopotâmicos do Dilúvio descrevem-no como uma avalanche de águas crescentes que *acometem do sul*, arrebatando e submergindo tudo conforme se precipita adiante. A versão acadiana (Gilgamesh, Tabuleta XI) afirma que a primeira manifestação do Dilúvio foi "uma nuvem negra que surgiu no horizonte", seguida por tempestades que "derrubaram postes e destruíram diques". "Por um dia a Tempestade do Sul soprou, submergindo as montanhas, sobrepujando os povos como em uma batalha (...) sete dias e [sete] noites sopra o Vento da Inundação conforme a Tempestade do Sul arrebatava a terra (...) e toda a terra ficou submersa como um pote."

No conto sumério do Dilúvio, ventos uivantes são mencionados; chuva não: "Todas as tempestades de vento, extremamente poderosas, atacaram em uníssono (...) Por sete dias e sete noites a Inundação (**A.ma.ru**) arrebatou a terra, e o grande

barco foi sacudido pelas tempestades de vento nas grandes águas".

Em *O 12º Planeta* e livros subsequentes, eu sugeri que o **'Grande Abismo'**, onde a **'Tempestade do Sul'** se originou, era a **Antártida**; e que o Dilúvio foi uma onda gigante que causou o deslocamento da calota polar da Antártida - provocando o fim abrupto da última Era do Gelo, há cerca de 13 mil anos (veja Figura 43).

IV

Suméria: Onde a Civilização Começou

Sabemos que a Suméria era uma terra de gente talentosa e hábil no local em que hoje fica o sul do Iraque. Geralmente representados em estátuas inventivas e em estatuetas com posturas devocionais (Figura 28), os sumérios foram os primeiros a registrar e descrever acontecimentos passados e a contar os relatos de seus deuses. Foi ali, na fértil planície banhada pelos grandes rios Eufrates e Tigre, que a primeira civilização conhecida da Humanidade floresceu há 6 mil anos - "de repente", "inesperadamente", "de forma súbita e surpreendente", de acordo com todos os estudiosos. Foi uma civilização à qual devemos, até hoje, praticamente cada "primeiro" de tudo que consideramos essencial para uma civilização avançada: a roda e o transporte com rodas; o tijolo que tornava (e ainda torna) possíveis edifícios altos; caldeiras e fornalhas que são essenciais às indústrias, desde a panificação até a metalurgia; astronomia e matemáticas; cidades e sociedades urbanas; reinados e leis; templos e sacerdócios; pontualidade, um calendário, festivais; da cerveja às receitas culinárias; da arte à música e os instrumentos musicais; e, acima de tudo, a escrita e a retenção de registros - tudo surgiu primeiro ali, na Suméria.



Figura 28

Hoje sabemos tudo isso graças às conquistas da arqueologia e à decodificação de línguas antigas durante o último século e meio. A estrada longa e árdua pela qual os antigos sumérios passaram da total escuridão até a reverente apreciação pela sua grandiosidade tem um número de marcos que sustentam os nomes de estudiosos que possibilitaram essa viagem. Alguns, que trabalharam em variados sítios, serão mencionados por nós. Outros, que reuniram e classificaram artefatos fragmentados durante um século e meio de arqueologia mesopotâmica, são muito numerosos para serem listados.

E havia os epigrafistas - às vezes no campo, na maioria das vezes meditando sobre as tabuletas em museus lotados ou em campus de universidades - cuja persistência, devoção e habilidades converteram pedaços de argila gravados com estranhas "formas em cunha" em tesouros históricos, culturais e literários legíveis. Seu trabalho foi crucial, porque, enquanto o

padrão comum de descobertas arqueológicas e etnográficas tem sido encontrar restos mortais e então decodificar seus registros escritos (se tivessem algum), no caso dos sumérios o reconhecimento da língua deles - até sua decodificação - precedeu a descoberta do seu país, a *Suméria* (a grafia ocidental comum, em vez de Shumer). E não porque a língua, "sumério", precedeu seu povo; ao contrário - era porque a língua e seu alfabeto persistiram por muito tempo depois do desaparecimento da Suméria - assim como o latim e seu alfabeto sobreviveram ao Império Romano milhares de anos mais tarde.

O reconhecimento filológico do sumério começou, como ilustramos, não com a descoberta das próprias tabuletas sumérias, mas pela utilização variada, em textos acadianos, de "palavras emprestadas" que não eram acadianas; a nomeação de deuses e cidades com palavras que não faziam sentido em assírio ou babilônio; e, claro, por enunciados verdadeiros (como aquele de Assurbanipal) sobre a existência de textos anteriores em "shumério". Seu enunciado surgiu por meio da descoberta de tabuletas que reproduziam o mesmo texto em duas línguas, uma acadiana e a outra língua misteriosa; e as duas linhas seguintes estavam em acadiano e na outra língua, e assim por diante (o termo erudito para tais textos bilíngües é "interlinear"). Foi em 1850 que Edward Hincks, um estudante das decodificações de Behistun feitas por Rawlinson, sugeriu em um ensaio acadêmico que o "silabário" acadiano - a coleção de alguns 350 sinais cuneiformes, cada um representando uma consoante inteira + vogal silábica - deve ter evoluído de um conjunto de sinais silábicos *não* acadianos. A idéia (não aceita de imediato) foi finalmente confirmada quando algumas tabuletas de argila das bibliotecas de língua acadiana acabaram por se tornar *dicionários do "silabário" bilíngüe* - listas que em um lado da tabuleta mostravam um sinal cuneiforme na língua

desconhecida, e uma lista correspondente no outro lado, em acadiano (com o significado e a pronúncia dos sinais acrescentados, Figura 29). De uma só vez, a arqueologia adquiriu *um dicionário de uma língua desconhecida!* Além de tabuletas inscritas como um tipo de dicionário, os tão famosos Silabários, várias outras tabuletas bilíngües serviram como ferramentas inestimáveis na decodificação da escrita e língua suméria.

Em 1869, Jules Oppert, discursando na Sociedade Francesa de Numismática e Arqueologia, assinalou que o título real "Rei da Suméria e Acádia", encontrado em algumas tabuletas, fornecia o nome do povo que precedera os assírios e babilônios que falavam acadiano; eles eram, Oppert sugeriu, os *sumérios*. A designação passou a ser aplicada desde então - embora, até hoje, os museus e a mídia prefiram chamar suas exposições ou dar título aos seus artigos e programas de "babilônio" ou, no máximo, "babilônio antigo", em vez do desconhecido "sumério". Apesar de praticamente tudo que consideramos essencial para uma civilização desenvolvida ter sido herdado dos sumérios, muitas pessoas ainda respondem com um vazio "Quem?", quando ouvem a palavra "sumério"...

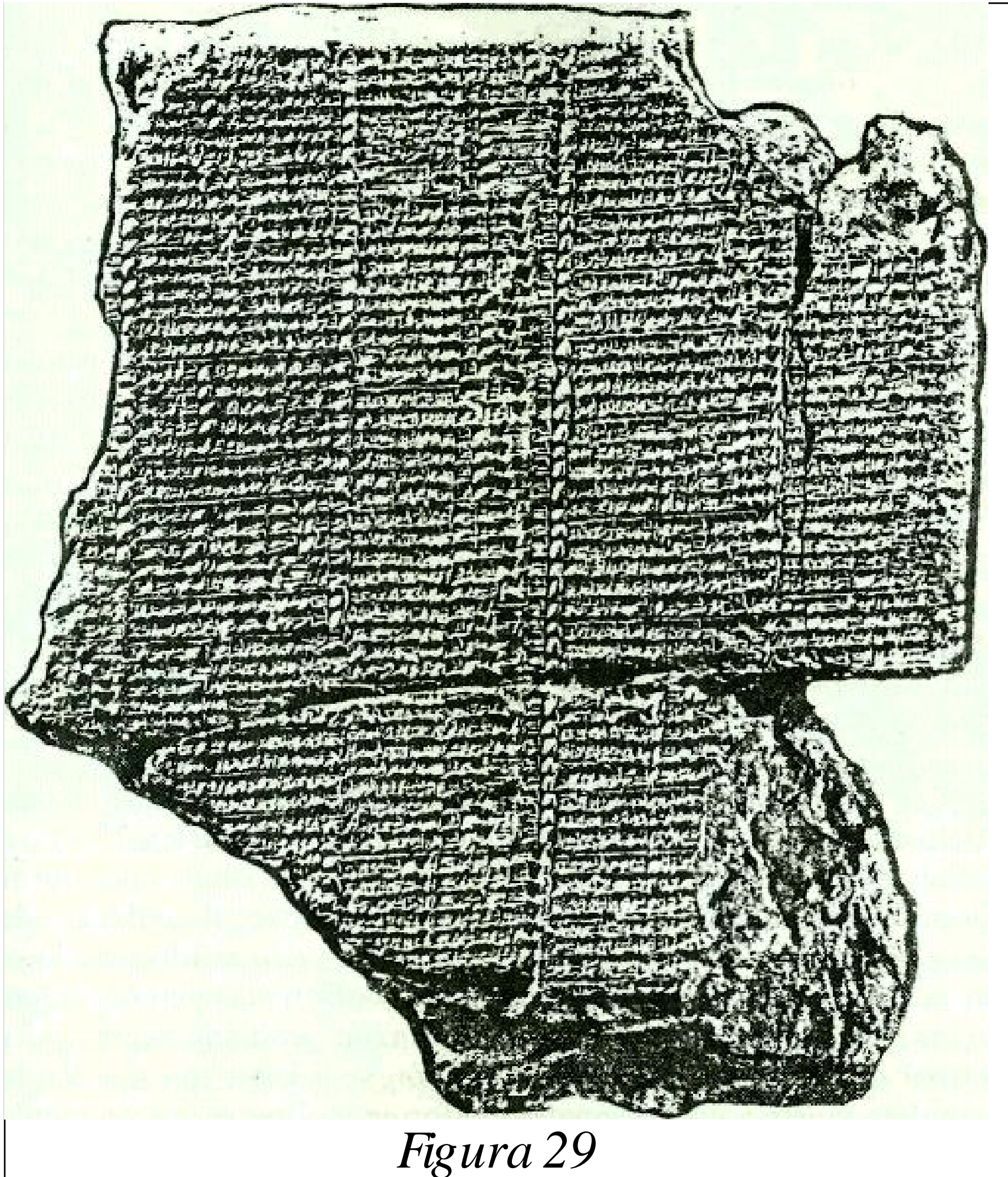
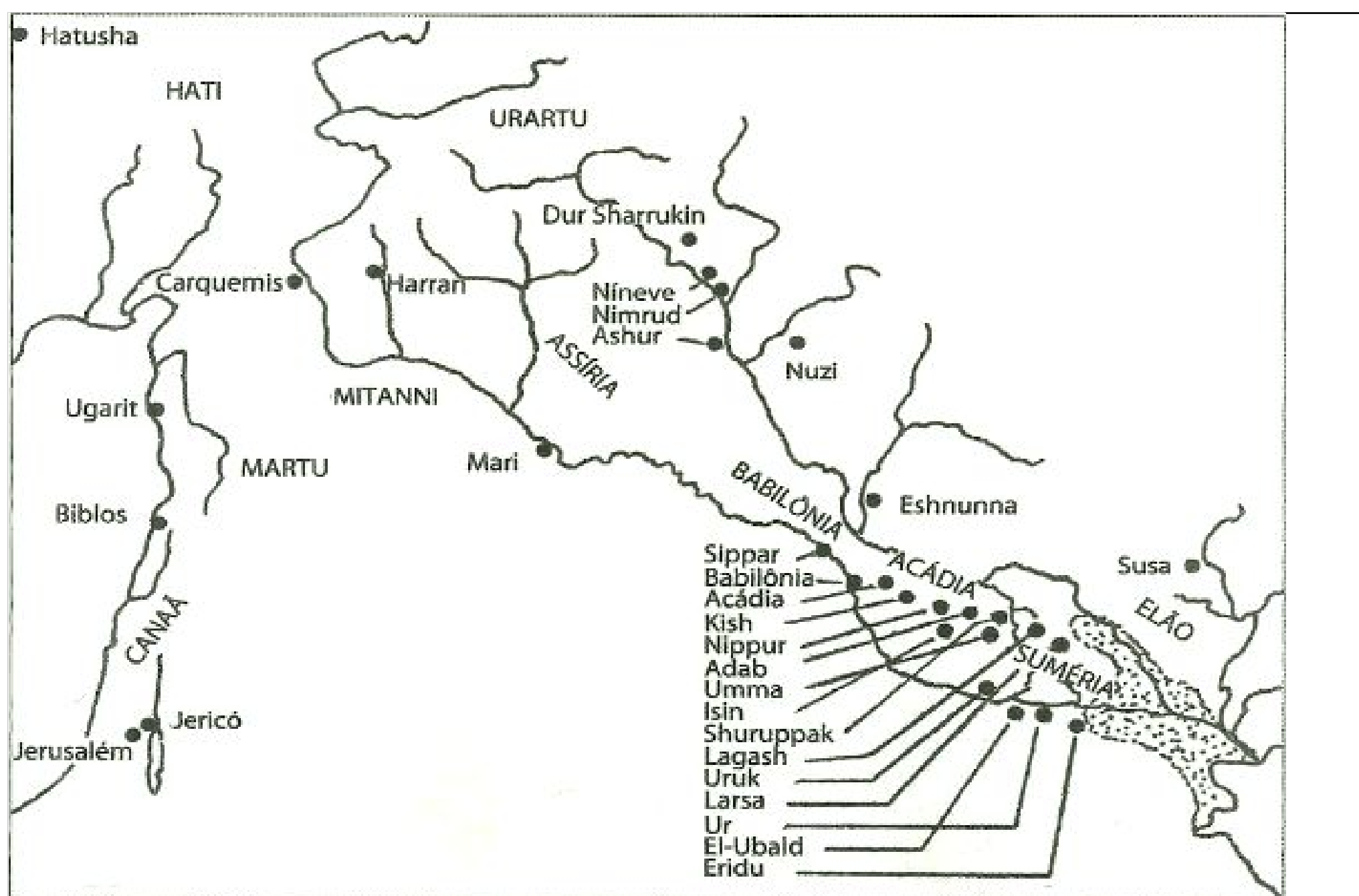


Figura 29

O interesse pela Suméria e pelos sumérios constituiu uma mudança cronológica e geográfica: do primeiro e segundo milênios a.C. para o terceiro e quarto milênios a.C., e do norte e centro da Mesopotâmia para o sul. O fato de que havia assentamentos antigos enterrados ali era indicado não apenas pelos numerosos montes espalhados pelas planícies lamacentas, montes estes resultantes das camadas de edificações construídas sobre camadas (chamado estrato) com sobras de edificações precedentes; mais intrigantes eram os artefatos estranhos que os homens das tribos locais desenterraram dos montes, mostrando-os aos ocasionais visitantes europeus. O que sabemos hoje é o resultado de quase 150 anos de trabalhos

arqueológicos que trouxeram à luz, em graus variados, os 14 ou mais importantes centros antigos da Suméria (mapa, Figura 30), praticamente todos mencionados nos textos antigos.

Calcula-se que a arqueologia sistemática de campo da Suméria foi iniciada em 1877, por Ernest de Sarzec, que era, na época, o vice-cônsul francês em Bassorá, cidade portuária no sul do Iraque, Golfo Pérsico. (Boatos da época dizem que, fascinado pelo comércio local das descobertas, seu verdadeiro interesse era encontrar objetos para venda particular.)



Ele iniciou suas escavações em um sítio conhecido no local como *Tello* ("O Monte"). As descobertas ali foram tão fantásticas - indo parar no Museu do Louvre, em Paris, onde enchem as galerias - e tão inesgotáveis que as equipes francesas de arqueologia retornaram, ano após ano, a esse sítio específico *durante mais de 50 anos*, até 1933.

Tello se revelou como o recinto sagrado, o *Girsu*, de um grande centro urbano sumério chamado **Lagash**. Estratos

arqueológicos indicaram que ele foi continuamente colonizado quase desde 3.800 a.C. Relevos esculpido em paredes datados do tão conhecido Período Dinástico Inicial, esculturas em pedra com inscrições em imaculado sumério cuneiforme (Figura 31) e um belo vaso de prata presenteado por um rei chamado Entemena a seu deus (Figura 32) atestavam o alto nível da cultura suméria há milênios. Para completar isso tudo, mais de 10 mil tabuletas de argila inscritas foram encontradas na biblioteca da cidade (a importância delas será discutida mais adiante).

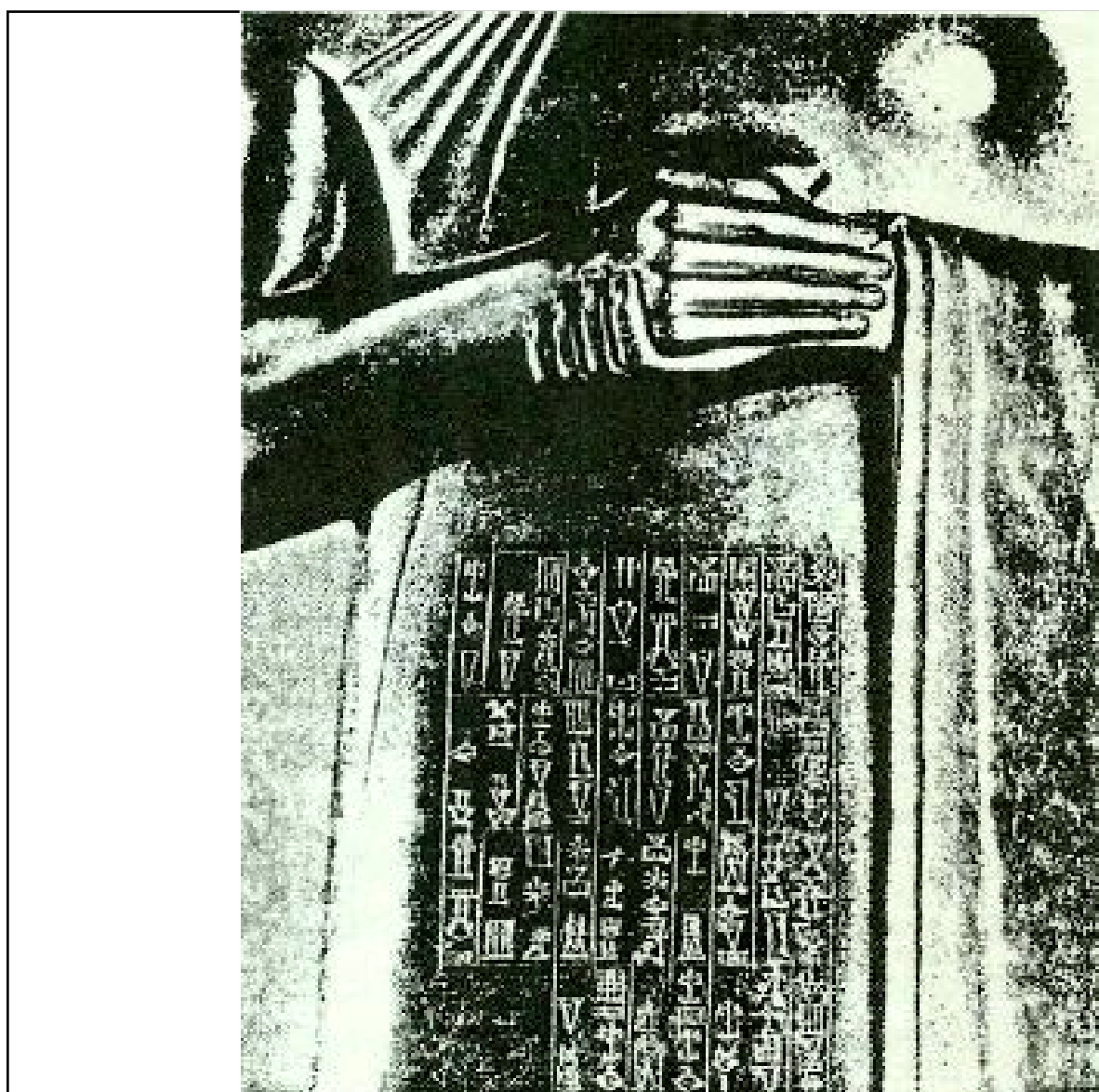


Figura 31

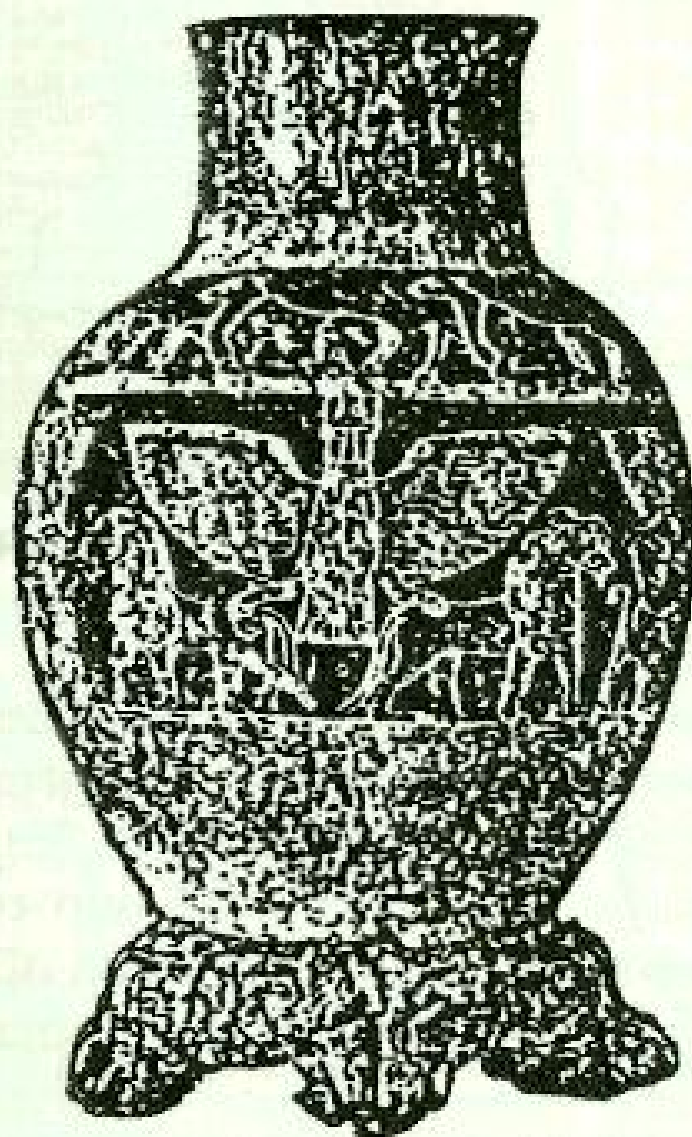


Figura 32

Alguns textos e inscrições nomeavam uma linhagem contínua dos reis de Lagash que reinaram desde aproximadamente 2.900 a.C. até 2.250 a.C. - um reinado ininterrupto de quase sete séculos. Tabuletas de argila e placas em pedras comemorativas registraram grandes empreendimentos de construção, projetos de canais e irrigação (citando os reis que os iniciaram); havia o comércio com regiões distantes e até conflitos com cidades próximas.

O mais impressionante eram as estátuas e as inscrições de um rei chamado Gudea (por volta de 2.400 a.C., Figura 33), nas quais ele descreve as circunstâncias miraculosas que levaram à construção de um complexo templo para o deus Ningirsu e sua esposa, Bau. A tarefa, detalhada em seguida, envolveu construções divinas feitas em circunstâncias misteriosas, alinhamentos astronômicos, arquitetura elaborada, importação de raros materiais de construção vindos de terras distantes, conhecimento de calendários e rituais precisos - tudo ocorrido há cerca de 4.300 anos. As descobertas em Lagash foram resumidas pelo seu último escavador francês, André Parrot, em seu livro *Tello* (1948).



Figura 33

Há alguns quilômetros a norte dos montes de Lagash, foi encon

trado um monte chamado localmente de Tell el-Madineh. Os escavadores franceses de Lagash também o observaram; mas não havia muito para escavar, pois a cidade antiga que houvera ali, em algum tempo, fora completamente destruída pelo fogo. Certas descobertas, no entanto, ajudaram a identificar a antiga cidade de *Bad-Tibira*. O nome sumério da antiga cidade, "Bad-Tibira", significava "O Forte dos Trabalhos em Metal"; como outras descobertas clarificaram mais tempo, Bad-Tibira foi, de fato, considerada como tendo sido um centro de trabalhos metalúrgicos.

Uma década depois de Sarzec iniciar escavações em Lagash, um novo e importante personagem arqueológico juntava-se aos esforços para desvelar a Suméria: a Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia. Soube-se, por meio de descobertas anteriores na Mesopotâmia, que o mais importante centro religioso da Suméria era uma cidade chamada *Nippur*. Em 1887, John Peters, um professor de hebraico da universidade, conseguiu apoio acadêmico da instituição e suporte financeiro de doadores individuais para organizar uma "expedição arqueológica" ao Iraque e encontrar Nippur.

A localização de Nippur parecia fácil de adivinhar: no centro geográfico do sul da Mesopotâmia, um monte gigantesco, impossível de não ser visto, erguia-se a alguns 20 metros acima da planície lamacenta e era chamado de *Niffar* pelos moradores; ele se encaixava nas referências da antiga Nippur como o "Umbigo da Terra". A expedição da Universidade da Pensilvânia conduziu quatro "campanhas" de escavação no sítio entre 1888 e 1900, a princípio sob a direção de John Peters, depois sob a liderança de Hermann Hilprecht, um assiriólogo alemão de renome internacional.

Nippur, os arqueólogos verificaram, foi colonizada repetidas vezes desde o *sexto milênio* a.C. até 800 d.C. De início, as escavações se concentraram no Recinto Sagrado da cidade, cuja

localização - por mais incrível que pareça - estava indicada em um mapa da cidade com milênios de idade inscrito em uma grande tabuleta de argila (Figura 34, transcrição e tradução). Ali, os restos de um zigurate bem alto (pirâmide em degrau), no recinto sagrado da cidade (reconstrução, Figura 35), atestaram sua dominância sobre a cidade. Chamado *E.Kur* (= "Casa que é como uma montanha"), tratava-se do templo principal dedicado ao deus supremo da Suméria, *En.lil* (= "Senhor do Comando") e sua esposa, *Nin.lil* (= "Senhora do Comando"). O templo, afirmavam as inscrições, incluía uma câmara interior onde "Tabuletas dos Destinos" eram guardadas. Segundo vários textos, a câmara era o coração do *Dur.An.Ki* (= "Elo Céu-Terra") - Centro de Controle e Comando do deus Enlil que ligava a Terra aos céus.

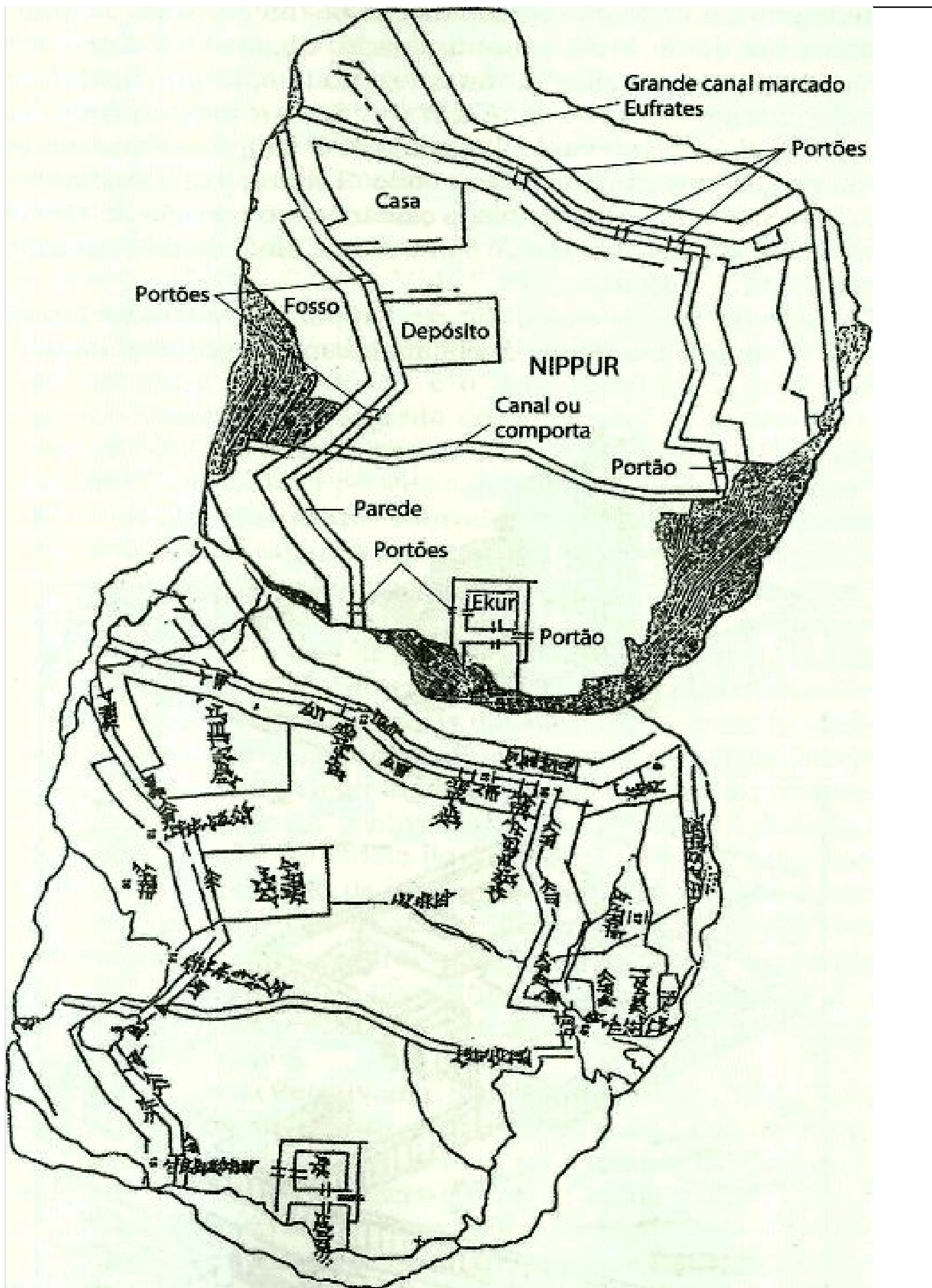


Figura 34

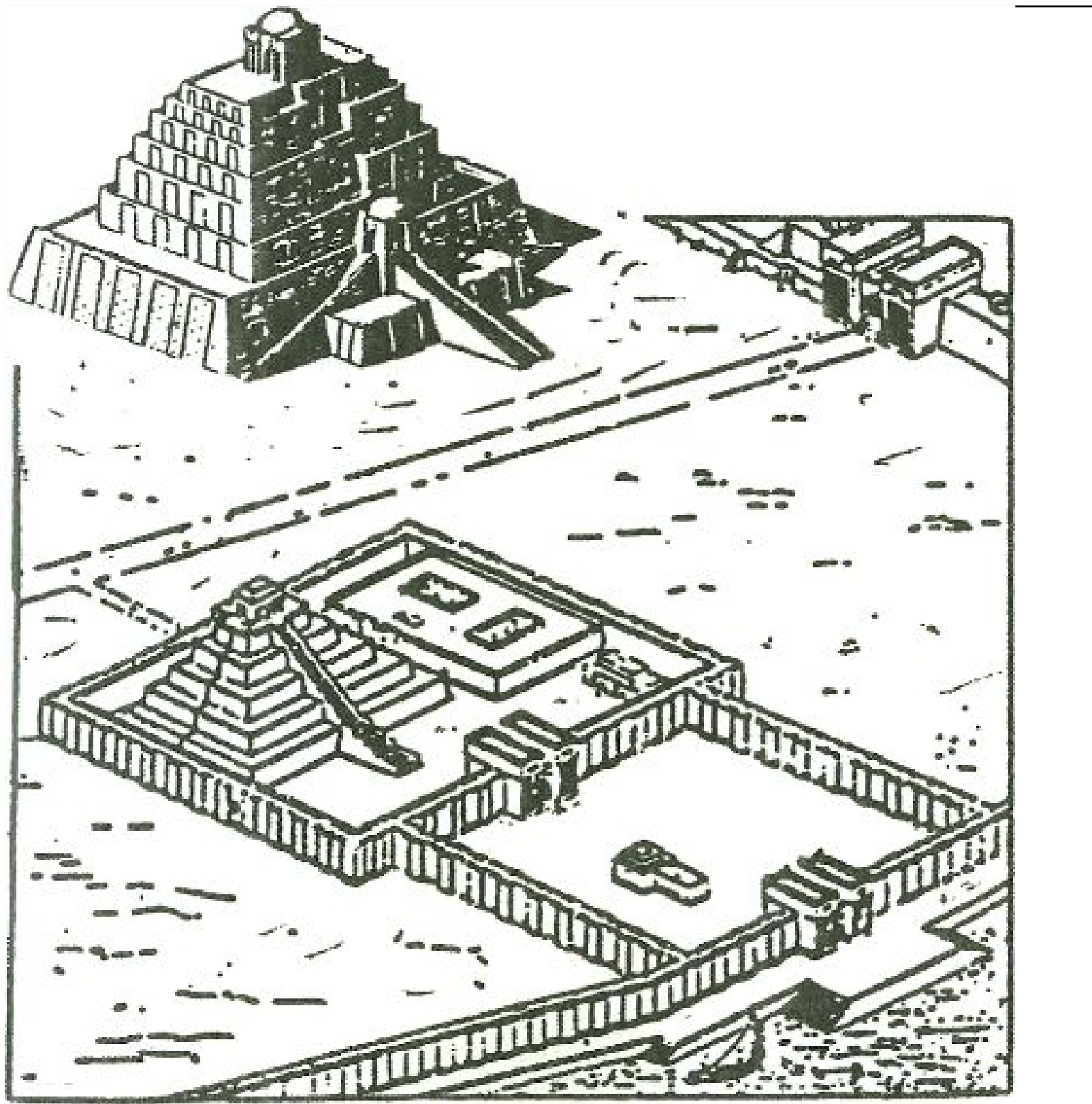


Figura 35

As descobertas da expedição em Nippur, consideradas por alguns como de "importância inigualável", incluíam a descoberta de quase 30 mil tabuletas de argila inscritas (ou fragmentos delas) em uma biblioteca que devia ter sido um bairro especial de Escrituras & Ciências na cidade, adjacente ao Recinto Sagrado. Hilprecht planejava publicar não menos que 20 volumes com os textos mais importantes das tabuletas, muitos com conteúdo "mitológico", outros que tratavam de matemática e astronomia e datavam do terceiro milênio a.C. Entre as inscrições de Nippur que foram transcritas, traduzidas e publicadas, constavam fragmentos do *conto original sumério do Dilúvio*, chamando o seu "Noé" de *Ziusudra* (= "[Seus] Dias de Vida Prolongados") - o equivalente do *Utnapishtim* acadiano. Nessa inscrição suméria (conhecida entre os estudiosos pelo número de referência CBS 10673), é o deus Enki quem revela ao

seu fiel seguidor Ziusudra um "segredo dos deuses": instigados pelo zangado Enlil, os deuses decidiram "destruir a semente da Humanidade com o Dilúvio" que estava prestes a acontecer; e Enki ("Cronos" nos Fragmentos de Beroso) instrui Ziusudra (o "Xisithros" de Beroso) a construir um barco de salvamento.

Mas todos os planos da expedição foram interrompidos por uma avalanche de acusações de Peters dizendo que Hilprecht fornecia "procedências" enganosas (locais de descobertas) de achados anunciados, e que Hilprecht fizera um acordo com o sultão turco em Constantinopla (hoje Istambul) para enviar a maioria das descobertas para lá - em vez de mandá-las para a universidade na Filadélfia - em troca da permissão por parte do sultão para manter algumas descobertas como "presentes" para sua coleção privada. A controvérsia, que dividiu os escalões mais altos da Filadélfia e foi manchete do *New York Times*, estendeu-se de 1907 a 1910. Uma comissão de investigação, formada pela universidade, acabou por concluir que as acusações de má conduta profissional contra Hilprecht eram "incomprovadas"; mas, de fato, muitas das tabuletas de Nippur tiveram como destino Constantinopla/Istambul. A coleção particular de Hilprecht terminou em Jena, a cidade universitária de Hilprecht na Alemanha.

A Universidade da Pensilvânia, por meio de seu Museu de Arqueologia, retornou a Nippur apenas depois da Segunda Guerra Mundial, em uma expedição conjunta com o Instituto Oriental da Universidade de Chicago. A controvérsia Peters-Hilprecht ainda é vista por historiadores como uma interrupção importante na arqueologia do Oriente Próximo. Porém, em razão da sempre interveniente Lei das Conseqüências não Intencionais, no final, essa controvérsia culminou em um dos maiores avanços em sumerologia, pois forneceu o primeiro trabalho a um jovem epigrafista chamado Samuel N. Kramer que, então, se tornou um "sumeriólogo" em destaque.

As escavações em Lagash e Nippur, exigindo esforços arqueológicos contínuos ano após ano, revelaram a existência de centros urbanos importantes na Suméria que rivalizavam, em tamanho, com sítios assírios e babilônios no norte, embora os da Suméria fossem mais antigos em mais de mil anos. A existência de recintos sagrados murados, cada um com seu zigurate arranha-céu, indicava um alto nível de tecnologia antiga de construção que precedeu e serviu como modelo para os babilônios e assírios. Os *zigurates* - literalmente "Aquele que se ergue alto" - elevavam-se em vários degraus (geralmente sete) a alturas que poderiam alcançar 90 metros. Eles eram feitos de dois tipos de tijolos de barro - os secos ao sol para centros bem altos e os assados no forno para acrescentar resistência às escadas, exteriores e saliências; o tamanho, formato e curvatura dos tijolos variavam para se adequar à sua função; e eram seguros com betume como argamassa. (Testes modernos em laboratório mostram que os tijolos de barro assados no forno são cinco vezes mais resistentes que os secos ao sol.)

Os zigurates descobertos confirmavam literalmente a afirmação bíblica do Gênesis 11:1-4 sobre os métodos de construção dos colonizadores em Sinar, após o Dilúvio:

E toda a Terra possuía uma língua e um tipo de palavras.

E aconteceu que, conforme viajavam vindos do Oriente, eles depararam com uma planície na região do Sinar e se estabeleceram ali.

E disseram uns aos outros:

Vamos fazer tijolos, e assá-los completamente.

E os tijolos serviram-lhes como pedras, e o betume serviu-lhes como argamassa.

E eles disseram:

Vamos construir uma cidade, e uma torre cujo ápice alcançará o céu.

Em regiões como Canaã, onde se utilizavam pedras na construção e a cal ainda é usada como argamassa (pois eles carecem de betume), a referência a tijolos e sua tecnologia de fabricação ("assá-los completamente") e ao betume (que irrompe do solo no sul da Mesopotâmia) representa um conhecimento impressionante e consideravelmente detalhado de acontecimentos passados em uma terra sem pedras como a Suméria. Ao desvendarem a antiga Suméria, as pás dos arqueólogos estavam corroborando a Bíblia.

Além das várias conquistas tecnológicas daqueles colonizadores na planície entre os rios Eufrates e Tigre - entre elas a roda e a carroça, o forno, metalurgia, remédios, têxteis, vestimentas multicoloridas e instrumentos musicais havia outros incontáveis "primeiros" do que ainda são considerados aspectos essenciais de uma civilização avançada. Estes incluíam o sistema matemático chamado sexagesimal ("Base 60") que iniciou o círculo de 360°, a precisão que dividiu o dia e a noite em 12 "horas duplas", um calendário lunissolar de 12 meses devidamente intercalados por um 13º mês a cada determinado número de anos, geometria, unidades de medida de distância, peso e capacidade, uma astronomia avançada com planetas, estrelas e constelações, conhecimento zodiacal, regras de conduta e tribunais, sistemas de irrigação, redes de transporte e estações aduaneiras, dança e música (e notas musicais), até impostos - assim como uma organização social baseada na monarquia e uma religião centrada nos templos com festivais previstos e um sacerdócio especializado. Além de tudo isso, a existência de escolas de escrita, templo e bibliotecas reais indicava surpreendentes níveis de realizações intelectuais e literárias.

O sumeriólogo Samuel Noah Kramer, em seu pioneiro livro *History Begins At Sumer* (1956), descreveu 27 daquelas Primeiras Coisas, incluindo o Primeiro Precedente Legal, o Primeiro Ideal Moral, o Primeiro Historiador, a Primeira Canção de Amor, o Primeiro "Emprego", e assim por diante - todos selecionados das tabuletas de argila inscritas em sumério. Descobertas arqueológicas reais de artefatos e representações pictóricas realçam e confirmam aquele extensivo registro textual.

A realização, na Europa e na América, de tudo isso serviu para acelerar o ritmo de descobertas na Suméria; e, quanto mais os arqueólogos escavavam, mais deparavam com épocas cada vez mais remotas.

Um sítio chamado Bismaya foi escavado por uma equipe da Universidade de Chicago. Era a antiga cidade suméria chamada *Adab*. Resquícios de templos e palácios foram descobertos ali, com objetos que continham inscrições votivas; algumas identificavam um rei de Abad chamado Lugal-Dalu, que governou ali por volta de 2.400 a.C.

Em montes agrupados à volta do local conhecido como Tell Uhaimir, arqueólogos franceses descobriram a antiga cidade suméria de *Kish*, com resquícios de dois zigurates; eles foram construídos com tijolos convexos incomuns; uma tabuleta inscrita com a antiga escrita suméria identificava o templo como dedicado ao deus **Ninurta**, o filho guerreiro de Enlil. As ruínas mais remotas, datadas do Período Dinástico Arcaico, incluíam um palácio de "tamanho monumental"; o edifício possuía colunas - uma raridade na Suméria. As descobertas em Kish incluíam restos de carroças com rodas e objetos de metal. Inscrições identificavam dois reis por seus nomes - Mes-alim e Lugal-Mu; mais tarde se constatou que eles reinaram no início do terceiro milênio a.C.

As escavações em Kish foram retomadas depois da Primeira

Guerra Mundial pelo Museu de História Natural de Chicago e pelo Museu Ashmolean, de Oxford. Entre suas descobertas constavam alguns dos mais antigos exemplos de impressões em selo cilíndrico. (Em 2004, o museu de Chicago lançou um projeto para unificar em registro digital *os mais de 100 mil artefatos de Kish* que ficaram dispersos entre Chicago, Londres e Bagdá.)

Nos anos 1880, um sítio chamado Abu Habbah chamou a atenção de L. W. King, do Museu Britânico, quando "tabuletas interessantes" - desenterradas no sítio por saqueadores locais - foram postas à venda. Um colega, Theophilus Pinches, identificou corretamente a cidade como sendo a antiga *Sippar* - a mesma cidade do deus Shamash, mencionada por Beroso na história do Dilúvio!

O sítio foi escavado por algum tempo pelo assistente de Layard, Hormuzd Rassam; uma das mais conhecidas descobertas ali foi uma imensa tabuleta de pedra representando ninguém menos que o deus Shamash, sentado em seu trono coberto com um toldo (Figura 36). As inscrições que acompanham a imagem identificavam o rei sendo apresentado ao deus como rei Nabu-apla-iddin que, no século IX a.C., renovou o templo de Shamash em Sippar.

Os montes gêmeos da cidade foram escavados com mais profundidade nos anos 1890 por uma expedição conjunta entre a Sociedade Oriental Alemã (*Deutsche Orient Gesellschaft*) e o Serviço de Antiguidades Otomano. Eles não apenas descobriram tesouros intactos de tabuletas textuais - compartilhadas entre Berlim e Constantinopla mas também algumas das mais antigas e estranhas bibliotecas de tabuletas: estas eram mantidas em "escaninhos" entalhados nas paredes de tijolos, em vez de prateleiras (como em períodos posteriores). Os textos da biblioteca incluíam tabuletas cujos colofons declaravam, de

forma explícita, que aquelas eram cópias de textos de tabuletas antecedentes vindas de Nippur, de uma cidade chamada Acádia, e da Babilônia - ou encontradas na própria Sippar; *entre elas estavam tabuletas que pertenciam ao texto sumério Atra-Hasis!*

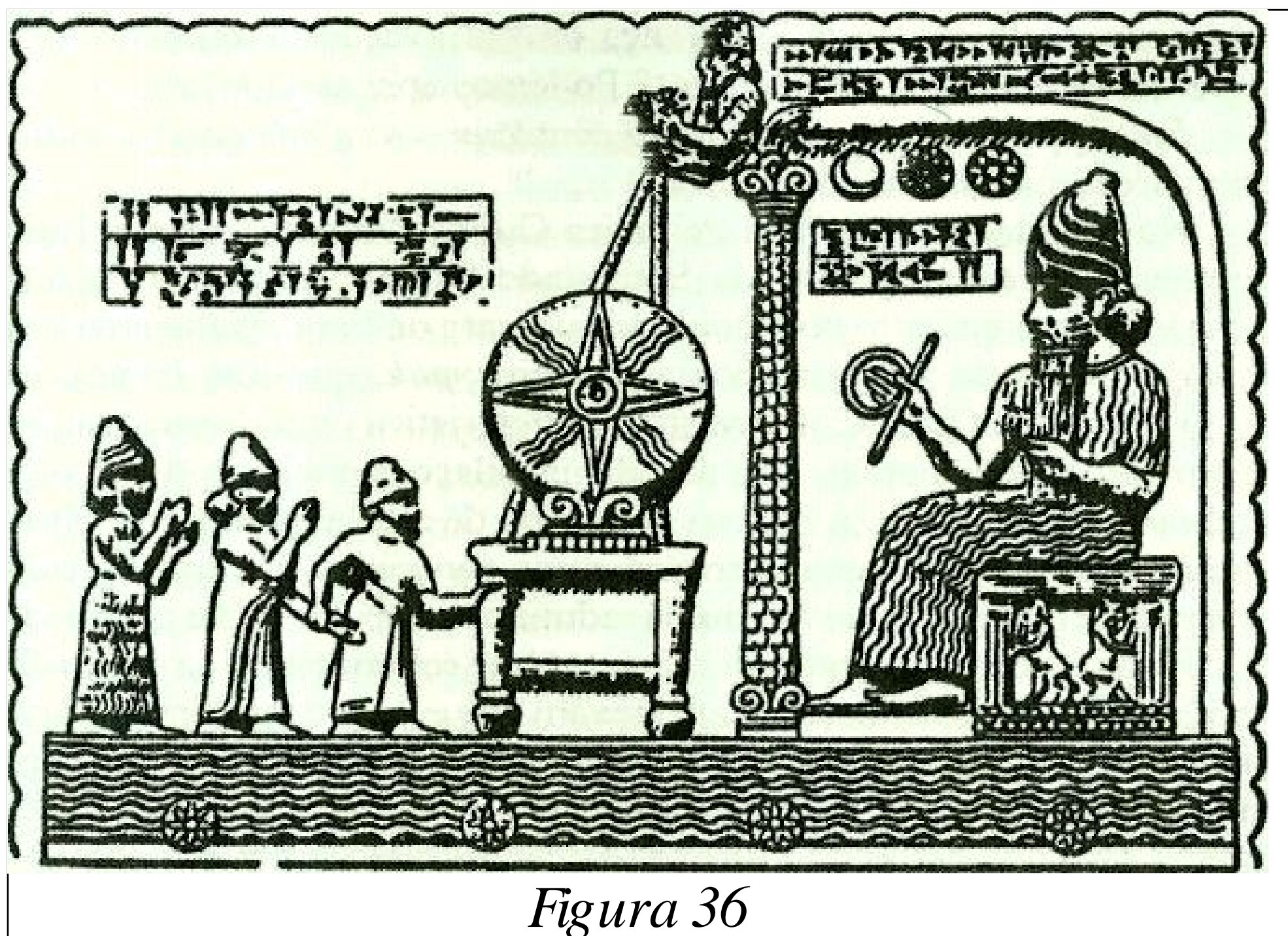


Figura 36

Seria isso uma indicação de que Sippar fora um repositório antecedente de "escrituras", como as afirmações de Beroso sugeriam? Nenhuma resposta certa pode ser fornecida, mas podemos citar Beroso outra vez: primeiro, "Cronos" ordenou a Ziusudra que *"escavasse um buraco e enterrasse todos os textos sobre os Começos, Meios e Fins, em Sippar, a cidade do deus Sol [Shamash]"*. Então, os sobreviventes da Inundação "retornaram à Babilônia, desenterraram os textos de Sippar, fundaram muitas cidades, estabeleceram santuários e, mais uma vez, instauraram a Babilônia". Seria o original armazenamento em compartimentos talhados uma lembrança da "escavação de buracos" para preservar as tabuletas mais antigas? Podemos

apenas especular.

Em Sippar, o conto do Dilúvio começou a assumir realidade física; mas era apenas o começo.

Na década precedente à Primeira Guerra Mundial, arqueólogos alemães, sob os auspícios da Sociedade Oriental Alemã, iniciaram escavações em um sítio conhecido localmente de Fara. Tinha sido uma importante cidade suméria chamada *Shuruppak*, que fora colonizada muito antes de 3.000 a.C. Entre suas características interessantes constavam edifícios que eram, sem dúvida, instalações públicas, alguns servindo como escolas com bancos de tijolos de argila embutidos. Havia uma profusão de tabuletas inscritas cujos conteúdos nos trazem certo esclarecimento quanto a vida diária, administração das leis e propriedade privada de casas e campos - tabuletas que refletiam a vida urbana há 5 mil anos. Tabuletas inscritas afirmavam que essa cidade suméria tinha uma antecessora pré-diluviana - um lugar que representou um papel importante nos acontecimentos do Dilúvio.

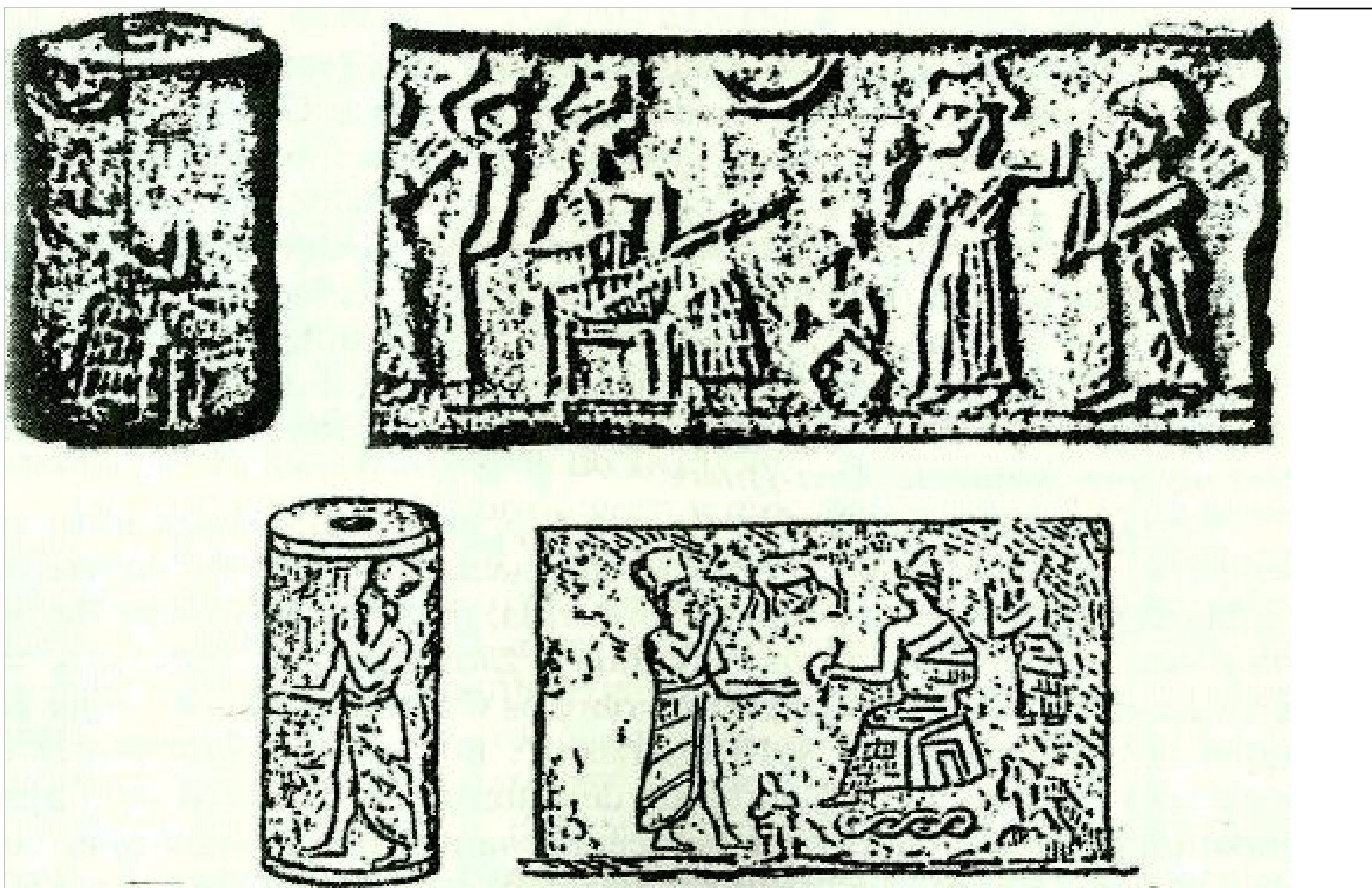


Figura 37

As descobertas ali se destacaram por seu tesouro incomum de *se los cilíndricos* ou suas impressões - uma invenção suméria única que foi adotada por todas as regiões antigas com o passar do tempo, assim como a escrita cuneiforme. Eram cilindros (em sua maioria de três a quatro centímetros de comprimento) moldados a partir de uma pedra (em geral semi-preciosa), na qual o artesão esculpia um desenho, com ou sem texto de acompanhamento (Figura 37). O truque consistia em gravá-la ao contrário, como um negativo; assim, quando fosse passada em argila molhada, a imagem ficava impressa como um positivo - uma invenção preliminar da "prensa rotativa". Esses trabalhos de arte cilíndrica são chamados "selos" porque esse era o seu propósito: o proprietário do selo imprimia-o em um pedaço de argila molhada que selava um recipiente de óleo ou vinho, ou em um envelope de argila, para selar uma carta de argila contida nele. Algumas impressões em selos já foram encontradas em Lagash, contendo o nome de seus proprietários; mas aquelas de Fara/Shuruppak excediam a quantidade de 1.300 e, em alguns casos, pertenciam a tempos mais primitivos.

Mas um fato não menos surpreendente do que desvendar Shuruppak foi sua própria descoberta - pois, de acordo com a Tabuleta XI da versão acadiana do Épico de Gilgamesh, ***Shuruppak era a cidade natal de Utnapishtim, o "Noé" do Dilúvio!*** Foi ali que o deus Enki revelou a Utnapishtim o segredo do Dilúvio iminente e instruiu-o a construir o barco de salvamento:

Homem de Shuruppak, filho de Ubar-Tutu:

Destrói a casa, constrói um navio!

Abdica de posses, busca tua vida!

Repudia pertences, mantém a alma viva!

A bordo do navio leva contigo a semente de todas as coisas vivas.

Esse navio deverá construir -
Suas dimensões serão à medida.

(Enki, devemos nos lembrar, teria sido o revelador da decisão se creta dos deuses também no texto sumério mencionado anteriormente.)

As descobertas de e em Shuruppak, bem como as de Sippar, transformaram o conto do Dilúvio de lenda e "mito" em uma realidade física. Em *Encontros Divinos*, eu concluí, baseado em dados antigos e descobertas científicas modernas, que o Dilúvio foi um maremoto colossal causado pelo deslocamento de uma calota polar, a leste da Antártida, para fora daquele continente.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) interrompeu aquelas e outras explorações arqueológicas no Oriente Próximo, que fez parte do Império Otomano até seu desmembramento após a guerra. A Mesopotâmia foi deixada nas mãos dos escavadores locais - tanto oficiais quanto (a maioria) ladrões particulares de sítios. Algumas das descobertas realmente chegaram ao Museu do Antigo Oriente em Constantinopla/ Istambul, revelando que durante os anos de guerra as escavações no Iraque ocorreram em Abu Habbah, a antiga Sippar; mas havia tanto para desvendar ali que várias escavações continuaram durante os anos 1970 - quase um século inteiro após o início das escavações.

Uma contínua e determinante série de escavações, que duraram do fim da Primeira Guerra Mundial até a irrupção da Segunda Guerra Mundial, em 1939 (e retomadas em 1954), ocorreu em um sítio a sul da Suméria conhecido no local como Warka - a mesma *Uruk* do *Épico de Gilgamesh*, a *Ereque da Bíblia!*

Adotando uma técnica de escavação que consiste em cortar um

facho vertical através de todo o estrato, os arqueólogos alemães da Sociedade Oriental Alemã puderam ver de imediato a colonização e história cultural do sítio - desde a mais recente colonização, no topo, até o seu início no quarto milênio a.C., embaixo. Em todas as ocasiões, desde pelo menos 3.800 a.C., parecia que todas as potências da Suméria, Acádia, Babilônia e Assíria até a Pérsia, Grécia e Selêucia queriam deixar a sua marca em Uruk. Uruk era, sem dúvida, um lugar especial.

Em Uruk, os arqueólogos alemães descobriram vários "primeiros" - os primeiros itens de cerâmica colorida cozidos em forno, o primeiro uso da roda de oleiro, os primeiros objetos de liga de metal, os primeiros selos cilíndricos e as primeiras inscrições feitas com o antecessor pictórico do cuneiforme. Outro "primeiro" foi um pavimento feito em blocos de calcário, parte de um uso incomum de pedras em vez de tijolos de barro para a construção - incomum porque as pedras tinham de ser trazidas das montanhas situadas a mais de 80 quilômetros a leste. Os arqueólogos descreveram algumas das construções de pedra da cidade como sendo de "proporções monumentais".

Uma muralha maciça circundava a cidade - os arqueólogos encontraram seus resquícios por uma extensão de mais de dez quilômetros. Ela abrangia as duas partes da cidade - a residencial e o recinto sagrado, onde descobriram o primeiro "zigurate", uma plataforma erguida em degraus que servia como base para um templo. Na época de sua escavação, ele era mais como um monte artificial de não menos que sete estratos de reconstrução. No ápice, em uma plataforma artificial, ficava um templo. Chamado *E. Anna* (= "Casa/Morada de Anu"), ele também é conhecido pelos arqueólogos como o Templo Branco porque - outra característica incomum - foi pintado de branco (Figura 38, uma reconstrução). Próximo ao E. Anna ficavam resquícios de outros dois templos. Um, pintado de vermelho, era dedicado à deusa **In.anna**, "Amada de Anu" (mais

conhecida pelo seu nome posterior acadiano, *Ishtar*). O outro, ainda em pé, era um templo dedicado à deusa Ninharsag.

Sem dúvida, *as pás dos arqueólogos trouxeram à luz a cidade de Gilgamesh*, que reinara ali por volta de 2750 a.C. (ou até antes, segundo outra cronologia). As descobertas dos arqueólogos ecoaram, literalmente, as próprias palavras do Épico de Gilgamesh:

Sobre todos os seus feitos ele [Gilgamesh] gravou em uma coluna de pedra:

Da fortificada Uruk, da muralha que ele construiu,

Do consagrado E. Anna, o santuário puro.

Contemple sua parede externa, que é como uma faixa de cobre,

Espreite sua parede interior, à qual nenhuma se iguala!

Admire a plataforma de pedra, que é de ouro;

Suba e ande em volta das muralhas de Uruk,

Aproxime-se de E. Anna e da morada de Ishtar!

Entre as "pequenas descobertas" no estrato de 3.200-2.900 a.C., havia objetos esculpidos que foram designados como os "Os Mais Premiados" pelo Museu de Bagdá, no Iraque - uma escultura de már more de uma cabeça feminina em tamanho natural (Figura 39) - apelidada de "A Dama de Uruk" - que fora, uma vez, adornada com um toucado e tinha olhos feitos com pedras preciosas e um grande vaso de alabastro (mais de 90 centímetros) esculpido que retratava a procissão de adoradores levando oferendas à sua deusa. De uma só vez, a arte suméria de mais de 5 mil anos se igualava à beleza da escultura grega de 2.500 anos depois!

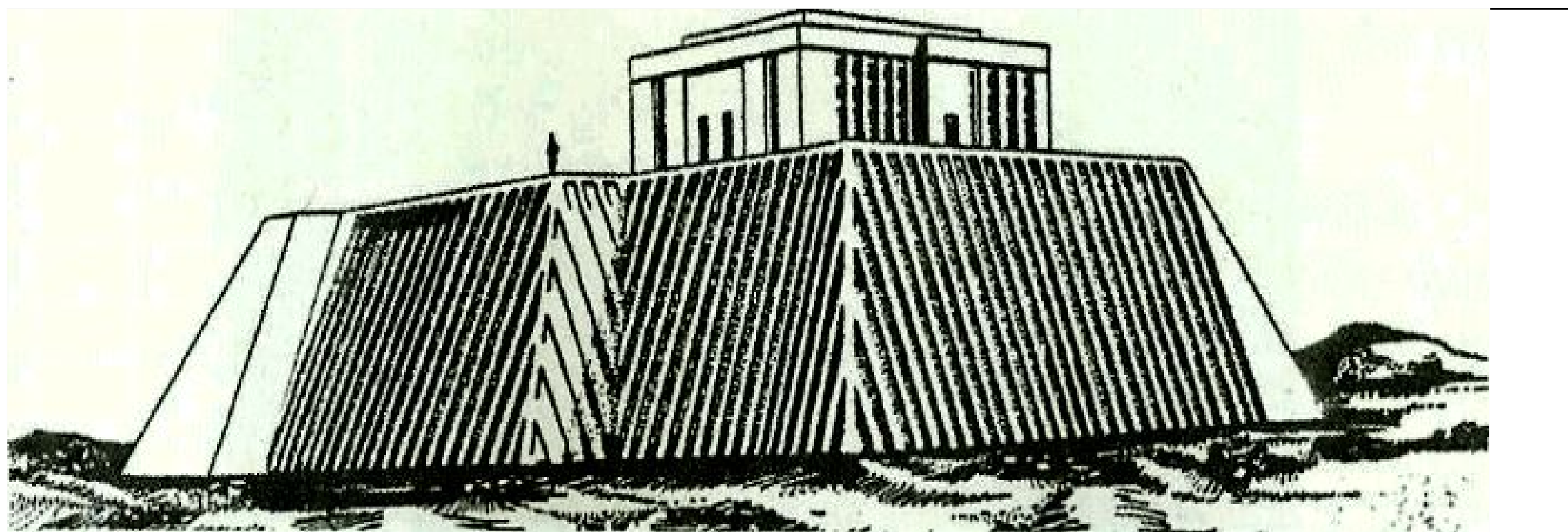


Figura 38

No extremo sul da Suméria, onde os rios Tigre e Eufrates se encontram em pântanos à margem do Golfo Pérsico, um sítio localmente chamado de Abu Shahrain atraía a atenção do Museu Britânico já em 1854. Um de seus especialistas, J. E. Taylor, relatou após escavações preliminares que o esforço "não produziu nenhum resultado importante". Ele trouxe consigo algumas das descobertas "sem importância" - alguns tijolos de argila com textos. Cinquenta anos depois, dois assiriólogos franceses determinaram, a partir daqueles tijolos, que o sítio era a antiga *Eridu*; seu nome significava "Casa Construída Distantemente", e *era a primeira cidade da Suméria*.

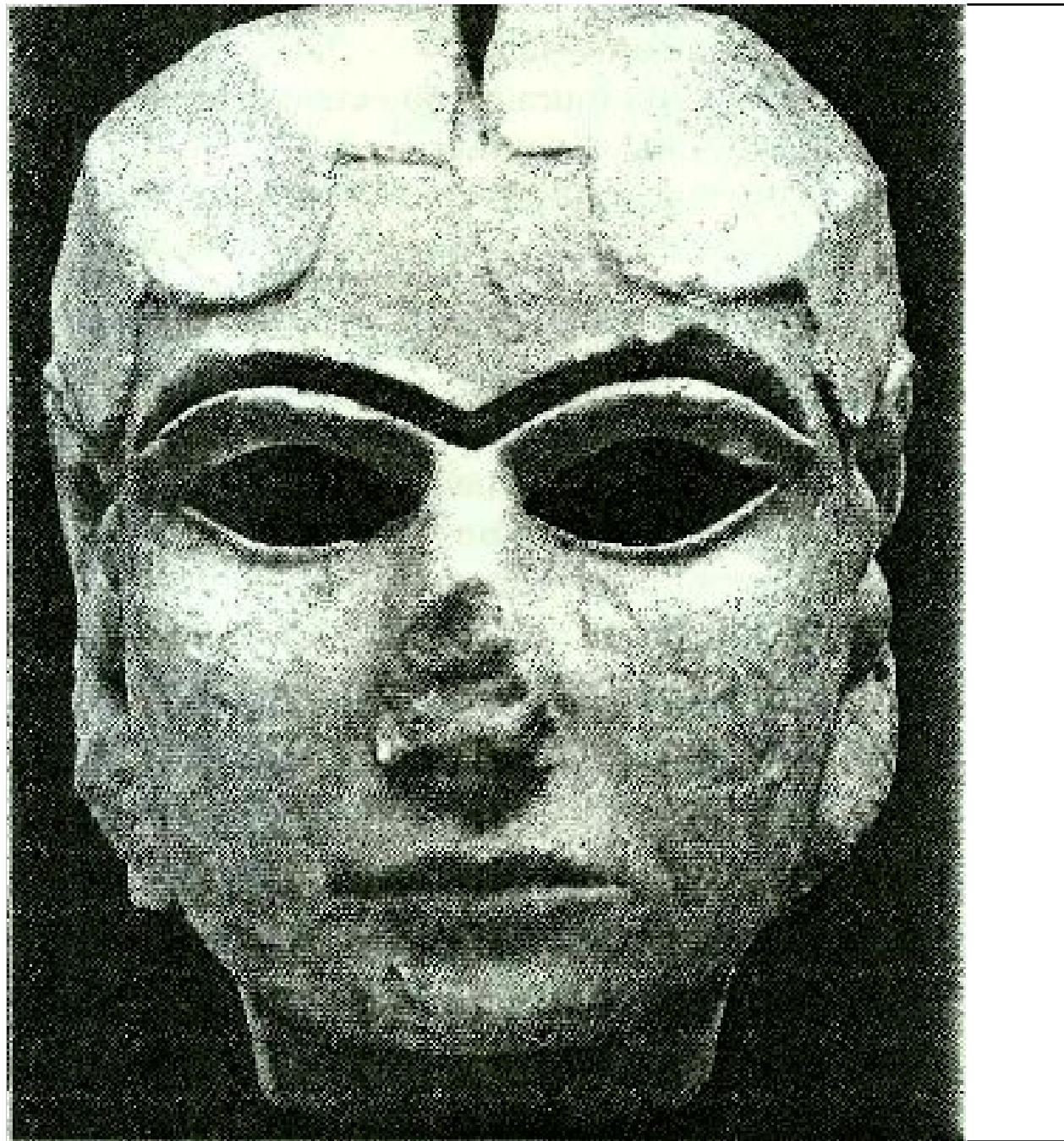


Figura 39

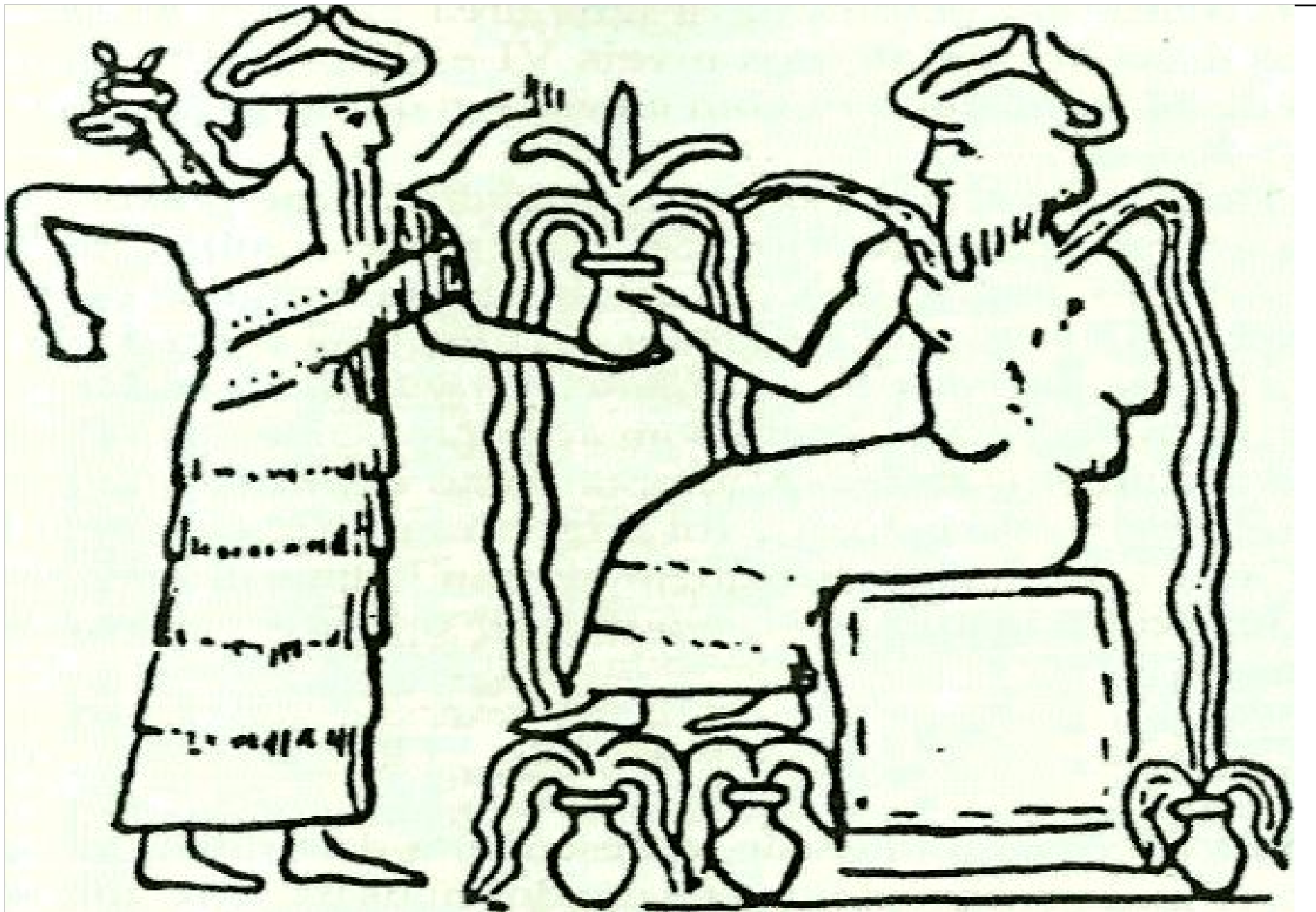


Figura 40

Foram necessárias duas guerras mundiais e o tempo entre elas para que as primeiras escavações arqueológicas metódicas e contínuas acontecessem no sítio, sob os auspícios da Diretoria

Geral de Antigüidades do Iraque. Conforme os arqueólogos tiravam estrato de ocupação após estrato de ocupação, do mais recente, em cima, até o mais antigo, embaixo, descobriram nada menos do que 17 níveis em cima do primeiro; eles conseguiam calcular o tempo para trás conforme continuavam escavando: 2.500 a.C., 2.800 a.C., 3.000 a.C., 3.500 a.C. Quando as pás tocaram as fundações do primeiro templo de Eridu, a data era por volta do ano 4.000 a.C. Mais abaixo, os arqueólogos atingiram solo lamacento virgem.

O templo original da cidade, que fora reconstruído inúmeras vezes, foi edificado com tijolos de barro cozido e erguia-se sobre uma plataforma de nível artificial. Sua sala central possuía um formato retangular e era flanqueada, nas duas laterais mais compridas, por uma série de salas menores - um modelo para outros templos no milênio futuro. Em um canto havia um pedestal, talvez para uma estátua. No outro canto, um pódio criava uma área elevada; os escavadores perplexos descobriram ali, nos níveis VI e VII, grandes quantidades de ossos de peixe misturados com cinzas - o que sugeria a oferenda de peixe aos deuses.

Os escavadores não deviam ter ficado tão perplexos: o templo era dedicado ao deus sumério E.A, cujo nome significava "Ele Cujá Morada é nas Águas". Como sua auto-biografia e muitos outros textos deixaram claro, foi E.A que vadeou em direção à costa do Golfo Pérsico como dirigente dos 50 astronautas *anunnakis* vindos à Terra a partir de seu planeta. Retratado com correntezas de água (Figura 40), ***ele era o lendário Oannes***. A tempo, como explicado no preâmbulo do texto do épico *Atrahasis*, foi concedido a Ea o epíteto En.ki - "Senhor [da] Terra". E foi ele quem alertou Utnapishtim/Ziusudra do Dilúvio iminente, instruindo-o a construir o barco à prova d' água e ser salvo.

Embora sem essa intenção, a descoberta de Eridu abriu

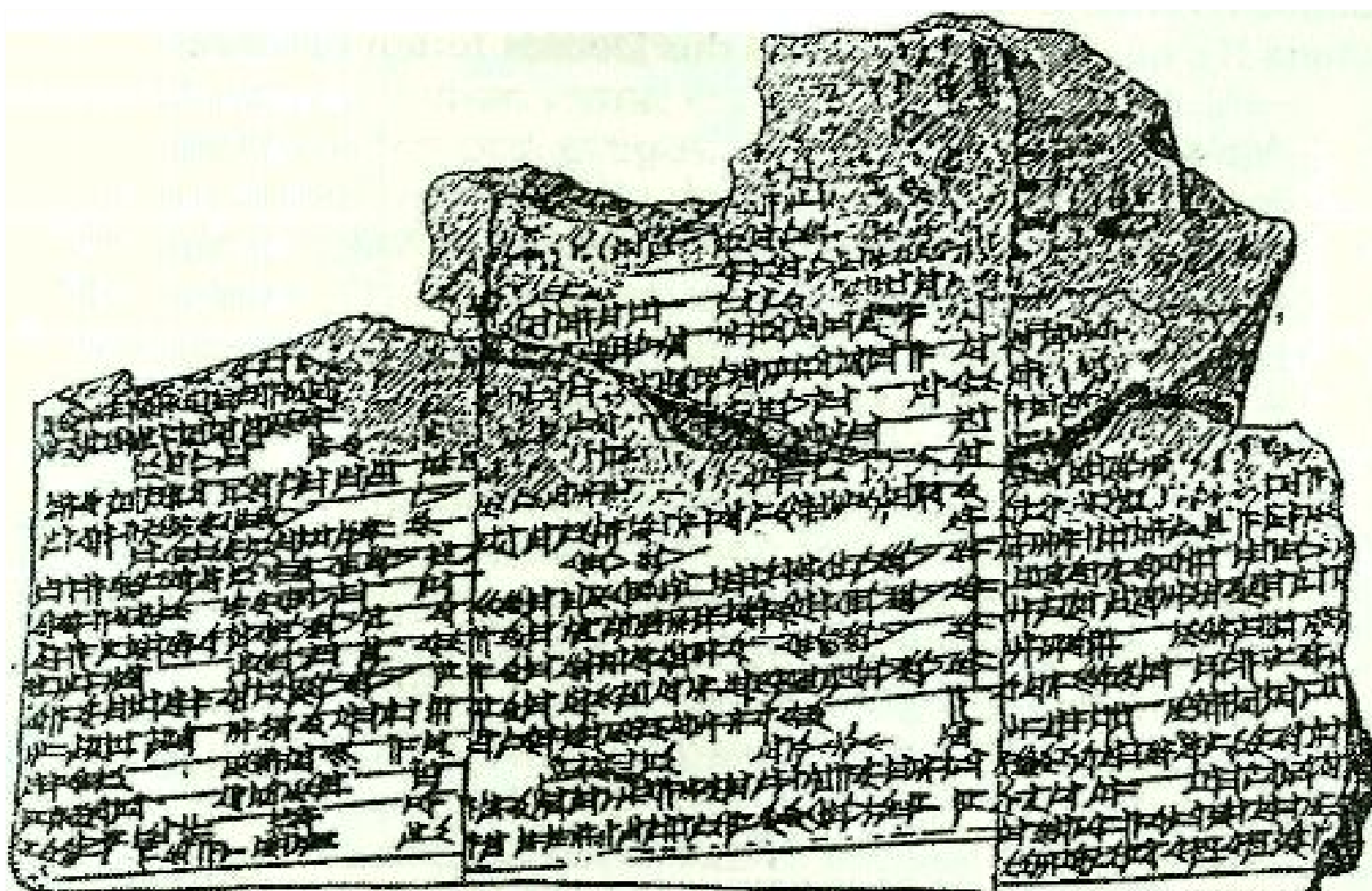
caminho para a confirmação arqueológica de um dos mais básicos "mitos" sumérios - a vinda dos anunnakis para a Terra e a fundação por parte deles das *Cidades dos Deuses em épocas pré-diluvianas*.

Foi em 1914 que um dos primeiros "sumeriólogos", Arno Poebel, tomou conhecidos os surpreendentes conteúdos de uma tabuleta mantida em uma caixa de fragmentos catalogada como "CBS 10673" na coleção do Museu da Universidade da Filadélfia. Preservado em menos que sua metade (Figura 41), esse remanescente do *registro original sumério do Dilúvio* fornece, no anverso, a parte de baixo das primeiras três colunas de texto; e, quando virado, ele retém no reverso a parte superior das colunas IV-VI.

As linhas existentes na última seção relatam como Ziusudra fora advertido (pelo deus Enki) sobre o Dilúvio e o barco que fora instruído a construir; como o Dilúvio se estendeu por sete dias e sete noites; e como os deuses, liderados por Enlil, concederam a Ziusudra "vida, como um deus" - daí seu nome, "Ele dos Dias de Vida Prolongados".

As colunas do anverso I-III, no entanto, expandiam consideravelmente o conto. O texto descreve as circunstâncias do Dilúvio e os acontecimentos que o precederam. De fato, o texto remonta à época em que os anunnakis vieram à Terra e se estabeleceram em *Edin* - um conto que alguns chamam de *A Gênese de Eridu*. Foi naqueles dias longevos, quando os anunnakis trouxeram o "Reinado" do Céu, o texto afirma (na coluna II), que as cinco Cidades dos Deuses foram fundadas:

ANVERSO



REVERSO

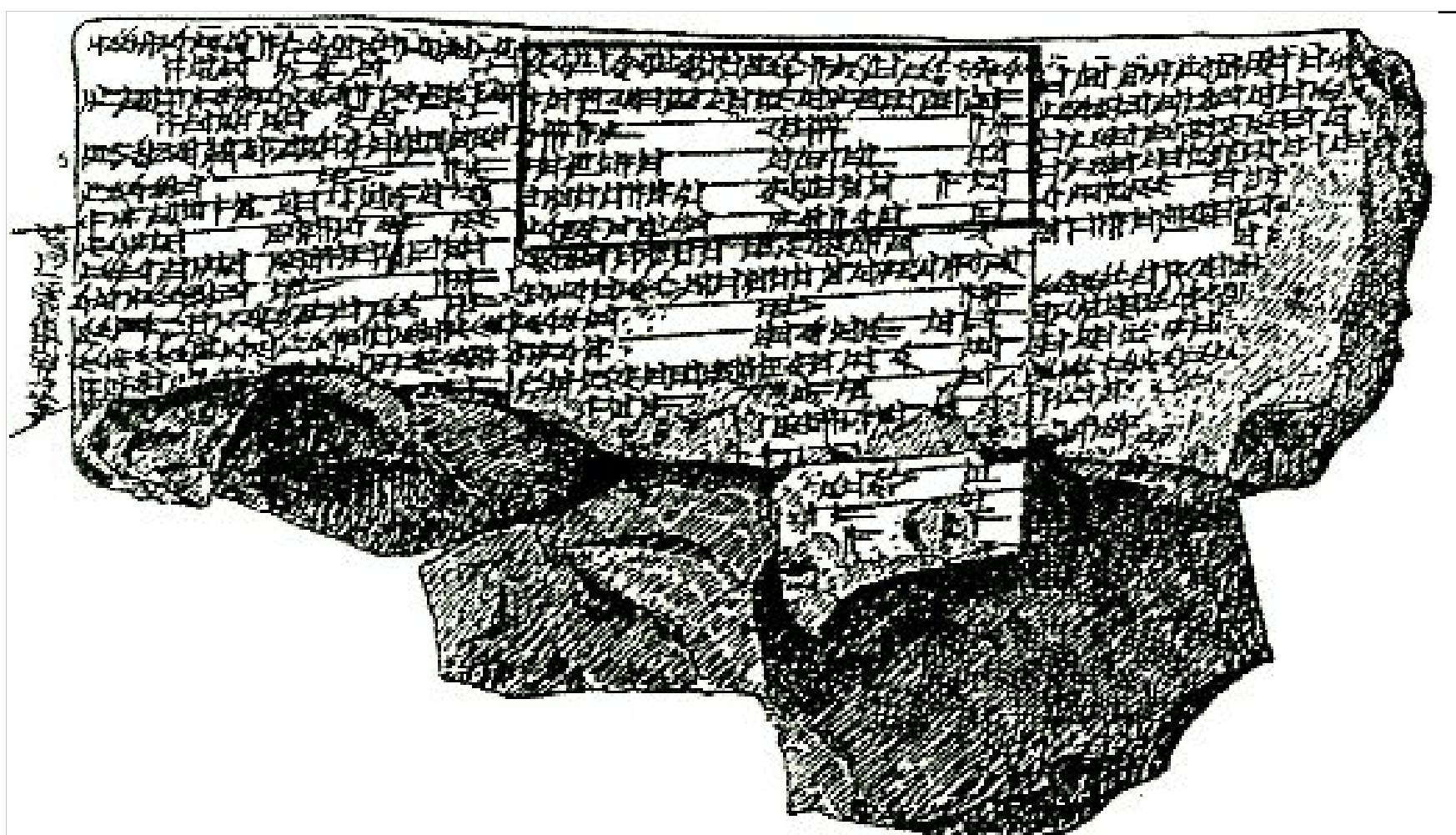


Figura 41

Após o [...] do Reinado ser trazido do céu,
Depois que a coroa e o trono altivos do reinado foram baixados
do céu, [...] aperfeiçoaram o [...] [...] fundaram [...] cidades em
[...] Deram-lhes seus nomes, alocaram seus lugares puros:

A primeira destas cidades, Eridu, ao líder, Nudimmud, foi concedida.

A segunda, Bad-Tibira, ele ofereceu a Nugig.

A terceira, Larak, a Pabilsag foi dada.

A quarta, Sippar, ele deu ao herói Utu,

A quinta, Shuruppak, a Sud foi doada.

A revelação de que algum tempo após chegar a Terra - mas muito antes do Dilúvio - os anunnakis estabeleceram cinco assentamentos é de grande importância; que os nomes das cidades e de seus deuses-governantes sejam enunciados é bastante surpreendente; mas o mais espantoso acerca da lista das Cidades dos Deuses é que *quatro de seus sítios tenham sido descobertos e escavados por arqueólogos modernos!* Com a exceção de **Larak**, cujos resquícios não foram identificados, embora sua localização aproximada tenha sido constatada, **Eridu, Bad-Tibira, Sippar e Shuruppak** foram descobertas. Assim como a Suméria, suas cidades e sua civilização foram trazidas de volta à luz; não apenas o Dilúvio, mas acontecimentos e lugares anteriores ao Dilúvio emergiram como realidade histórica.

Uma vez que os textos mesopotâmicos afirmam que o Dilúvio devastou a Terra e tudo sobre ela, podemos muito bem perguntar como essas cidades ainda existiam depois do Dilúvio. A resposta - fornecida pelos mesmos textos mesopotâmicos - estará atrás das cortinas do tempo e da obscuridade, onde encontraremos a história completa dos *anunnakis*, "Aqueles Que do Céu para Terra Vieram".

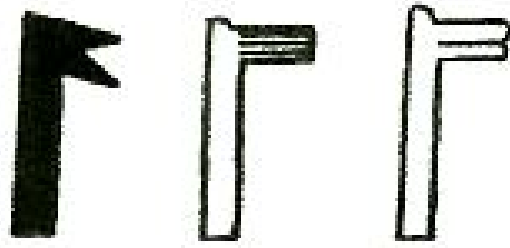
Como antes, os próprios textos antigos contarão a história.

A TERRA DO 'ÉDEN'

O nome *Shumer*, como era conhecido o sul da Mesopotâmia em tempos antigos, deriva das inscrições acadianas a respeito do reinado da "Suméria e Acádia" - uma entidade geopolítica formada após a instalação de Sargão I (*Sharru-kin* = "O Rei Legítimo"), que falava a língua semítica, como governante da Grande Suméria por volta de 2.370 a.C. (Quando o reinado de Davi se dividiu após sua morte entre os reinados da Judeia e de Israel, a região do norte foi carinhosamente chamada de *Shomron* - "Pequena Shumer".)

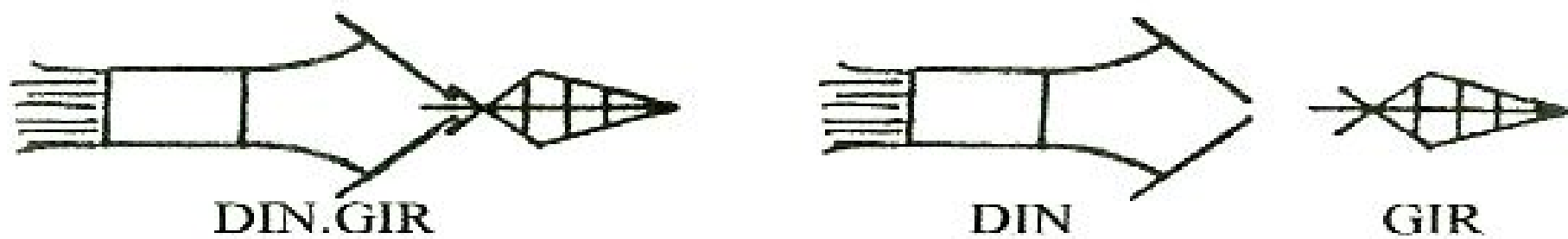
Originário do verbo acadiano (e hebraico) que significa "observar/vigiar", o nome *Shumer* identifica o domínio como "Terra dos Observadores" ou "Terra dos Guardiões" - os deuses que guardam e protegem a Humanidade. O termo condizia com a antiga palavra egípcia para "deuses"

- *Neteru* - que procedia do verbo NTR e significava "guardar, vigiar". De acordo com a cultura egípcia, os neterus chegaram ao Egito vindos de *Ur-Ta*, o "Local Antigo"; seu símbolo hieroglífico era um machado de mineiro:



NETERU

Antes da Suméria e Acádia, quando havia apenas as Cidades dos Deuses na região, ela era chamada **E.din** – “Casa/Morada dos Legítimos” – o Éden bíblico; o termo deriva do determinativo **Din.gir** que precedia os nomes dos deuses em sumério. Significando “Justos/Legítimos”, sua representação pictográfica mostra seus foguetes espaciais de duas partes:



V

QUANDO O REINADO FOI TRAZIDO PARA A TERRA

Cidades - centros urbanos com população - são os indicadores de uma civilização avançada. A tabuleta suméria que fala do conto das primeiras cinco cidades na Terra é, assim, o registro do início da civilização avançada na Terra.

As cidades implicam a especialização entre agricultura e indústria, possuem prédios, ruas e mercados, desenvolvem o comércio e a troca, requerem transporte e comunicações, precisam de registros - leitura, escrita e aritmética. Elas também exigem uma sociedade organizada e leis, possuem uma hierarquia administrativa, nomeiam ou conferem poderes a um Diretor Executivo; na Suméria, e daí em diante praticamente em todos os lugares, havia um **Lu.gal** - literalmente "Grande Homem", interpretado como "Rei" nas traduções. Os sumérios denotaram esses elementos de um conhecimento avançado e a soma total da civilização no termo **Nam.lugal.la**, geralmente

traduzido como "Reinado". *E o Reinado, os sumérios afirmaram, foi trazido para a Terra dos céus.*

Considerado uma instituição divina, o Reinado exigia que o rei fosse legítimo, tinha de ser eleito (ou, na verdade, consagrado) pelos deuses. De acordo com isso, por todo o mundo antigo, a sucessão de reis era meticulosamente registrada nas Listas de Reis. No Egito, como vimos, eram organizados em dinastias; na Babilônia e Assíria, em Elam, Hatti, Pérsia e outros - e na Bíblia com seus dois Livros dos Reis -, as Listas de Reis nomeavam governantes sucessivos, fornecendo o tempo de seus reinados e, no fim, uma breve nota biográfica. Na Suméria, onde os reis governavam em várias cidades-estados, a lista principal era organizada pelas cidades reais que serviam como capital "nacional" ou central da região em determinada época - uma função que passava de uma cidade principal para a outra. E a Lista de Reis mais famosa e mais bem preservada da Suméria começa com esta afirmação: "Quando o Reinado foi trazido do Céu" - uma afirmação que corresponde aos versos de abertura do conto das pré-diluvianas Cidades dos Deuses, que acabamos de citar: "Após o [...] do Reinado ser trazido do céu, depois que a coroa e o trono altivos do reinado foram baixados do céu".

Devemos compreender que essas declarações não tinham apenas o objetivo de glorificar o Reinado com um estatuto divino; um princípio fundamental da história e dos ensinamentos sumérios era que o Reinado foi, *de fato*, e não apenas de maneira figurativa, trazido à Terra dos céus - que os **anunnakis** (= "Aqueles que do Céu para a Terra vieram") realmente iniciaram sua presença civilizada na Terra com cinco assentamentos, como afirma a tabuleta CBS-10673. Embora o nome do deus que deferiu as concessões esteja ausente da tabuleta, podemos dizer, com certeza, que foi Enlil que seguiu Enki em sua vinda para a Terra - um detalhe reconhecido pela afirmação de que "A primeira dessas cidades, Eridu, ao líder

Nudimmud (=Ea/Enki) foi concedida". Além disso, cada um dos outros a quem foi concedida uma cidade - Nugig (= a deusa da Lua Nannar/Sin), Pabilsag (= Ninurta), Utu (= Shamash) e Sud (= "O Médico", Ninmah) - não eram apenas membros do alto escalão do panteão sumério, mas tinham relação com Enlil. Foi após a chegada de Enlil que o posto avançado inicial de Enki (Eridu) foi expandido para cinco (e depois oito) assentamentos de pleno direito.

A relação entre aquelas primeiras Cidades dos Deuses e a mudança da civilização para a Terra, vinda dos céus, é reafirmada em vários outros documentos sumérios que falam dos acontecimentos pré-diluvianos. Dois dos documentos principais podem ser vistos por qualquer um que visite o Museu Ashmolean de Arte e Arqueologia, em Oxford, Inglaterra - um museu que marca o seu início com a doação, em 1683, por Elias Ashmole, de 12 carrinhos carregados com itens de colecionador antigos que a história oficial do museu descreve como "uma *arca de Noé* com raridades". A coleção original se diversificou e cresceu ao longo dos séculos para se tornar uma instituição oficial da Universidade de Oxford. Não há multidões esperando em filas para entrar no museu; ele não possui nenhuma *Mona Lisa* para atrair um grande número de pessoas ou cineastas. Mas entre os objetos que abriga constam duas descobertas arqueológicas inestimáveis e da maior importância para a história da Humanidade e do nosso planeta; e ambas registram o Dilúvio, chamado de "Dilúvio de *Noé*". *Elas, ou cópia delas, muito provavelmente serviram como fonte para os escritos de Beroso.*

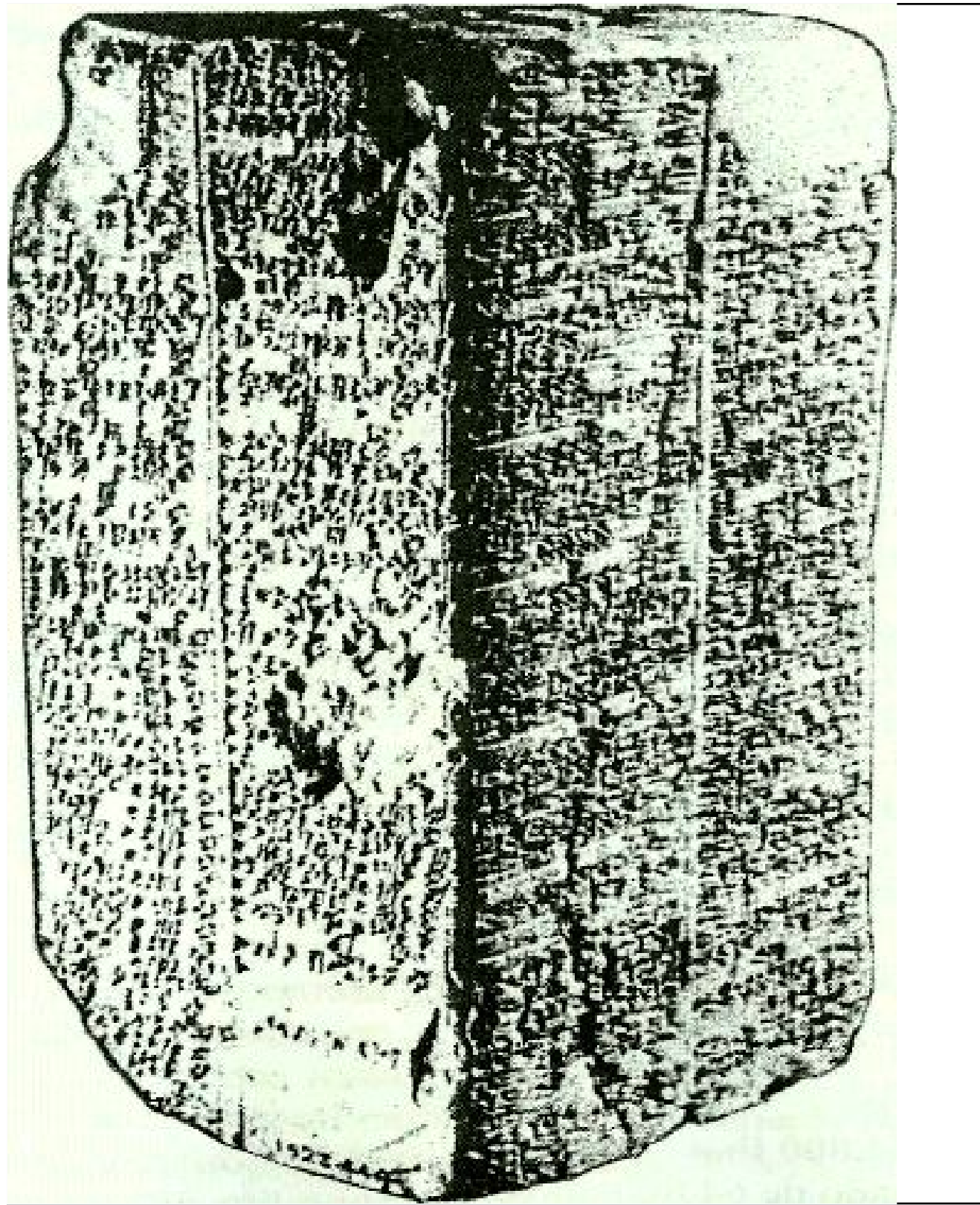


Figura 42

Catalogados como WB-62 e WB-444 por Stephen Langdon no *Oxford Editions of Cuneiform Texts* (1923), os dois artefatos de argila sumérios pertencem à coleção particular que Herbert Weld-Blundell - um arqueólogo, explorador e jornalista inglês - doou ao museu em 1923. O WB-444 é o mais conhecido dos dois, pois, enquanto o WB-62 se parece com um tipo "comum" de tabuleta de argila, o WB-444 é um tipo raro, extraordinário e belo de argila cozida com um prisma de quatro lados (Figura 42). Conhecido como *A Lista de Reis Sumérios*, ele pormenoriza como a primeira capital da Suméria foi a cidade de Kish, em seguida mudando para Uruk e para Ur, indo para Awan, retornando a Kish, sendo transferida para Hamazi, retomando para Uruk e depois para Ur, e assim por diante, acabando em uma cidade chamada Isin. (Os últimos registros datam o documento a um rei chamado Utu-Hegal, que governou em

Uruk por volta de 2.120 a.C. - há mais de 4.100 anos.) Mas aqueles reis, pelo que afirma o prisma do texto, começaram a governar apenas *depois* do Dilúvio, "quando o reinado foi trazido [mais uma vez] do céu". A parte inicial do prisma lista reis em cinco Cidades dos Deuses pré-diluvianas, concedendo a cada governante extensões de domínio que desconcertaram os estudiosos. Isto é o que ele diz:

Nam.lugal an.ta e.de.a=ba

[Quando] o Reinado do céu foi trazido,

Erida.ki nam.lugal.la

Em Eridu estava o Reinado.

Erida.ki A.lu.lim Lugal

[Em] Eridu, Alulim era rei,

Mu 28.800 i.a

28.800 anos [ele] governou.

A.lal.gar mu 36.000 i.a

Alalgar 36 mil anos governou;

2 Lugal

Dois Reis

Mu.bi 64.800 ib.a

Seu reinado de 64.800 anos.

E seguido apenas em tradução:

Eridu foi derrubado,

o Reinado para Bad-Tibira foi levado.

Em Bad-Tibira, Enme.enlu.anna governou por 43.200 anos;

Enme.engal.anna governou por 28.800 anos;

Dumuzi, um pastor, governou por 36 mil anos;

Três reis governaram por 108 mil anos.

Bad-Tibira foi derrubada, o Reinado para Larak foi levado.

Em Larak, En.sipazi.anna governou por 28.800 anos;
Um rei governou por 28.800 anos.

Larak foi derrubada, o Reinado para Sippar foi levado.
Em Sippar, Enme.endur.anna tornou-se rei, e governou por 21 mil anos.
Um rei governou por 21 mil anos.

Sippar foi derrubada, o Reinado para Shuruppak foi levado.
Em Shuruppak, Ubar-Tutu tornou-se rei, e governou por 18.600 anos.

Cinco cidades eram elas;
Oito reis governaram por 241.200 anos.
O Dilúvio arrebatou tudo.

Após o Dilúvio ter arrebatado tudo,
Quando o Reinado foi trazido [outra vez] do céu, o Reinado era em Kish.
etc., etc.

Essa interpretação comum das primeiras linhas do WB-444 é enganosa em um aspecto-chave: no documento original de argila, os números das extensões dos reinados são fornecidos em unidades *Sar* (utilizando o símbolo numeral para "3.600"): o reinado de Alulim em Eridu não é citado como "28.800 anos", mas "8 Sars"; o reinado de Alagar não foi de "36 mil anos", mas "10 Sars", e assim por diante na lista de governantes pré-diluvianos. *As unidades Sar nesse prisma são os próprios Saros de Beroso.* De modo significativo, a unidade de reinado *Sar* aplicava-se apenas aos governantes pré-diluvianos nas Cidades dos Deuses; a unidade de contagem muda para números normais na parte pós-diluviana do documento.

Não menos significativo é o fato de que essa lista de governantes nomeie as próprias primeiras cinco cidades, na mesma ordem exata, como faz a tabuleta CBS-10673; mas, em vez de nomear os deuses cujo "centro de culto" era cada cidade, o WB-444 lista os "reis" - administradores - de cada uma dessas cidades. De acordo com um trabalho importante de William W. Hallo (*The Antediluvial Cities*), ambos os documentos registraram uma tradição canônica que trata do início da civilização ("Reinado") na Terra, começando em Eridu e terminando em Shuruppak, na época do Dilúvio.

Não podemos ignorar que o WB-444 não menciona o herói do Dilúvio, Ziusudra, entre os oito reis que apresenta. Abrangendo as cidades e os reinados desde o início, em Eridu, até o final diluviano, em Shuruppak, sua lista termina com Ubar-Tutu e não com Ziusudra; porém, conforme afirmou com clareza a tabuleta XI do Épico de Gilgamesh, o herói do Dilúvio, Utnapishtim/Ziusudra, foi o último governante de Shuruppak, e era o filho e sucessor de Ubar-Tutu.

Várias descobertas de outras tabuletas semelhantes completas ou fragmentadas (como as UCBC 9-1819, Ni-8195 e Bagdá 63095) não deixaram dúvidas de que um texto canonizado, a partir do qual cópias e cópias e cópias foram feitas, realmente existiu em relação às pré-diluvianas Cidades dos Deuses e seus governantes; e, no decorrer de tais cópias, ocorreram erros e omissões. Uma dessas tabuletas pouco conhecidas é mantida em uma coleção particular no Museu Biblioteca de Manuscritos Karpeles, em Santa Bárbara, na Califórnia. Ela também cita oito reis em cinco cidades, mas a duração diferente de seus reinados soma "10 grandes Sars + 1 Sar + 600 x 5", o que totaliza apenas 222.600 anos.

As evidentes omissões de Ziusudra são corrigidas em outra tabuleta (Museu Britânico K-1 1624). Chamada por alguns estudiosos de *A Crônica Dinástica*, ela lista nove reis nas

primeiras cinco cidades, mais uma vez com alguns números *Sar* discrepantes - Alulim 10 (= 36.000), Algagar 3 (= 10.800) em vez de 28.800, e assim por diante -, mas terminando de forma correta com dois reis em Shuruppak: Ubartutu com 8 *Sars* (= 28.800 anos) e Ziusudra com 18 *Sars* (= 64.800 anos). Essa tabuleta acrescenta, após um total de "cinco cidades, nove reis e 98 *Sars*" (= 352.800 anos), uma breve explicação para o Dilúvio: "Enlil pegou aversão à Humanidade; o clamor que faziam lhe tirava o sono"...

A tabuleta que oferece a mais precisa lista de dez governantes, correspondendo à lista de Beroso, é a WB-62 do Museu Ashmolean; suas unidades *Sar* para a lista pré-diluviana se comparam às unidades *Saros* de Beroso, embora possuam períodos de reinado individuais discordantes. Ela difere da tabuleta WB-444 porque lista não cinco e sim seis cidades, acrescentando a cidade de **Larsa** (e com ela dois governantes) à lista pré-diluviana - resultando na totalidade de dez governantes e terminando de maneira correta com Ziusudra na época do Dilúvio. Uma comparação entre a tabuleta WB-62 e os fragmentos gregos de Beroso (convertendo *Sars/Saros* em números de anos) aponta fortemente para essa versão como sua principal fonte:

Alulim	67.200	Aloros	36.000
Alalgar	72.000	Alaparos	10.800
[En]kidunu	72.000	Amelon	46.800
[...]alimma	21.600	Ammenon	43.200
Dumuzi	28.800	Megalaros	64.800
Enmenluanna	21.600	Daonos	36.000
Ensipzianna	36.000"	Euedorachos	64.800
Enmeduranna	72.000	Amempsinos	36.000
Sukurlam (?)	28.800	Ardates	(ou 28.800
		Obartes)	

Ziusudra	36.000	Xisuthros	64.800
Dez governantes	456.000	Dez reis	120 Shars = 432.000

Qual das várias tabuletas que revemos é a mais precisa? A que tem a lista em Shuruppak e inclui Ziusudra e seu pai/predecessor é, de forma plausível, a mais confiável; com elas, a lista contém dez governantes pré-diluvianos em seis Cidades dos Deuses. A Bíblia também lista dez patriarcas pré-diluvianos; embora todos fossem descendentes de Adão por intermédio de seu neto *Enoch* (hebraico para "Humano") e não de deuses considerados, o fato de que enumeravam dez e que o herói do Dilúvio, Noé, era - como Ziusudra - o décimo, acrescenta respaldo à conta de Dez Governantes como sendo a correta.

Apesar da variação nas extensões dos reinados individuais, as diversas tabuletas são unânimes ao afirmar que aqueles governantes sucessivos reinaram desde quando "o reinado foi trazido do céu" até "o Dilúvio arrebatou tudo". Presumindo que Beroso reportara a versão mais confiável, ficamos com seu total de 120 *Sars* (= 432 mil anos) como o total correto dos reinados pré-diluvianos combinados - o tempo que passou desde que "o reinado foi trazido do céu" até o Dilúvio. Assim, *caso pudéssemos determinar quando o Dilúvio ocorreu, obteríamos a data em que os anunnakis chegaram à Terra.*

O surgimento do número 120 no preâmbulo bíblico do conto do Dilúvio (Gênesis 6:3) poderia, assim, ser mais do que uma coincidência. A explicação costumeira de que ele representa um limite estabelecido por Deus para a longevidade humana na época do Dilúvio é dúbia diante do fato de que a própria Bíblia relata, logo em seguida, que Sem, o filho mais velho de Noé, viveu após o Dilúvio até a idade de 600 anos, seu filho Arpakhshad até 438 e Shelach até 433 anos, e assim por diante, em longevidades decrescentes, até 205 anos para Terá, pai de Abraão; e o próprio Abraão viveu até a idade de 175 anos. Além

disso, uma leitura cautelosa do hebraico mostra que o Gênesis 6:3 afirma: "e *seus* anos *foram* 120". "Foram" (não "serão") e "seus" podem ser compreendidos como uma referência à conta da divindade (em anos *Sar!*) de sua própria presença na Terra desde a Chegada até o Dilúvio. Em anos terrestres isso seria 432 mil (120 x 3.600) - uma afirmação que corresponde aos dez-reis/ 120-Sars de Beroso e da Lista de Reis suméria.

Tal lembrança de uma "era dos deuses" pré-diluviana pode explicar o fato de o número 432 mil ser associado à extensão divina em várias culturas, muito além das fronteiras da Mesopotâmia. Ela forma, por exemplo, o núcleo das tradições hindus em torno das idades ("Yugas") da Terra, da Humanidade e dos deuses: uma Cataryuga ("Grande Yuga") de 4.320 milhões de anos foi dividida em quatro Yugas cujas extensões diminuídas eram expressões de 432 mil anos - a "Idade Quadruplicada" Dourada (432 mil x 4), a Idade Triplicada do Conhecimento (432 mil x 3), a Idade Duplicada do Sacrifício (432 mil x 2) e, por fim, nossa época atual, a Idade da Discórdia (432 mil x 1). De acordo com o sacerdote egípcio Maneton, a "duração do mundo" era de 2.160 milhões de anos; o que se iguala a cinco idades de 432 mil, ou 500 anos *Sar* (3.600 x 500 = 2.160 milhões).

O "Dia do Senhor Brahma" de 4.320 bilhões de anos se iguala a mil Grandes Yugas - lembrando-nos da afirmação bíblica (Salmo 90:4) de que aos olhos do Senhor, mil anos são apenas um dia. No livro *Hamlet's Mill* (1977), os professores Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend citam casos adicionais de 432 mil servindo como "o ponto em que mito e ciência se cruzam".

As modernas descobertas científicas, apresentadas em detalhe nos livros *Gênesis Revisitado* e *Encontros Divinos*, levaram-me a concluir que a grande Inundação foi uma onda gigante causada pelo deslocamento da calota polar na Antártida. A eliminação

daquela "geleira", sugeri, causou o fim abrupto da última Era do Gelo, há cerca de 13 mil anos.

(O continente da Antártida foi descoberto apenas no ano 1820 d. C.; no entanto, já fora apresentado em um mapa de 1513 d.C., do almirante turco Piri Re'is. Conforme descrito no livro *Encontros Divinos*, o deslocamento também explica o enigma de outros *mapas mundi* pré-descobertos, como o mapa de Oronce Fino, de 1531 [Figura 43], que mostra a Antártida [boxe à direita] como se fosse vista do ar e *livre degelo* [boxe à esquerda]; os contornos do continente da Antártida por baixo da camada de gelo foram determinados por radar e outros meios modernos apenas em 1958.)

O término abrupto da última Era do Gelo tem sido o tema de numerosos estudos, incluindo uma extensa investigação durante o Ano Internacional Geofísico de 1958. Os estudos confirmaram tanto o fim abrupto quanto o momento - há mais ou menos 13 mil anos - do término da Era do Gelo na Antártida, mas deixaram sem explicação as razões para o fenômeno. Estudos recentes adicionais apoiam aquelas conclusões: um estudo sobre temperaturas antigas (revista *Nature*, 26 de fevereiro de 2009) determinou que, enquanto o aquecimento no final da última Era do Gelo foi relativamente gradual na Groenlândia (Atlântico norte), ele foi "rápido e abrupto" na Antártida (Atlântico sul) há alguns 13 mil anos. Outro estudo, sobre níveis do mar antigos (publicado na revista *Science*, 6 de fevereiro de 2009), confirmou que a calota polar da Antártida colapsou de forma abrupta, concluindo que, por causa da topografia do continente e de seus adjacentes solos oceânicos, *a onda foi, pelo menos, três vezes maior* do que o cálculo feito até agora, atingindo seu impacto máximo a alguns 3.220 quilômetros de distância. Um diagrama que acompanha o artigo mostra a área máxima de impacto da onda se estendendo do Golfo Pérsico até o nordeste do Mar Mediterrâneo e além - às próprias Terras da

Bíblia, chegando ao Monte Ararat.

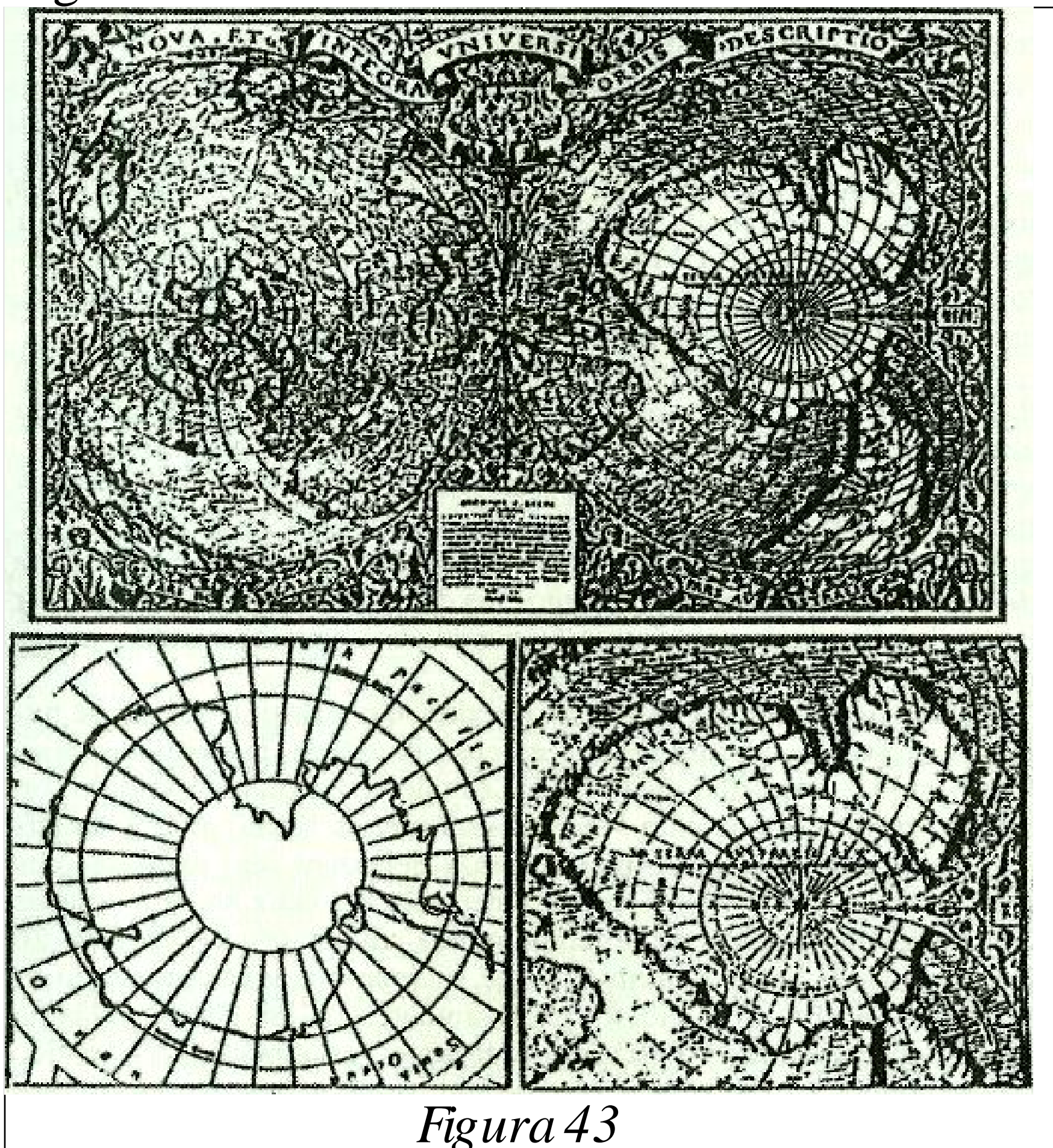


Figura 43

Uma data do Dilúvio a aproximados 13 mil anos atrás - por volta de 10.950 a.C. - também condiz com as afirmações em textos cuneiformes de que o Dilúvio ocorrera na Era do Leão; e que a Era zodiacal de fato começara por volta de 11.000 a.C.

Somando 432 mil + 13 mil, podemos então dizer com confiança que o 'Reinado foi trazido [à Terra] dos céus' a alguns 445 mil anos.

Foi então que astronautas de outro planeta, a quem os sumérios chamavam **anunnakis**, chegaram à Terra. Eles eram os bíblicos *anaquins* - os *nefilins* do Gênesis 6.

As várias listas de governantes pré-diluvianos concordam, de

for ma unânime, que Eridu foi a primeira cidade na Terra. O nome, *Eridu*, significava literalmente "Casa Construída Distante"; é uma palavra que se enraizou em muitas línguas ao longo das eras para denotar a própria Terra: a Terra é chamada *Erde* em alemão (do *Erda*, em alto alemão antigo), *Jordh* em islandês, *Jord* em dinamarquês, *Airtha* em gótico, *Erthe* em inglês médio. Chamava-se *Ereds* em aramaico, *Ertz* em curdo - e, até hoje, *Eretz* em hebraico.

Também é importante lembrar que as várias listas de reinados nas primeiras Cidades dos Deuses são listas de seus sucessivos "diretores gerais", e não os nomes dos deuses a quem aquelas cidades foram concedidas como "centros de culto". Todas as listas concordam que Alulim e Alagar foram os primeiros governantes da primeira cidade, Eridu; mas, como afirma claramente a tabuleta CBS-10673, Eridu foi para sempre concedida a **Nudimmud** - um epíteto de Ea/Enki que significava "Ele Que Molda Artefatos"; a cidade permaneceu para sempre seu "centro de culto", qualquer que fosse o Administrador Geral ("rei") ali. Da mesma forma, Sippar permaneceu para sempre o "centro de culto" do deus Utu, mais conhecida pelo seu nome acadiano Shamash; Shuruppak foi sempre vinculada ao *Sud* - "Médico" - Ninharsag; e assim por diante.

Vários textos relacionam o estabelecimento de Eridu com a chegada dos anunnakis à Terra, quando o "Reinado" foi trazido do céu.

Assim como os primeiros astronautas da NASA caíam no oceano com seus módulos de comando antes que instalações de aterrissagem para espaçonaves fossem desenvolvidas, também o fez o primeiro grupo de anunnakis que chegou à Terra. Eles caíram no "Mar Baixo" (o Golfo Pérsico) e - vestidos com equipamento de mergulho, parecendo "homens-peixes" (veja Figura 26) - vadearam até a praia para estabelecer uma casa longe de casa - Eridu - na margem de áreas pantanosas -

um delta formado pelos rios gêmeos Tigre e Eufrates, conforme fluíam para o Golfo.

Aquele primeiro grupo somava 50. Seu líder, todos os textos concordam, era **E.A** - "Cuja morada é água", o Aquário prototípico. "Oannes" chegara à Terra.

Vários textos sumérios comentam e descrevem aquela Primeira Chegada. Um deles, intitulado pelos estudiosos *O Mito de Enki e a Terra, Enki e a Ordem Mundial* ou *Enki e a Ordem da Terra*, contém um verdadeiro relato auto-biográfico de Ea/Enki. O longo texto (restaurado a partir de tabuletas e fragmentos espalhados entre dois museus) inclui as seguintes afirmações feitas por ele na primeira pessoa:

Eu sou o líder dos anunnakis.

Engendrado por semente fecunda, o filho Primogênito do divino An, o "Grande Irmão" de todos os deuses.

Quando me aproximei vindo das alturas, chuvas abundantes caíram do céu.

Quando me aproximei da Terra, houve uma onda alta.

Quando me aproximei de seus verdes prados, amontoados e montes foram apinhados sob meu comando.

Uma das primeiras tarefas era estabelecer um posto de comando, um quartel-general; foi construído à margem dos pântanos onde cres ciam juncos:

Construí minha morada em um lugar limpo, dei-lhe um bom nome, sua boa sorte a pressagiar.

Sua sombra se estende pelo Pântano Serpente,

Sua [...] possui uma "barba" (?) que chega até o [...]

Alguns dos mais antigos selos cilíndricos, ilustrando os tempos

remotos da Suméria, retratam cabanas de junco do tipo que os anun nakis poderiam ter erguido com os juncos fartamente encontrados na margem dos pântanos; todos eles apresentam dispositivos inexplicáveis, parecidos com antenas, sobressaindo-se dos tetos daquelas cabanas de junco (Figura 44).

Seu posto avançado precisava ser reconstruído em um monte artificial, erguido acima do nível das águas do rio e do pântano; Enki designou a tarefa a um de seus tenentes chamado Enkimdu:

Após ter voltado o olhar para aquele local,
Enki ergueu-o acima do Eufrates ...

Enkimdu, aquele das valas e dos diques,
Enki colocou a cargo das valas e diques.

Enki, o texto continua, reuniu então seus tenentes no posto de comando. Eles incluíam "os transportadores de armas [...]", os "pilotos-chefes", o "chefe do abastecimento", a "dama da trituração e moagem" e "o [...] que purifica a água". Além de abrigo, precisavam encontrar alimento, e os pântanos ofereciam uma provisão fresca e ampla: "As carpas abanam a cauda no meio dos juncos, os pássaros gorjeiam para mim de seus...", Enki escreveu. Seções subsequentes do texto, escritas na terceira pessoa, registram as ordens de Enki a seus tenentes:

Na região pantanosa, ele delimitou um local de carpas e peixes.
Enbilulu, Inspetor dos Canais, ele colocou a cargo das regiões pantanosas.

Ele delimitou um canavial, e no local colocou [...] - juncos e juncos verdes, e delimitou o matagal de cana.

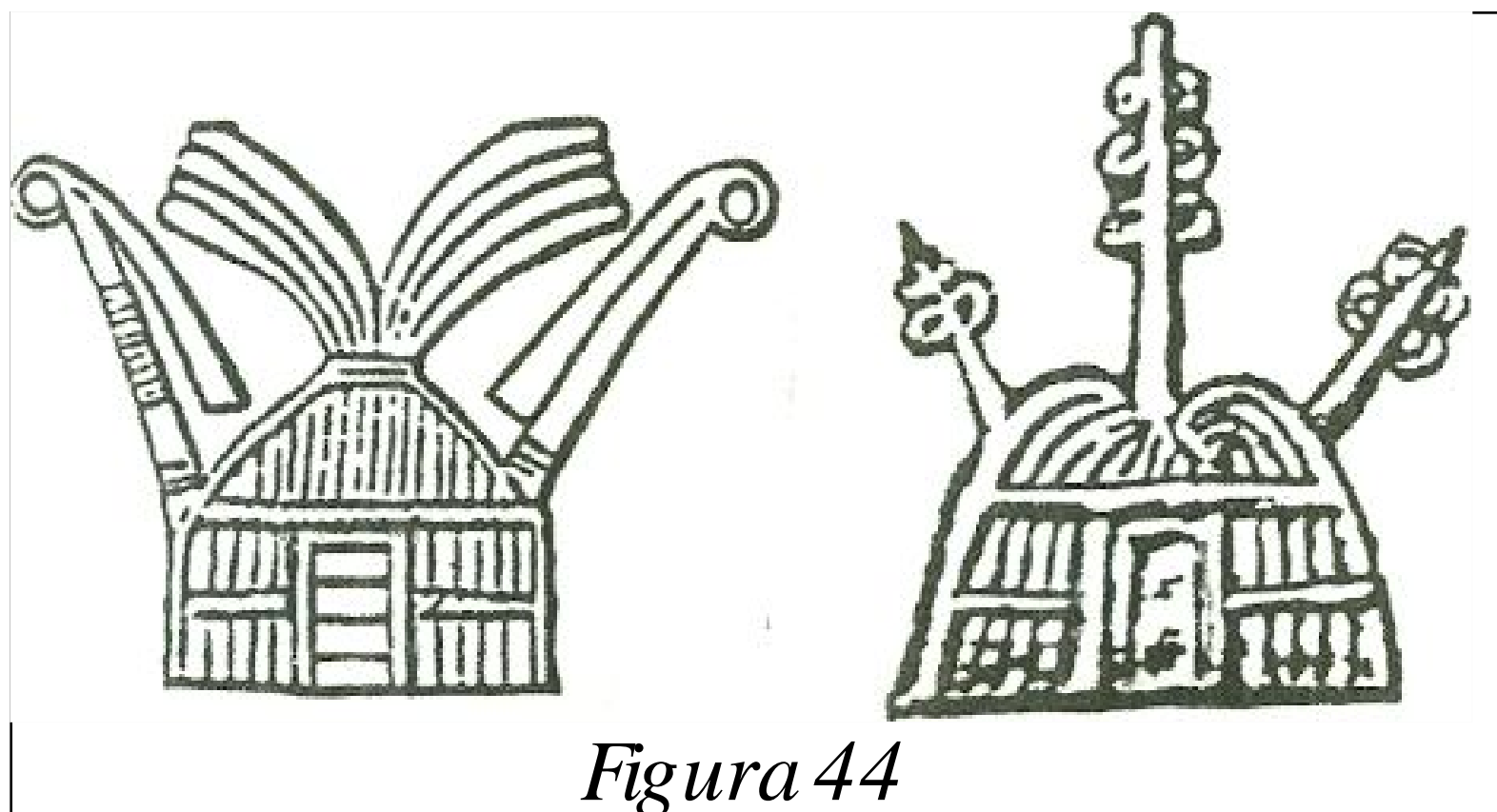


Figura 44

Ele emitiu uma ordem a [...], ele que prepara redes para que nenhum peixe escape, cuja armadilha nenhum [...] escapa, cuja rede nenhum pássaro escapa, [...], o filho de um deus que adora peixe,
Enki colocou a cargo dos peixes e pássaros.

A localização de tais atividades foi indicada, por várias referências, como sendo os rios Tigre e Eufrates, onde se aproximam um do outro, perto o suficiente para Enki fazer com que os dois se encontrassem e induzissem suas "águas puras a comerem juntas".

Várias seções adicionais do texto tratam de atividades relacionadas com a água após a chegada. Ao próprio Enki é creditado um sistema de distribuição de água afetando os dois rios, e outros tenentes são encarregados de tarefas relacionadas com a água: "Ele encheu o Tigre com água cintilante (...) Enki, senhor das águas profundas, colocou Enbilulu, o Inspetor dos Canais, a cargo daquilo". Mas rupturas nas tabuletas ou o uso de terminologia indecifrável deixam incerta a natureza de algumas operações relacionadas à água; entre elas há uma tarefa com água do mar incumbida a um tenente do sexo feminino cujo nome-epíteto, **Nin.Sirara**, (= "Senhora do Metal Brillhante"), sugere deveres ligados a metais preciosos.

Outras referências inesperadas a metais - *especificamente ao*

ouro - também são feitas em uma seção que trata da pós-chegada da inspeção marítima de Enki ao seu país das maravilhas aquáticas. Ele excursionou pelas redondezas em um barco a remos cujo comandante se gurava uma "vara para [detectar? medir?] ouro"; seu nome-epíteto, **Nim.gir.sig**, significava "Determinador Chefe de Lustro". Representações nos primeiros selos cilíndricos (Figura 45) mostram Enki em um barco de junco, navegando entre os juncos, com um deus-tenente segurando um artifício parecido com uma vara. O barco está equipado, nas duas extremidades, com mastros aos quais estão presos aparelhos circulares, parecidos com aqueles colocados no topo das cabanas de junco. O que todas essas pequenas informações significam? Convém formularmos, neste ponto, uma questão-chave em relação à vinda dos anunnakis para a Terra: Ela foi acidental? Estavam eles viajando em uma espaçonave e, em razão de um contratempo, procura ram algum terreno sólido para fazer uma aterrissagem de emergência e encontraram um pequeno corpo sólido chamado "Terra"? Seriam eles, talvez, exploradores vagando pelo espaço por prazer ou pesquisa, e vi ram (como Enki descreveu) um local aquoso e verdejante e pararam para dar uma olhada?

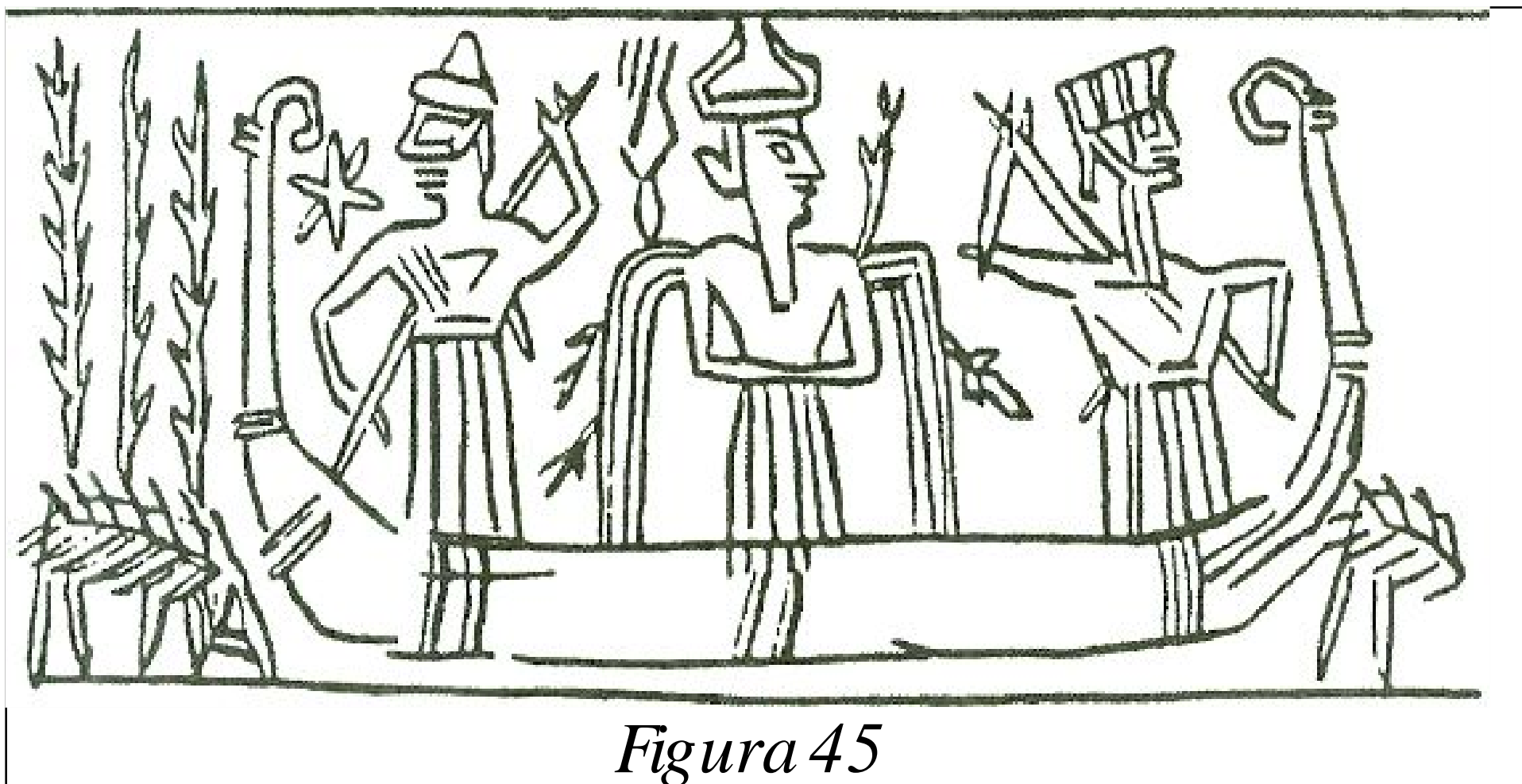


Figura 45

Em tais circunstâncias, a visita ao nosso planeta teria sido um acontecimento único. Mas as impressionantes evidências antigas indicam que a "visita" durou um tempo incrivelmente longo, que envolveu assentamentos permanentes, que os anunnakis continuaram indo e vindo e que mesmo quando uma calamidade - o Dilúvio - destruiu tudo, eles ficaram e começaram tudo de novo. Este é o padrão de uma colonização planejada - com um propósito.

Enki e sua tripulação de 50 vieram à Terra, como já sugeri, com o intuito de obter ouro.

Enxergamos esse propósito, e as informações esparsas começam a fazer sentido se tratadas como pontos a serem conectados ao que vem a seguir. O plano era extrair o ouro das águas do Golfo Pérsico. Porém, quando isso não funcionou, uma mudança para a mineração profunda tinha de ser empreendida. Durante aquela segunda fase das atividades dos anunnakis na Terra, outros deuses chegaram; liderando-os estava **En.lil** (= "Senhor do Comando"), para quem uma nova cidade dos deuses, **Nippur**, foi estabelecida; seu coração era o ponto de comando e comunicações onde "Tabuletas de Destinos" controlavam a órbita, girando e zumbindo no **Dur.an.ki**, o Santo dos Santos, um "Elo Céu-Terra".

Enquanto Enlil tomou o controle do *Edin* e seus assentamentos - cada um com funções distintas as tarefas de Enki desviaram para uma nova localização chamada **Ab.zu**; um termo geralmente traduzido como "O Profundo", mas cuja leitura literal significa "Lugar do metal brilhante".

No livro *O 12º Planeta*, sugeri que o significado dessa combinação de duas sílabas, que em sumério poderia ser lida ao inverso, **Zu.ab**, sem alterar sua conotação, fora mantida em hebraico como *Za.ab* = '**Ouro**'. **Ab.zu/Zu.ab** significava, assim, o lugar em cujas profundezas o metal brilhante - ouro - era obtido; a conotação de "profundezas" indicava que o ouro era obtido pela mineração. O Abzu, de acordo com todos os textos sumérios relevantes, ficava localizado em uma distante região chamada **A.ra.li** (= "O lugar dos veios brilhantes perto das águas") no "Mundo Inferior"; é um termo geográfico que se aplicava ao sul da África em vários textos, incluindo alguns que tratam do Dilúvio. *Arali*, propus no referido livro, ficava no sudeste da África - uma região de minas de ouro até hoje.

As alterações que acompanharam a segunda fase das atividades dos anunnakis envolviam mais do que uma mudança da tentativa de extrair ouro fácil da água do mar para a necessidade de obtê-lo por meio da árdua mineração profunda. Também envolvia uma alteração nas políticas da missão, uma mudança dos comandantes e a transferência não intencional para a Terra de rivalidades pessoais e choque de clãs trazidos do planeta dos anunnakis, Nibiru, para o planeta Terra. Variados textos, entre eles o *Épico Atra-Hasis*, detalham o conto dos subsequentes acontecimentos; foram, como veremos, **os precursores da Criação do Homem, a explicação para as circunstâncias do Dilúvio e a chave para desvendar os enigmas dos semi-deuses.**

A Chegada, como descrita no texto autobiográfico de Enki, não foi o Início da cadeia de acontecimentos vitais; pois o

Verdadeiro Início pelo qual devemos começar é o próprio conto da Criação, assim como os povos da Mesopotâmia faziam a cada época de Ano-Novo. Temos de ler, reler e compreender o mesopotâmico *Enuma elish* e o conto bíblico do Gênesis. A informação precisa que eles fornecem não apenas explica muitos dos fenômenos do nosso Sistema Solar, mas vai além - ele esclarece as Origens da Vida, quem somos e como chegamos até aqui, no Planeta Terra.

MORADA DO OURO E DE ÁGUAS FLUENTES

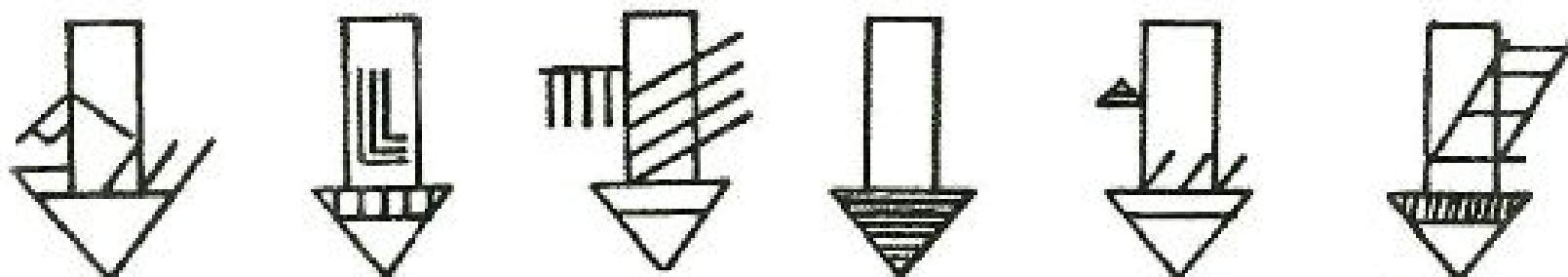
Um texto sumério afirmava que o Abzu ficava no *Ut.tu*, "no Ocidente" - oeste da Suméria (assim como o sudeste da África), acessível por barcos que atravessavam "o mar distante". Seu *Arali*, sua zona de mineração, possuía segundo um texto "120 *beru* de águas para além do cais do Eufrates" - uma distância de viagem de 120 "horas duplas" - dez dias de viagem pelo mar. Os minérios retirados eram transportados para o *Edin* em navios de carga chamados *Magur Urnu Abzu* (= "navio para minério do Mundo Inferior"), para fundição, refinamento e moldagem em lingotes portáteis chamados *Zag* (= "Precioso Purificado"). Um hino sumério em louvor ao Abzu descrevia o local onde Enki estabeleceu seu novo quartel-general como tendo corredeiras ou grandes cachoeiras:

Para ti, Abzu, terra pura onde grandes águas fluem com rapidez,
À "Morada de Águas Fluentes" o senhor [Enki] dirigiu-se.

A "Morada de Águas Fluentes" Enki, entre as águas puras,
estabeleceu.

No centro do Abzu um grande santuário ele estabeleceu.

Silabários sumério-acadianos afirmavam: "Abzu = *Nikbu*" - uma mina profunda e com um túnel. O pictograma inicial para *Abzu* (do qual seu símbolo cuneiforme evoluiu) representava um túnel de mina - variantes do qual simbolizavam ouro e outros minerais extraídos, incluindo pedras preciosas:



Uma vez que a obtenção do ouro de Abzu estava em plena marcha, o texto autobiográfico de Enki exaltou a região como *Meiuhha*, "Região negra de grandes árvores (...) cujos barcos carregados transportam ouro e prata". Mais tarde, inscrições assírias identificaram *Meiuhha* como *Kush*, "terra do povo de pele escura" (= Etiópia/ Núbia). Os componentes silábicos do termo sumério exprimem o significado "Águas repletas de Peixe"; o termo pode, assim, explicar as representações pictóricas de selos cilíndricos com águas repletas de peixe fluindo a partir de Enki, que está flanqueado por trabalhadores que seguram típicos lingotes de ouro.



VI

UM PLANETA CHAMADO 'NIBIRU'

A noção de viagem espacial não é mais relegada à ficção científica. Cientistas sérios não excluem que um dia, nós terráqueos, enviaremos astronautas não apenas ao nosso satélite celestial, a Lua, mas também a qualquer outro planeta distante. Alguns estudiosos até se atrevem a reconhecer que a vida, mesmo como a nossa, talvez exista "em algum lugar" no vasto Universo com suas inúmeras galáxias, constelações e bilhões de estrelas ("sóis") orbitadas por satélites chamados "planetas". Mas tais seres conscientes, mesmo que sagazes o suficiente para terem seu próprio programa espacial - assim diz o debate nunca poderiam nos visitar (ou nós a eles) porque o lugar mais próximo possível nos céus onde tal vida poderia existir está a "anos-luz de distância" - um Ano-Luz sendo a distância inalcançável em que a luz viaja em um ano.

Mas e se tal planeta compatível existisse muito mais próximo - digamos, no nosso próprio Sistema Solar? E se a viagem entre ele e a Terra exigisse apenas alguns anos "normais", e não Anos-Luz?

Isso não é uma questão teórica porque é precisamente aquilo que os textos antigos nos dizem - se parássemos de tratá-los como mito e fantasia e os considerássemos registros e memórias factuais de acontecimentos reais. Foi com base nesse raciocínio que meu livro pioneiro *O 12º Planeta* se tornou possível.

É lógico pensar que para que Eridu, na Mesopotâmia, estivesse "em Casa longe de casa", deveria haver uma casa da qual Enki viera. Para que sua tripulação de 50 fosse chamada "Aqueles que do Céu para a Terra vieram" (= **Anunnakis**), eles tinham de vir de um lugar, um lugar real, nos céus. Assim, deveria haver

um lugar, em alguma parte dos céus, onde começou a viagem para a Terra - um lugar onde seres inteligentes, capazes de viajar no espaço há alguns 450 mil anos, pudessem viver. Podemos chamá-lo "Planeta X" ou "Planeta dos anunnakis". Na antiga Mesopotâmia, ele era chamado *Nibiru*; seu símbolo onipresente por todo o mundo antigo era o Disco Alado (veja Figura 10); sua órbita era traçada e observada com muita reverência; *e não restam dúvidas de que inúmeros textos, começando com o Épico da Criação, referiam-se a ele pelo seu nome, repetidas vezes.*

Quando, no final do século XIX, tabuletas astronômicas da Mesopotâmia foram encontradas e decodificadas, os estudiosos na época - em particular, Franz Kugler e Ernst Weidner - perguntavam-se se *Nibiru* não era apenas outro nome para Marte ou Júpiter; um axioma aceito na época era que os antigos não sabiam da existência de nenhum planeta além de Saturno. *Foi um momento de grande avanço quando me ocorreu, no meio de uma noite, que Nibiru não era nem Marte nem Júpiter - este é o nome de mais um planeta no nosso Sistema Solar.*

Podemos dar início à cadeia de evidências onde a Bíblia Hebraica diz, no versículo 1 do capítulo 1 do Gênesis: "*No início, Deus criou o Céu e a Terra*". Assim começam praticamente todas as traduções das três primeiras palavras da Bíblia Hebraica, *Bereshit bara Elohim* (no momento, trataremos tal tradução como válida). Continuando com apenas 31 versículos, a Bíblia Hebraica resume, então, a Criação, de como o Céu acima com o "Bracelete Martelado" e a Terra abaixo foram formados, e como a vida na Terra veio a existir - da flora até a vida marinha, os vertebrados e mamíferos e, por fim, o Homem. A seqüência bíblica (incluindo uma fase dos dinossauros no verso 21) corresponde às descobertas científicas modernas sobre Evolução; portanto, a noção de que a Bíblia e a Ciência estão em conflito é infundada.

As descobertas de tabuletas gravadas com o "Épico da Criação" mesopotâmico (como descrito em um capítulo anterior) não deixam dúvidas de que quem quer que tenha escrito a versão bíblica estava bem ciente do conto no *Enuma elish*, condensando suas seis tabuletas e uma sétima laudatória em seis fases ("dias") da Criação, mais um sétimo "dia" santificado pela gratificação divina.

Tal noção da seqüência reproduzida no *Enuma elish* não foi apenas possível por causa da proliferação e durabilidade das tabuletas que continham o texto; ela foi, provavelmente, inevitável porque o Épico da Criação era lido em público como parte do festival anual do Ano-Novo, primeiro na Suméria e depois na Babilônia, Assíria e outros lugares - por todo o antigo Oriente Próximo. A leitura começava no início da noite do quarto dia do festival e estendia-se por toda a noite, pois o *Enuma elish* (como a mais completa versão babilônica do épico é cha mada) é longo e detalhado. Seu aspecto central científico-religioso era a batalha entre uma deusa celestial chamada "Tiamat" e um deus celeste Vingador e Salvador - a razão principal para que o texto fosse tratado por estudiosos modernos como um mito e um conto alegórico do Bem contra o Mal, uma espécie de conto antigo de "São Jorge e o Dragão".

No livro *O 12º Planeta*, eu me atrevo a sugerir que em vez disso o Épico da Criação é, no seu âmago, um grande texto científico que começa com uma cosmogonia que abrange todo o Sistema Solar, explica as origens da Terra, da Lua e do Cinturão de Asteroides, revela a existência do planeta Nibiru, prossegue pela chegada dos deuses anunnakis à Terra e descreve a criação do Homem e a ascensão da civilização; adaptado para promover propósitos político-religiosos, um apêndice final saúda o suposto triunfo da supremacia do deus nacional relevante (**Enlil** na Suméria, **Marduk** na Babilônia e **Ashur** na Assíria).

Independentemente da versão, quando os acontecimentos

primeiros iniciaram, a "Morada Celestial" e a "Terra firme abaixo" ainda tinham de ser criadas:

Enuma elish la nabu shamamu

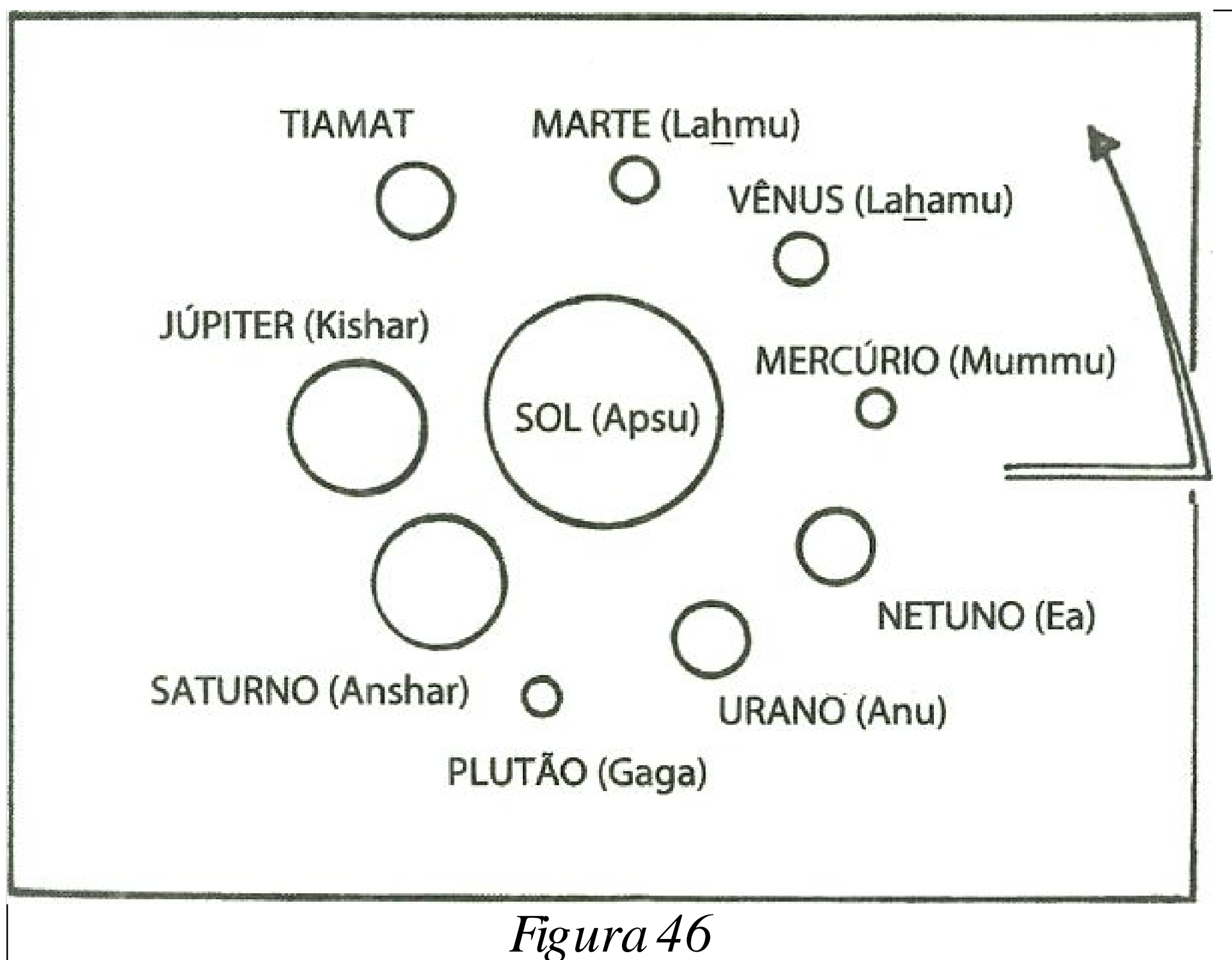
Quando no alto o Céu ainda não fora nomeado

Shaplitu ammatum shuma la zakrat

[E] a Terra Firme abaixo ainda não fora chamada -

- em um tempo primevo, o texto antigo afirma, o Sistema Solar começa a tomar forma com apenas três atores celestiais: um primordial **Apsu**, seu companheiro **Mummu** e uma entidade celestial feminina chamada **Tiamat**. (Os três nomes do texto babilônico foram mantidos inalterados desde o original sumério não descoberto e significam, respectivamente, "Aquele que existe desde o começo", "Aquele que nasceu", e "Donzela que oferece a vida".)

Deuses celestiais - planetas - passaram então a ser engendrados, enquanto Tiamat, um planeta aquoso, começa a "misturar as águas" com o macho Apsu (o Sol). De início, o par **Lahamu** e **Lahmu** é formado no espaço entre eles; então - "ultrapassando-os em estatura" - surge um par maior, **Kishar** e **Anshar**; e, finalmente, o par **Anu** e **Nudimmud** é formado mais além. Esses nomes são sumérios (corroborando a origem suméria do épico), exceto que *Anu* é o termo babilônico para o sumério **An** (= "O Celestial").



O Sistema Solar resultante (Figura 46) ajusta-se, de maneira precisa, ao *nosso Sistema Solar* e sua composição planetária como a conhecemos (com exceção de Tiamat, do qual falaremos muito mais em breve):

SOL - Apsu, "Aquele que existiu desde o começo".

MERCÚRIO - Mummu, "Aquele que nasceu", o companheiro do Sol.

VÊNUS - Lahamu, "Senhora das batalhas".

MARTE - Lahmu, "Divindade da guerra".

-??- **Tiamat**, "Donzela que oferece a vida".

JÚPITER - Kishar, "Primeiro das terras firmes".

SATURNO - Anshar, "Primeiro dos céus".

Gaga - mensageiro de Anshar, o futuro PLUTÃO.

URANO - Anu, "Ele dos céus".

NETUNO - Ea/Nudimmud, "Criador engenhoso".

A ciência moderna declara que o nosso Sistema Solar se formou

há cerca de 4,5 bilhões de anos, quando uma nuvem giratória de poeira cósmica que contornava o Sol começou a se fundir, formando planetas em órbita dele - planetas espaçados no mesmo plano orbital (chama do Eclíptico) e circulando na mesma direção (sentido anti-horário). A descrição no antigo épico mesopotâmico está de acordo com essas descobertas modernas, mas oferece uma diferente (e provavelmente mais precisa!) *seqüência* de formação de planeta. Os nomes sumérios dos planetas são descrições precisas e significativas desses corpos celestes - fatos que a astronomia moderna continua descobrindo como, por exemplo, em 2009, quando se constatou que é, na verdade, Saturno ("Anshar"), e não o mais maciço Júpiter ("Kishar"), o "Primeiro dos céus", graças ao seu sistema de anéis que estende, de forma tremenda, o seu alcance.

O Sistema Solar resultante, segundo o épico, era instável e caótico no início. As órbitas planetárias ainda não estavam firmemente estabelecidas: "Os irmãos divinos juntavam-se" - colocando-se no caminho uns dos outros. "Eles perturbavam Tiamat, pois oscilavam para a frente e para trás" - movendo-se em órbitas instáveis, aglomerando-se em sua direção. Até as forças magnéticas e gravitacionais do Sol eram ineficazes - "Apsu não conseguia mitigar o seu clamor". Outra vez, a ciência moderna, também descartando a noção muito antiga de que o Sistema Solar, uma vez formado, estaria pronto, agora acredita que ele ficou instável por um longo período depois de sua formação, e que aconteceram deslocamentos e colisões.

Os instáveis deuses celestiais, "com suas travessuras no céu", agora estavam "importunando a barriga de Tiamat", segundo o *Enuma elish*. Eles faziam com que dela brotasse uma temível "assembléia" - um grupo de luas satélites. Isso, por sua vez, traz mais tumulto, que põe em perigo os outros deuses celestiais. Nessa fase perigosa, o deus celestial mais distante, Nudimmud

(nosso Netuno), encarrega-se da questão: "Supremo em sabedoria, talento e habilidade", essa divindade celestial equilibra o vacilante Sistema Solar convidando um forasteiro - mais um grande deus celestial.

O recém-chegado não foi formado com os outros; ele é um estranho vindo de longe. Originou-se muito longe, "no coração do Profundo", e está "repleto de maravilhas" -

Atraente era sua figura,

Faiscante [era] o seu olhar.

Ativa era sua postura,

Comandando desde o início.

Habilmente organizados, além da compreensão,
eram seus membros -

além do entendimento, difícil de contemplar...

Submetido à atração gravitacional de "Nudimmud" e surgindo sob a influência de outros planetas, o forasteiro do espaço inclina seu percurso em direção ao centro do Sistema Solar (Figura 47). Quando ele passa muito perto de Anu (nosso Urano), as forças gravitacionais cumulativas arrancam pedaços de matéria e o invasor causa quatro "ventos" - satélites, luas - que giram à sua volta.

Não podemos dizer ao certo se o texto original sumério já dera a esse forasteiro vindo do espaço o nome de "*Nibiru*"; mas é certo que a versão babilônica mudara, aqui, o nome para **Marduk** - o nome do deus nacional da Babilônia.

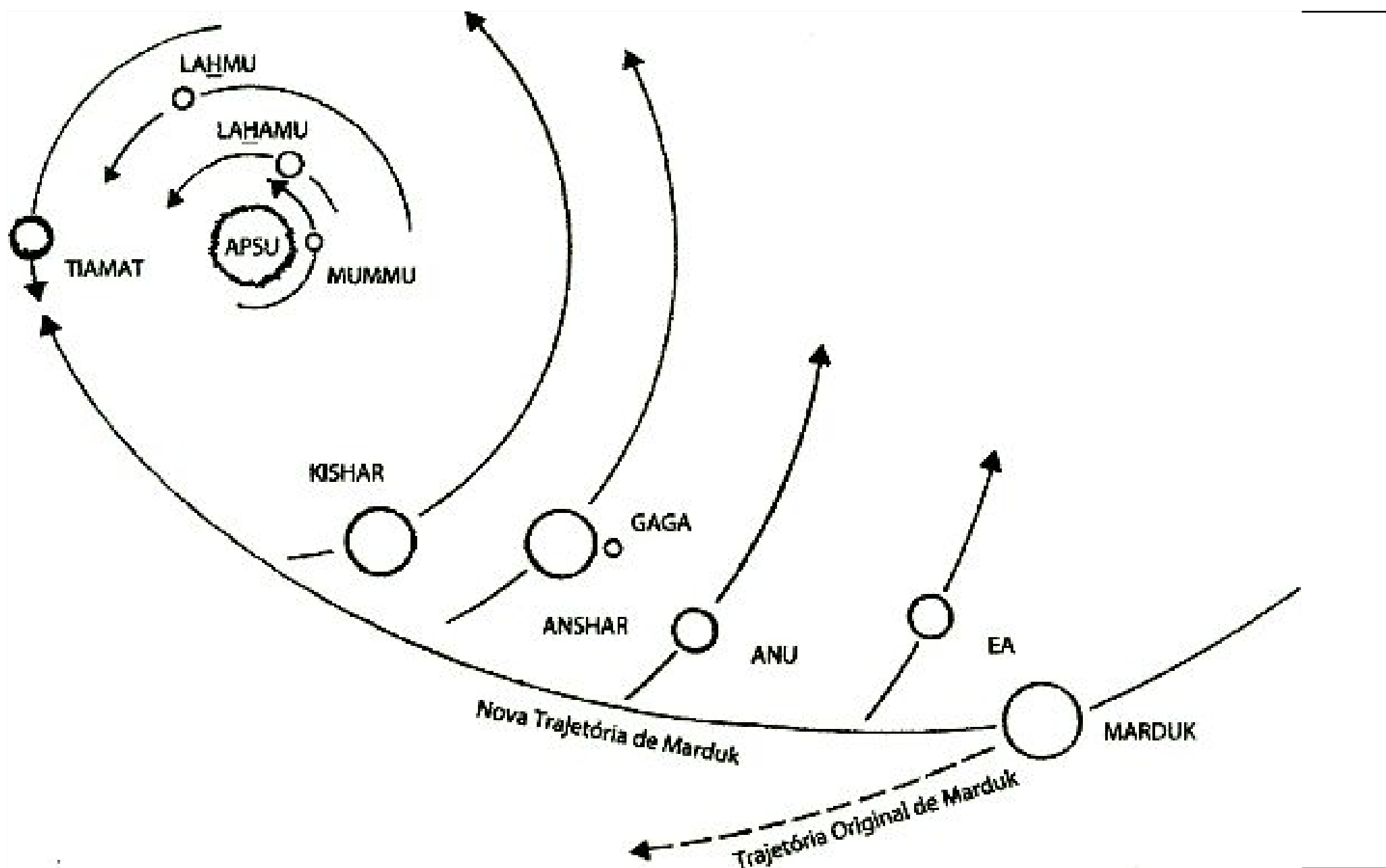


Figura 47

Essa transformação de Marduk de um deus na Terra para uma divindade celestial, feita com a alteração de Nibiru para "Marduk", era acompanhada, no texto babilônico, pela revelação de que "Nudimmud" - que "engendrou" o recém-chegado e convidou-o a entrar - não é outro senão Ea/Enki, o verdadeiro pai do deus babilônico Marduk, e que Anu é o pai de Ea/Enki (como proclamado, de fato, por Enki em sua autobiografia citada anteriormente). Assim, por meio de um malabarismo, o conto celestial se tornou uma legitimação político-religiosa da dinastia: Anu > Ea/Enki > Marduk...

À medida que os textos antigos descrevem a progressão do planeta invasor, torna-se claro que ele está se **movendo em sentido horário** - o oposto, ou "retrógrado", do sentido orbital anti-horário dos outros planetas. É uma descoberta que proporciona uma única explicação a outros fenômenos *no nosso Sistema Solar que, de outra forma, seriam inexplicáveis*.

Essa direção "retrógrada" da trajetória de Nibiru tornou inevitável uma eventual colisão com Tiamat; e a subsequente "Batalha Celestial", como os textos antigos chamam o choque,

foi um princípio básico do conhecimento antigo, refletido em inúmeras referências nos livros dos Salmos da Bíblia, Jó e seus profetas.

Perturbada pelas novas forças gravitacionais, "andando de um lado para o outro, consternada", Tiamat ergue sua própria hoste defensiva de 11 luas-satélites; o texto babilônico descreve-as como "dragões estrondosos, cobertos de terror". O maior deles, *Kingu*, é o Chefe da hoste: "Kingu ela exaltou, dentre eles, tornando-o grande"; sua tarefa era se preparar para a batalha com o iminente Marduk. Como uma recompensa a Kingu, Tiamat prepara-o para se juntar à "Assembléia dos deuses" - *para se tornar um planeta com mérito próprio* -, concedendo-lhe um "Destino" Celestial (uma trajetória orbital). Apenas isso foi motivo suficiente para que os sumérios (e seus sucessores) contassem essa Lua específica como membro, de direito próprio, do nosso Sistema Solar.

Com o palco preparado para a Batalha Celestial, a Tabuleta I do *Enuma elish* termina; e o escriba da versão mais bem preservada, um Nabumusheti-umi, inscreve no seu final o habitual colofon: "Primeira tabuleta do *Enuma elish*, como a tabuleta original [...], uma cópia do babilônico". E também identifica o escriba de quem ele copiou a tabuleta - uma tabuleta "Escrita e confrontada por Nabu-balatsu-iqbi, filho de Na'id-Marduk". O escriba que fez a cópia coloca, então, a data em seu trabalho: "O mês de Iyyar, o nono dia, do 27º ano de Dario".

Descoberta em Kish, a primeira tabuleta do *Enuma elish* foi, assim, identificada pelo seu escriba como sendo uma cópia feita no início do século V a.C., durante o reinado de Dario I. Por uma artimanha do destino, o mesmo Dario cuja inscrição em uma rocha em Behistun (veja Figura 17) permitiu a Rawlinson desvendar o mistério da escrita cuneiforme.

A Tabuleta II do *Enuma elish* acompanha o surgimento de dois campos planetários opostos que seguem em direção à inevitável colisão.

Tratando os deuses celestiais como entidades vivas, o texto diz que, enquanto Tiamat formava seus ferozes satélites giratórios, nos campos externos Ea/Enki apelava ao seu "avô" Anshar para organizar os vários planetas e fazer com que eles consagrassem "Marduk" como seu líder na batalha contra Tiamat e sua hoste: "Permita àquele que é potente ser nosso Vingador, deixe Marduk, sagaz na batalha, ser o herói!".

Um estágio crucial é atingido quando "Marduk" se aproxima do colossal Anshar, pois Anshar (Saturno) possui "lábios" - anéis majestuosos - que se estendem para além da face de Anshar. Ao encontrá-los, Marduk se acerca e "beija os lábios de Anshar" (os anéis de Saturno). A passagem e "aceitação" pelo bisavô dinástico encorajou Marduk a exprimir seus desejos: "Se eu, de fato, como seu Vingador, vir a subjugar Tiamat (...) convoca uma Assembléia para proclamar meu destino supremo!". Um "destino" celestial - uma órbita - maior que a de todos os outros planetas é a exigência de Marduk.

É aqui (agora na Tabuleta III) que, de acordo com a cosmogonia suméria, *o futuro Plutão obtém seu status de planeta e uma órbita exclusiva*. Uma lua de Anshar/Saturno, chamada Gaga, fica isolada pela força do iminente Marduk e é lançada como emissária para Lahmu e Lahamu, supostamente para demandar seu voto e promover Marduk à liderança. Quando Gaga retorna, ela circunda todo o trajeto até o extremo Ea/Netuno; lá, ela se torna o planeta que chamamos Plutão, com sua órbita inclinada de forma estranha que o leva, em ocasiões, para além e, algumas vezes, para dentro da órbita de Netuno. (Cientes dessa órbita incomum, os sumérios representaram o planeta como uma divindade de duas faces, olhando para seu mestre Ea/Enki/Netuno ora de um lado, ora de outro, Figura 48.)

Com todos os planetas opostos a Tiamat concordando com as exigências de Marduk pela supremacia (Tabuleta IV), o gigante Kishar/Júpiter acrescenta mais armas ao arsenal de Marduk: além dos quatro satélites (chamados "Vento Sul, Vento Norte, Vento Leste e Vento Oeste") que ele obteve de Anu/Urano, três novos surpreendentes satélites ("Vento Maligno, Turbilhão, Vento Incomparável") são acrescentados, criando uma impressionante comitiva de ventos de batalha, "sete no total". Assim reforçado, Marduk - "imbuído de uma chama flamejante", capaz de disparar relâmpagos como flechas, possuindo um campo magnético para "apanhar Tiamat como em uma rede" - "em direção à furiosa Tiamat ele virou o rosto". Enquanto isso, Tiamat orbita na direção de Nibiru/Marduk, que se aproxima; a Batalha Celestial, a colisão, estava prestes a acontecer:

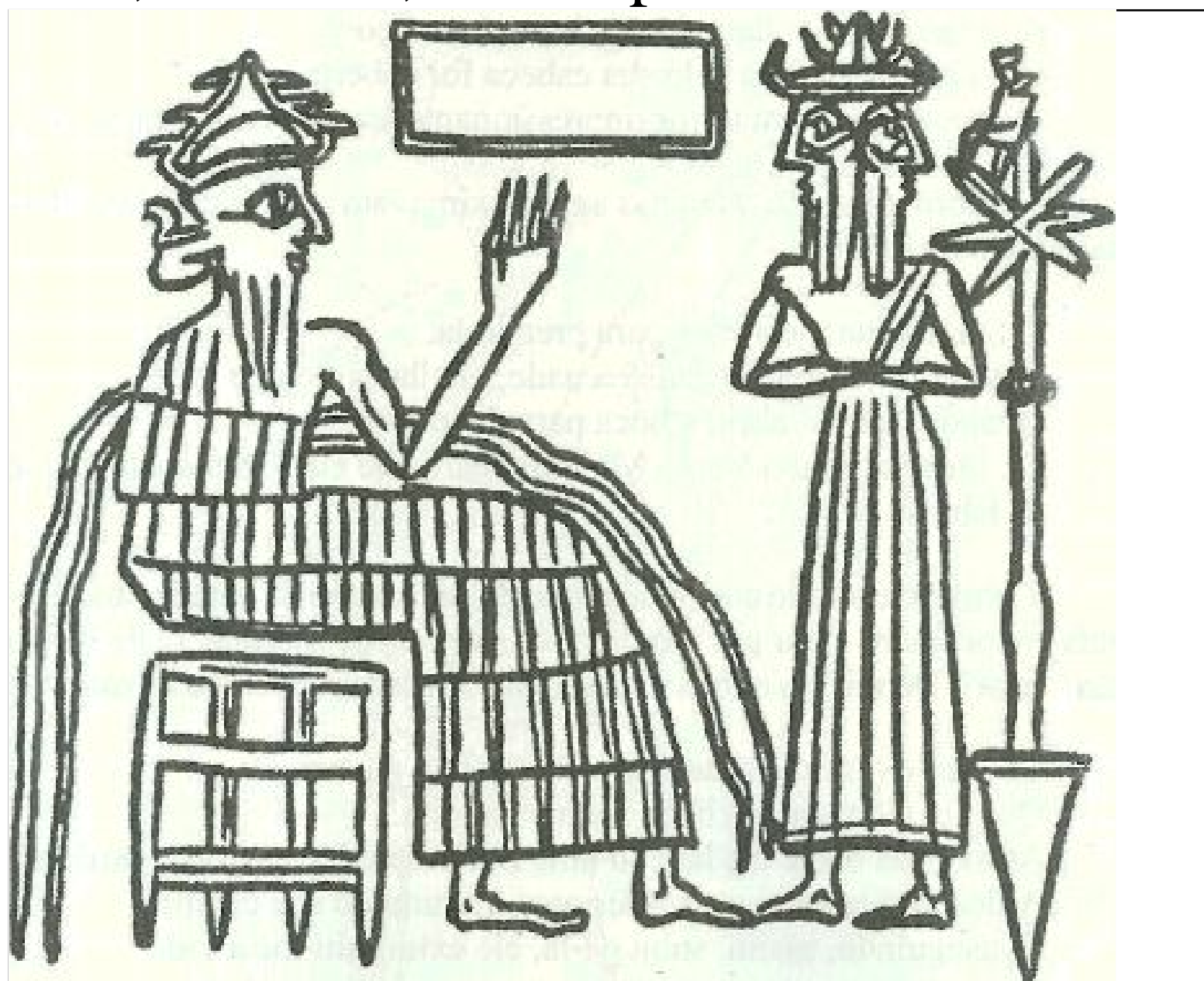


Figura 48

Tiamat e Marduk, os mais sábios dos deuses, avançaram um contra o outro. Precipitaram-se em um combate ímpar, aproximaram-se para a batalha.

Os quatro ventos ele posicionou para que nada dela pudesse

escapar:

O Vento Sul, o Vento Norte, o Vento Leste, o Vento Oeste.

Próximo a si ele segurava a rede, dádiva de seu avô Anu.

Ele criou o Vento Maligno, o Turbilhão e o Furacão para perturbar os interiores de Tiamat.

Todos os sete ergueram-se por trás dele.

À sua frente, ele soltou o relâmpago, com uma chama flamejante ele encheu o corpo,

Com um espantoso halo sua cabeça foi coberta, foi envolto por um terror impressionante, como se fora um manto.

Conforme os dois planetas se aproximavam para a colisão, Marduk iniciou o ataque:

O Senhor lançou a rede para prendê-la;

O Vento Maligno, o mais recuado, ele lhe soltou na face.

Quando Tiamat abriu a boca para devorá-lo, ele impulsionou o Vento Maligno, para que ela não mais fechasse os lábios.

Tiamat, de acordo com esse relato de cada passo da batalha, foi atingida em primeiro lugar por um dos sete satélites de Marduk, onde ficava sua "boca". Depois, as outras luas de Marduk seiviram como armas:

Os Ventos furiosos atacaram-lhe, então, a barriga;

Que foi dilatada, e a boca foi bem aberta.

Através da boca, ele lançou uma flecha que lhe rasgou a barriga.

A flecha dilacerou seus interiores, fraturando seu centro.

Conseguindo, assim, subjugá-la, ele extinguiu-lhe a vida.

Assim, de acordo com a cosmogonia suméria preservada no *Enuma elish*, nesse primeiro encontro entre Marduk e Tiamat,

os dois planetas não colidiram: foram os "ventos" - satélites - de Marduk que atingiram Tiamat, "fraturando seu centro" e "extinguindo-lhe a vida". Ilustramos o primeiro encontro na Figura 49.

Enquanto o golpe fatal à dilacerada Tiamat ainda está para ser desferido em um encontro subsequente, nesse primeiro *round* Marduk e seus Ventos ocupam-se da "hoste" de satélites que orbitam Tiamat. Os menores, "despedaçados, tremendo de medo, viraram as costas para salvar as próprias vidas (...) em um círculo apertado, eles não poderiam escapar". Com a frase "*viraram as costas*" - avançaram em direção a Marduk, que se aproximava -, eles se tornam os cometas *orbitais retrógrados*, cuja existência não se explica de outra maneira.

Kingu, o líder, "deixado sem vida", é preso e subjugado; é privado da "Tabuleta dos Destinos" que estava a ponto de torná-lo um planeta com mérito próprio. Arrebatando-o, Marduk "tomou dele a Tabuleta dos Destinos, não sua por direito", e transferiu a capacidade orbital para si mesmo. Desprovido de uma atmosfera, Kingu é transformado em *Dug.gae*, um termo sumério que pode ser traduzido por "Girador Inanimado" - condenado, para sempre, a circular a Terra.

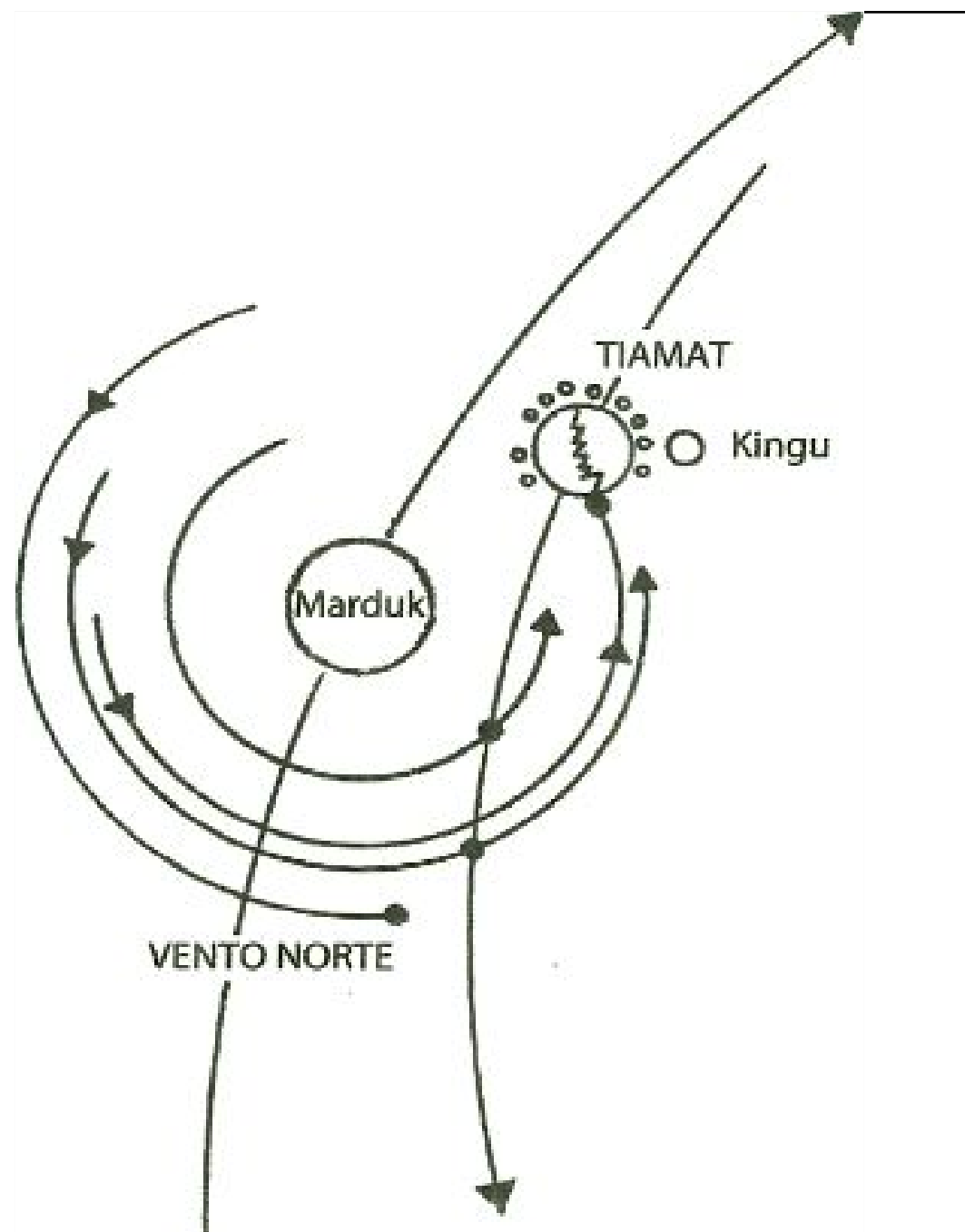


Figura 49

Agora capacitado para entrar em órbita, Marduk gira de volta para visitar Anshar e Ea/Nudimmud e relatar sua vitória. Enquanto completa sua primeira órbita solar, ele retorna para o local da Batalha Celestial: Marduk "voltou para Tiamat, que ele subjugara". ***Desta vez, o próprio Marduk colidiu com Tiamat, já ferida, partindo-a ao meio:***

O Senhor parou para vislumbrar o corpo inanimado dela. Planejou habilmente, então, como partir o monstro ao meio. Então, como um mexilhão, ele dividiu-a em duas partes.

O destino das duas partes é de importância crucial; cada palavra do texto antigo é significativa, pois é aqui que testemunhamos a sofisticada compreensão dos anunnakis de como a Terra, a Lua e o Cinturão de Asteróides ganharam vida:

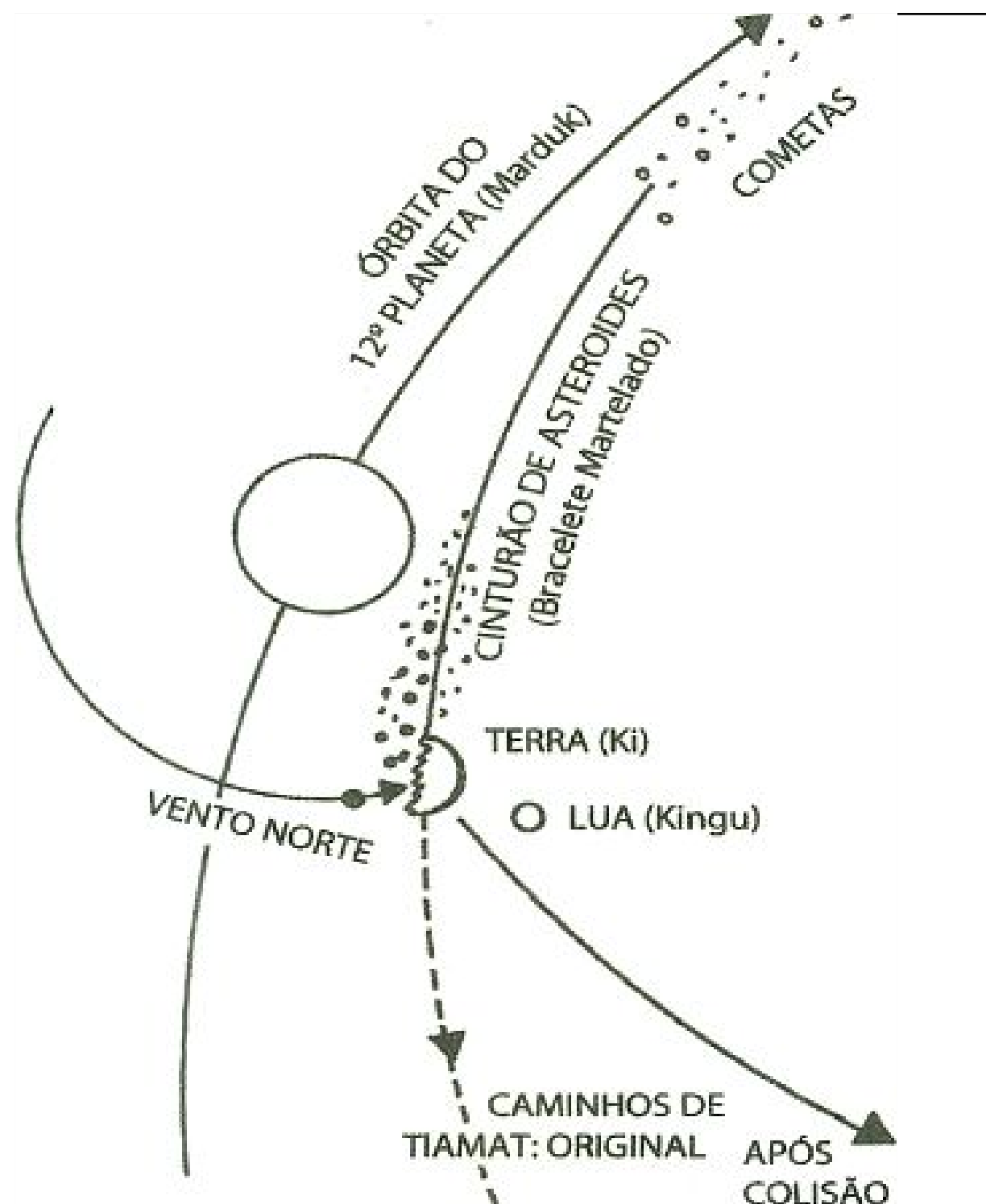


Figura 50

O Senhor pisou na parte traseira de Tiamat.

Com sua arma, o crânio dela ele partiu;

As artérias de seu sangue ele dilacerou, e fez com que o Vento Norte a levasse a lugares que eram desconhecidos.

A [outra] metade dela como uma tela para os céus ele instalou,
Ele dobrou a cauda de Tiamat, como um bracelete para formar
uma Grande Faixa;

Unindo as peças, como guardiões ele as posicionou.

No livro *O 12º Planeta*, sugeri que *a metade superior ferida ('crânio') de Tiamat foi lançada para outro local no Sistema Solar, tornando-se o planeta Terra* em um novo caminho orbital; que Kingu, condenado a se tornar um "Girador Inanimado", foi levado com ela para se tornar a Lua da Terra; e que *a parte traseira de Tiamat, esmigalhada em pequenos*

pedaços, tornou-se o Cinturão de Asteróides (a 'Grande Faixa' ou 'Bracelete Martelado') - Figura 50. A idéia de que as des pedaçadas luas menores de Tiamat se tornaram os enigmáticos cometas retrógrados que "voltaram" e assumiram a órbita retrógrada de Marduk é reforçada pela afirmação de que "Marduk" "prende-as à sua cauda" - puxando-as na direção da sua própria órbita retrógrada.

Essa interpretação do conto da Criação, reafirmada reiteradas vezes em vários textos sumérios, também oferece a única explicação plausível para os versículos bíblicos do Gênesis que tratam do acontecimento - e da origem da vida na Terra:

- No primeiro encontro, as luas/satélites de "Marduk" atacam e inabilitam Tiamat.
- No segundo encontro decisivo, o próprio "Marduk" "tripudia" - ataca e *entra em contato com* - Tiamat, partindo-a em dois; é assim que a "*semente da vida*", presente em Marduk, é transferida para a futura Terra e com ela partilhada. Conservando as águas de Tiamat, ela é o futuro planeta aquoso.
- A metade superior ("crânio") de Tiamat é impulsionada para uma nova localização orbital para se tornar a Terra, agora fecundada com o DNA de Marduk.
- A metade impulsionada (a futura Terra) leva consigo o inanimado Kingu para ser transformado na Lua.
- A parte inferior é esmigalhada em pequenos pedaços; atados como um bracelete, tornam-se o Cinturão de Asteróides.
- O local em que a Batalha Celestial aconteceu, que Tiamat antes orbitara, é designado *Shamama* em acadiano, e *Shamay'im* em hebraico - termos que são traduzidos como '*Céu*', mas que derivam de *Ma'yim*, "águas" -, o local onde a aquosa Tiamat costumava existir.

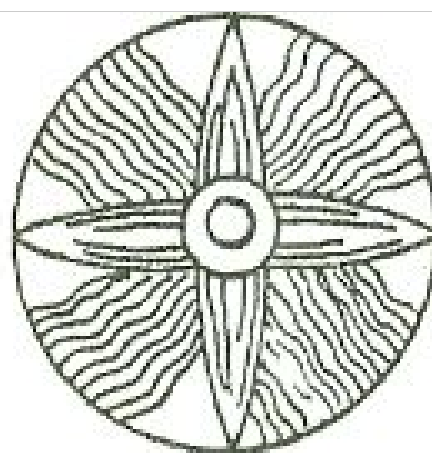
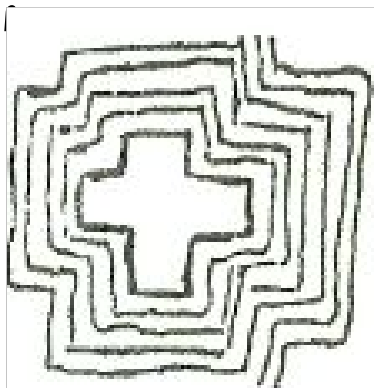
Nos textos mesopotâmicos, a afirmação dessa seqüência era repetidamente expressa pela seguinte afirmação:

Após o Céu ser *separado* da Terra,
Após a Terra ser *distanciada* do Céu.

Tendo remodelado os céus, criado a Terra e formado o Bracelete Martelado, Marduk "atravessou os céus e inspecionou as regiões (...) sua Grande Morada ele mediu". Gostando do que viu, diz o texto mesopotâmico, "Ele (Marduk) fundou a estação de Nibiru".

De forma celestial, transformando nosso Sistema Solar em sua morada, "*Marduk*'

Planeta Nibiru. Um planeta, um 12º Sistema Solar (Sol, planetas), foi



tornou-se o
décimo
membro do
Lua e dez
acrescentado

- exatamente como era descrito em um selo cilíndrico de 2.500 a.C. (catalogado VA-243 pelo Museu do Antigo Oriente

Próximo, em Berlim, Figura 51, acrescentado por um esboço ampliado).

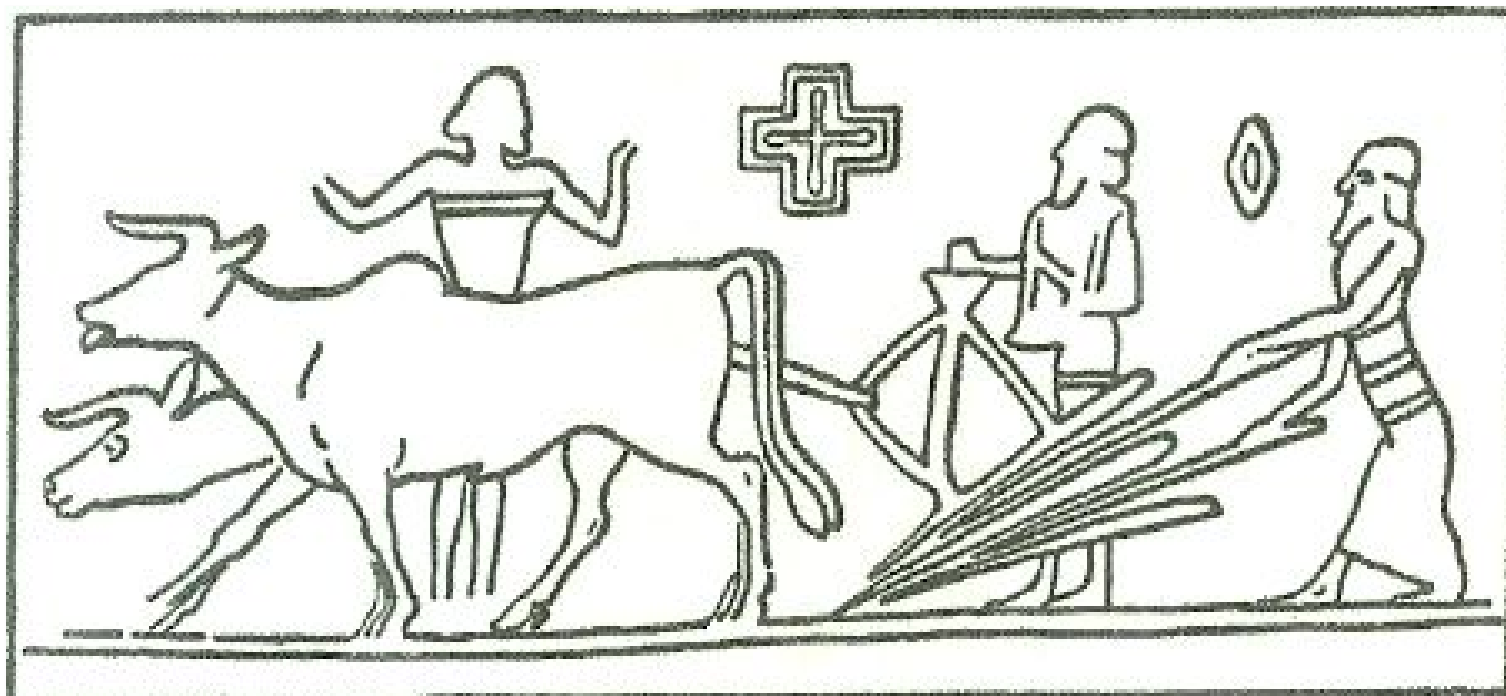


Figura 53

(representada na Figura 46), fala por si.

A nova órbita do planeta estendia-se desde "a região do Apsu até a morada de Ea" - desde uma "morada" (Perigeu) próxima do Sol até uma "morada" (Apogeu) bem além de Netuno (Figura 52). Com essa grande órbita elíptica, o "destino" celestial de Marduk tornou-se supremo - exatamente como lhe fora prometido.

Foi essa órbita, segundo o épico, que forneceu o nome ao novo membro do nosso Sistema Solar, pois *Nibiru* significa "Travessia":

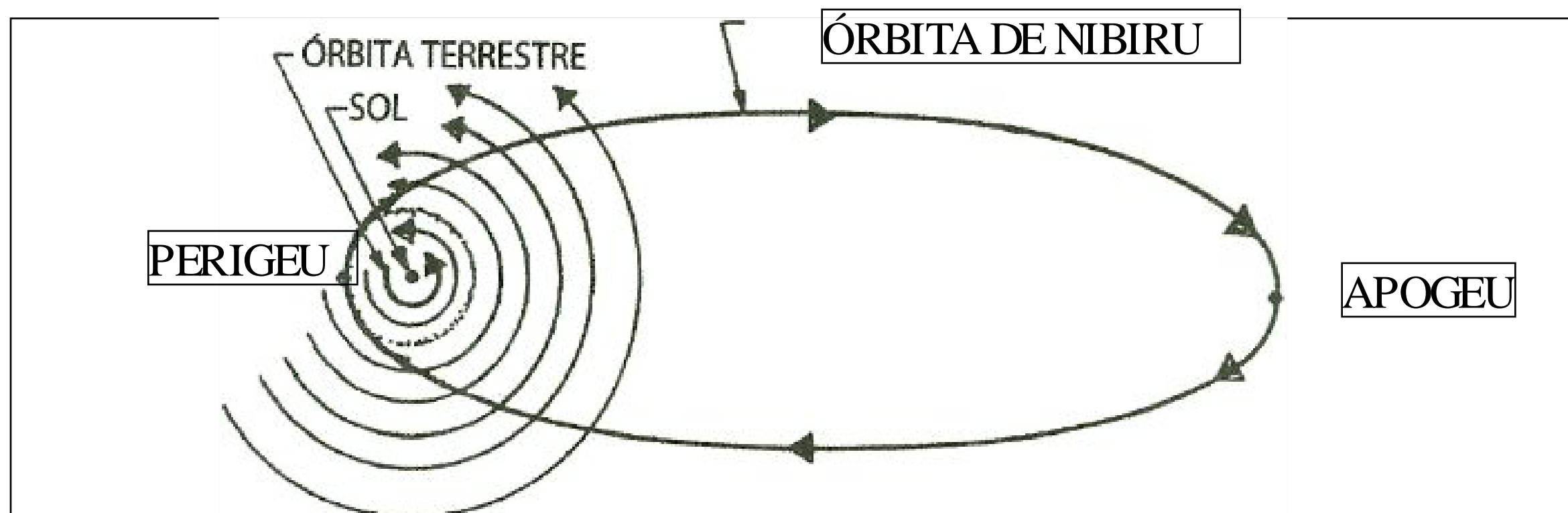
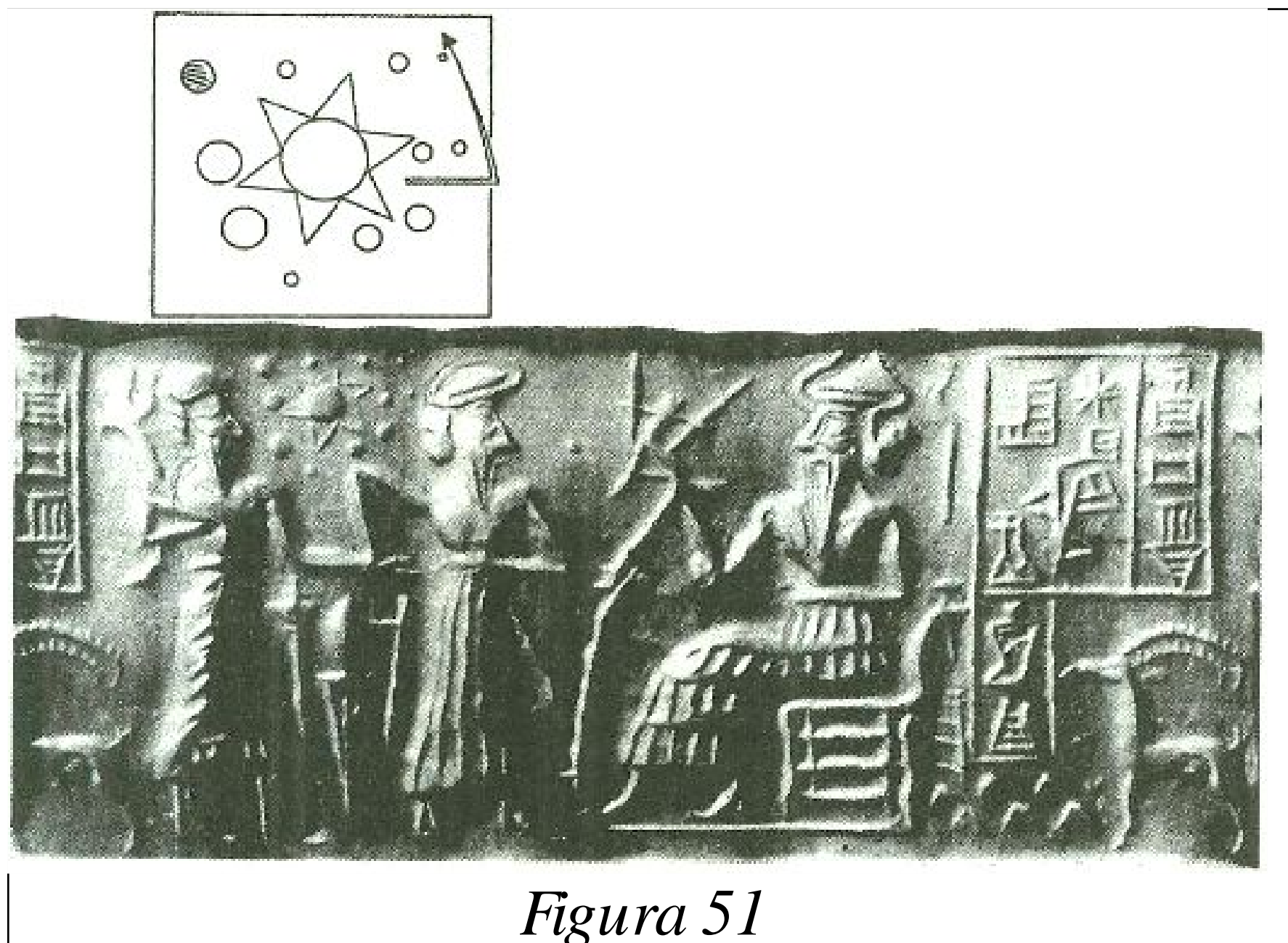


Figura 52

Planeta Nibiru:

A encruzilhada entre Céu e Terra ele ocupará.
Acima e abaixo [os deuses] não atravessarão;
Eles devem aguardá-lo.

Planeta Nibiru:

Planeta que é cintilante nos céus.
Ele mantém a posição central;
A ele, os deuses devem render homenagem.

Planeta Nibiru: É ele que sem se cansar o centro de Tiamat sempre atravessa. *Que "Travessia" seja o seu nome!*

Chamada *Shar* (= "Do Rei"), essa órbita equipara-se, de forma matemática, a 3.600, sugerindo que esse foi o período orbital de Marduk/Nibiru - 3.600 anos-Terra. Conforme retorna anualmente (uma órbita sendo um ano para Nibiru!) ao seu perigeu, onde estava Tiamat, Nibiru *cruza o eclíptico*; ele é seu *Ponto de Travessia*; e, quando a Humanidade presenciou a ocorrência, Nibiru era representado como um planeta radiante simbolizado pelo sinal da Cruz (Figura 53).

Evidências biológicas, geofísicas e geológicas reunidas na Terra, na Lua e em asteroides e meteoritos convenceram os cientistas modernos de que um cataclismo, a "ocorrência de uma colisão

catastrófica", afetou a nossa parte do Sistema Solar, tendo ocorrido por volta de 3,9 bilhões de anos atrás - alguns 600 mil anos após a formação do Sistema Solar. A "ocorrência", eu sugeri, foi a Batalha Celestial entre "Marduk" e Tiamat.

O *Enuma elish* ocupou quatro Tabuletas com o Conto da Criação até agora; a Bíblia Hebraica o fez em oito versículos e dois Dias Divinos.

Com a conhecida tradução do rei James, aprendemos (versículos 1-5) que, quando a criação do Céu e da Terra iniciou, a Terra "era sem forma e vazia" e "o Profundo" ficava na escuridão. Então, "o Espírito de Deus moveu-se sobre as águas"; e Deus ordenou "Haja luz, e fez-se luz". E "tendo separado a luz da escuridão", Deus "chamou à luz Dia e à escuridão Noite"; e "era noite e era dia, Primeiro Dia".

É menos complicado discernir, entre aquelas palavras, a sua origem mesopotâmica se o *verdadeiro texto hebraico* for acompanhado. Nele, a escuridão não ficava "sobre a face do Profundo", mas em *Tehom* (hebraico para *Tiamat*)-, foi *Ru'ah* (*vento*, não "espírito"), o satélite de Marduk - que se moveu contra Tehom/Tiamat, quando seu *relâmpago*, e não apenas "luz", atingiu-a.

Traduções dos versículos 6-8 - os acontecimentos do Segundo Dia - usam o termo "Firmamento" (para descrever o Cinturão de As teróides), onde o hebraico usa *Raki 'a* (*Rakish* no texto babilônico) que significa, literalmente, "Bracelete Martelado". Localizado "no meio das águas" *para separar* as "águas superiores" das "águas inferiores", está o *Sham-Mayim* (= "Local das águas"), que é traduzido como '*Céu*'.

Optando por saltar as seções politeístas sobre a genealogia, rivalidades e discussões dos múltiplos deuses, o autor e editor do Gênesis apenas reafirmou o *fato científico* de uma Terra separada de Tiamat como resultado de uma colisão celestial. A

visão antiga era de que o Bracelete Martelado/Cinturão de Asteróides servia como "Firmamento" ou "Céu", separando as regiões celestiais; o termo hebraico para aquela região, *Shama'yim*, e seu significado, "Céu", foram, sem dúvida, *emprestados diretamente* do verso de abertura do *Enuma elish*: *'elish, la nabu shamamu* - "na **Altura**, o **Céu** não fora nomeado". De fato, toda a noção bíblica de um "Acima" e um "Abaixo" Celestiais procede dos dois versículos de abertura do *Enuma elish*: o "Acima" do primeiro versículo que acabamos de citar, e o "Abaixo" do segundo: *Shaplitu, ammatum shuma la zakrat* - *'Abaixo* a Terra firme não fora nomeada".

Tal divisão celestial entre "Acima", o Firmamento/Céu, e o "Abaixo" parece desconcertante à primeira vista; mas se torna pertinente e clara quando ilustramos a afirmação sobre Nibiru atingindo a Travessia "no centro" de onde estava Tiamat:

NIBIRU

**MERCÚRIO VÊNUS TERRA LUA MARTE > < JÚPITER SATURNO URANO
NETUNO PLUTÃO**

CINTURÃO DE ASTERÓIDES

Passando pelo seu perigeu entre Marte e Júpiter, Nibiru de fato realiza a Travessia no ponto central entre todos os outros planetas do Sistema Solar (incluindo a Lua). Como a terminologia da Bíblia explica, *Shama'yim* (literalmente, "Lugar das Águas", mas traduzido como "Céu") - o lugar do "Firmamento" (*Raki'a, Rakish*). O lugar onde Nibiru "atravessa" realmente *divide o sistema planetário* entre um "Acima" e um "Abaixo" - localizando os Planetas Externos ao Sistema Solar no "Acima" e os Planetas Internos no "Abaixo", mais próximos do Sol.

O que o *Enuma elish* e a Bíblia dizem é confirmado pela astronomia moderna que se refere ao grupo "abaixo" como os "Planetas Terrestres" e ao grupo "acima" como os "Planetas

Externos" - separados pelo Cinturão de Asteróides.



Figura 54

O princípio básico da cosmologia e astronomia antigas é ainda confirmado por meio de uma imagem pictórica em um selo cilíndrico sumério, hoje em exibição no Museu de Terras da Bíblia, em Jerusalém, Israel, que expressa de forma gráfica essa divisão celestial (Figura 54). Ele emprega o canudo utilizado para beber cerveja para representar o Cinturão de Asteróides divisório; do seu lado esquerdo, estão os planetas "Abaixo" (começando com Vênus como o oitavo planeta, em seguida a Terra e sua Lua crescente, e Marte, o mais próximo do Cinturão); e do outro lado, ele mostra os planetas "Acima", Júpiter e Saturno, *com seus anéis*.

De acordo com o início da Tabuleta V, o contínuo texto do *Enuma elish* atribui, então, a Marduk o estabelecimento dos "distritos do dia e da noite" ao designar a Noite para a Lua, e o Dia para o Sol, e concede a ele o mérito de todas as conquistas astronômicas sumérias: foi Marduk quem instituiu o calendário lunissolar, fixou o Zênite, dividiu os céus em três zonas e reuniu as estrelas em 12 constelações zodiacais, concedendo-lhes suas "imagens".

Encontramos esse segmento repetido, quase literalmente, no

Gênesis 1:14-19, onde é dado a Deus o crédito pela "separação entre o dia e a noite", tornando o Sol e a Lua responsáveis "pelas estações, dias e anos", e "pela formação das constelações e também de seus símbolos".

Com todos os assuntos celestiais encaminhados, a atenção divina voltou-se para a própria Terra, para torná-la habitável. No texto me-sopotâmico, chegamos à Tabuleta V, uma tabuleta completa e quase intacta (algumas 22 linhas ainda estão perdidas) que foi encontrada apenas no final dos anos 1950 em um improvável sítio turco chamado Sultantepe. Com ele, descobrimos que, após Marduk ter designado as tarefas do Sol, da Lua, etc., voltou a atenção e energia criativa para fazer da Terra - a antiga parte superior de Tiamat - um lugar viável:

Tomando a saliva de Tiamat

Marduk criou [...]; ele formou as nuvens, encheu-as de [água],
erguendo os ventos para trazer água e frio.

Colocando a cabeça de Tiamat em posição,

Ele formou, a seguir, as montanhas.

Fez com que o Eufrates e o Tigre fluíssem dos olhos dela.

Fechando-lhe as narinas, ele [...].

Em sua teta ele formou as altas montanhas,

[Nelas] ele abriu nascentes, para que os poços transportassem
as [águas],

Claro que, após ser separada de Tiamat, a Terra necessitava de reforma e remodelação de seu criador para se tornar um planeta habitável com montanhas, rios, águas fluentes, etc. (a "saliva", eu sugeri, refere-se à lava expelida de vulcões).

Voltando à Bíblia, descobrimos que também o Gênesis relata que, tendo completado os arranjos celestiais, a atenção divina

voltou-se para a Terra. Os versículos 9-10 descrevem os passos tomados para torná-la habitável:

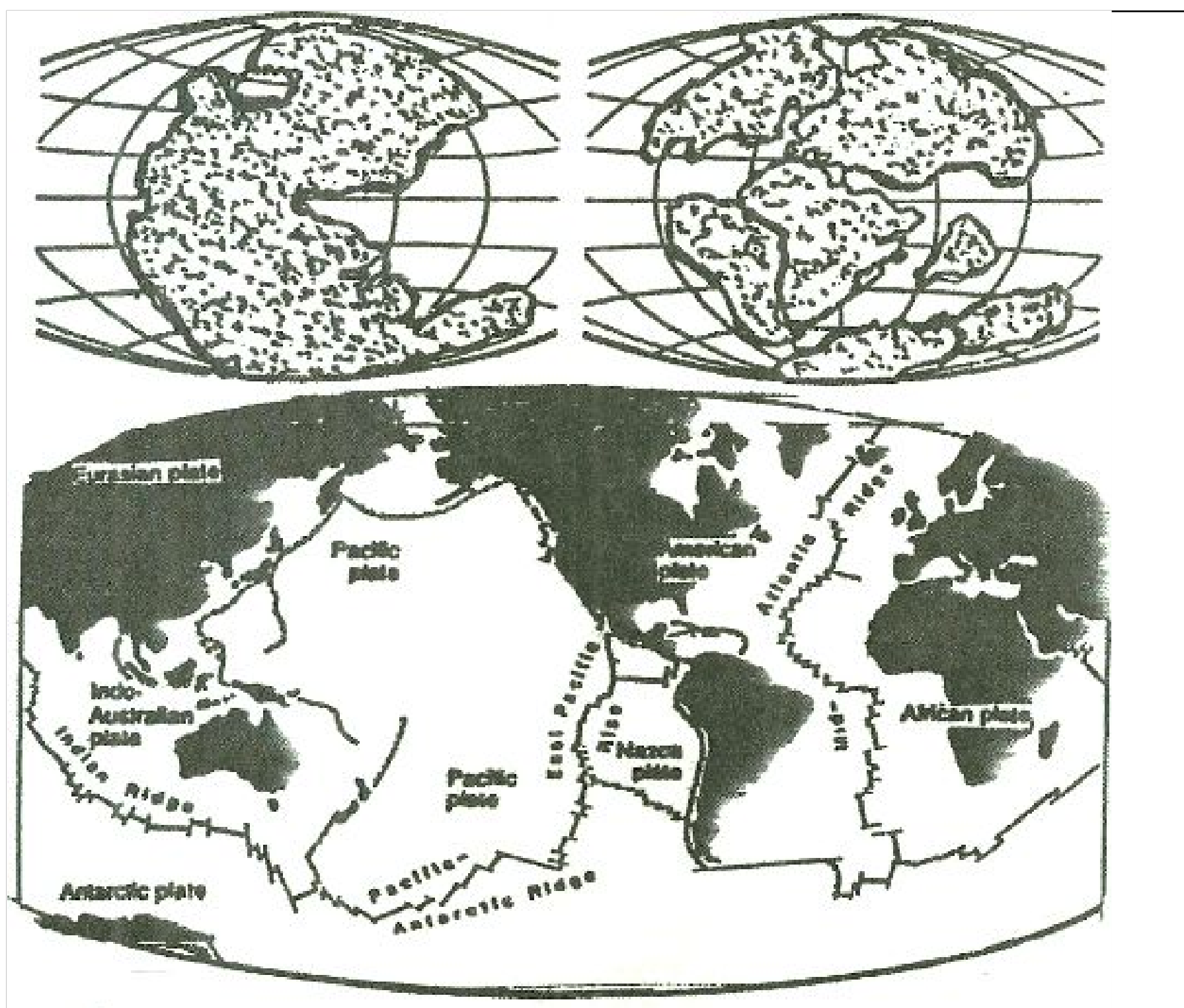


Figura 55

E Deus disse:

Que as águas que estão sob o céu sejam reunidas em um único lugar, e que a terra árida surja; e assim foi.

E Deus chamou a região árida de "Terra",

E chamou as águas reunidas de "Mares".

Esse relato bíblico está de pleno acordo com as descobertas modernas de que toda a região árida da Terra começou como um único supercontinente ("*Pangeia*") que emergiu quando todas as águas da Terra foram reunidas em um único vasto "*Pan-oceano*". A *Pangeia*, com o tempo, partiu-se e seus segmentos flutuaram para longe uns dos outros, tornando-se vários continentes (Figura 55). Essa teoria moderna da "Deriva

Continental" é fundamental a todas as ciências da Terra, e encontrá-la enunciada de forma clara na Bíblia (e provavelmente nas linhas perdidas da Tabuleta V) é bastante notável.

Os textos hebraicos e babilônicos fornecem, aqui, um processo lógico e cientificamente preciso: o segmento ferido da aquosa Tiamat começa a tomar um formato planetário; as águas se acumulam na parte acentuada (da qual o Oceano Pacífico é a maior e mais profunda) revelando a região árida; os continentes surgem, montanhas são impelidas para cima; vulcões jorram gases e lava, proporcionando o nascimento de uma atmosfera; as nuvens e as chuvas surgem, rios começam a fluir. *A Terra está pronta para a Vida.*

"Assim", enuncia a linha 65 da Tabuleta V do *Enuma elish*, "ele (Marduk) criou o Céu e a Terra".

"Assim", enuncia o versículo 1 Gênesis 2 da Bíblia, "foram terminados os Céus e a Terra e todas suas hostes".

Ao tratar o *Enuma elish* como uma cosmogonia sofisticada e não como um conto alegórico da luta entre o bem (o Senhor//Marduk) e o mal (o Monstro/Tiamat), obtemos uma explicação coerente para muitos enigmas do nosso Sistema Solar e explicamos o surgimento incrivelmente rápido da vida na Terra - e a compatibilidade entre os anunnakis e as filhas do Homem. *A Bíblia, eu sugeri, fez o mesmo.*

A VERSÃO DE BEROSO

Devemos supor que, entre os textos cruciais que foram copiados e recopiados, uma versão do conto de Marduk, Tiamat e a Batalha Celestial tinha de estar nas mãos de Beroso quando ele compilou seus três volumes intitulados *BABYLONIACA*.

Parece que foi isso que ele fez. De acordo com o historiador Alexandre Polímata - uma das fontes para os fragmentos de

Beroso - no Livro I, Beroso escreveu (entre outras coisas):

Houve um tempo em que não havia nada além da escuridão e um Abismo de águas, nos quais residiam as mais terríveis criaturas...

Quem os presidia era uma mulher chamada Thallath que, de acordo com os caldeus. Significa "o Mar"...

Belus (= "O Senhor") chegou, cortou e dividiu a mulher; e, com uma das metades dela, ele formou a Terra, e, com a outra metade, os Céus; ao mesmo tempo, ele destruiu as criaturas do Abismo...

Esse Belus, a quem os homens chamavam Deus, dividiu a escuridão, e separou os Céus da Terra, e colocou ordem no Universo...

Ele também formou as estrelas, e o Sol, e a Lua, Junto com os cinco planetas.

Será que Beroso teve acesso a uma cópia completa e ileso da Tabuleta V do *ENUMA ELISH*? Essa pergunta interessante leva a outra mais geral: onde, em que biblioteca, entre qual coleção de tabuletas, Beroso sentou-se, copiou as tabuletas e redigiu seus três volumes?

A resposta poderia estar em uma descoberta dos anos 1950, no monte chamado Sultantepe, a alguns quilômetros a norte de Harran (hoje na Turquia), que foi, na realidade, o sítio de uma *IMPORTANTE BIBLIOTECA E ESCOLA DE ESCRIBAS* - onde muitas tabuletas, até então desaparecidas, foram encontradas.

VII

Dos Anunnakis e Igigis

Seria provavelmente perto da meia-noite quando a leitura pública do *Enuma elish* (na Babilônia, acompanhada por representações, constituindo uma espécie de Peça da Paixão) chegara à afirmação de que a criação dos céus e da Terra - por Marduk - tinha sido realizada. Agora, chegara o momento de verter sua supremacia celestial para supremacia entre os anunnakis - os deuses celestiais que vieram para a Terra.

Com admirável sutileza, o nome *Enlil* - a divindade que devia ser o herói do conto da criação em seu original sumério - é mencionado (pela primeira vez) ao lado de Anu e Ea/Enki: ele é lançado na última linha da Tabuleta IV. Então, conforme o texto avança pela Tabuleta V, outras divindades - incluindo a mãe verdadeira de Marduk, *Damkina* (renomeada *Ninki* após Ea ser intitulado "Enki" = "Senhor da Terra") - tomam o palco; e o ouvinte (ou leitor) testemunha a coroação de Marduk como "rei" não apenas pelos deuses anunnakis, mas também por outro grupo de divindades chamado *Igi.gi* (= "Aqueles Que Observam e Vêem").

É uma assembléia grandiosa de todos os deuses líderes. Marduk está sentado em um trono, e seus pais orgulhosos, Ea/Enki e Damkina, "abriram a boca para se dirigir aos grandes deuses", dizendo assim: "Outrora, Marduk era [meramente] nosso adorado filho; agora ele é vosso rei; proclamem seu título 'Rei dos deuses do Céu e da Terra!'". O cumprimento desse pedido/exigência seguiu-se:

Estando reunidos, todos os igigis se curvaram;

Todos os anunnakis beijaram seus pés (de Marduk).

Estavam reunidos para render obediência;

Postaram-se diante dele, curvados, e disseram: "Ele é o rei!"

Eles deram soberania a Marduk;

Declararam a ele a fórmula da boa sorte e do sucesso, [dizendo]:
"Seja qual for sua ordem, nos a cumprimos!"

O texto não declara onde a Assembléia foi reunida. A narrativa sugere que a coroação de Marduk acontece em Nibiru, e é seguida por uma assembléia dos deuses designados para a Terra. Lembrando-se dos deuses reunidos de sua linhagem real (alguns ancestrais que precederam Ea e Anu são invocados), Marduk, como o recente Chefe eleito, não perde tempo em delinear seu programa divino: até agora, ele diz aos deuses reunidos, vocês residiram em **E.sharra**, "a Grande Morada" de Anu em Nibiru; agora irão residir em "uma morada correspondente àquela, que eu construirei no Abaixo". "No Abaixo" - na Terra - Marduk diz, ele criou Solo Firme adequado para a Nova Casa:

Eu endureci o solo para uma obra, para construir uma casa, minha Morada Suntuosa.

Estabelecerei nela o meu templo, seus santuários afirmarão minha soberania ...

Seu nome chamarei *Bad-ili* ["Portais dos deuses"].

Conforme os deuses regozijavam ao ouvir o projeto de Marduk para estabelecer a Babilônia, ele prosseguiu, atribuindo-lhes suas tarefas:

Marduk, o Rei dos deuses, dividiu os anunnakis entre o Acima e o Abaixo.

Para seguir suas instruções,
300 ele designou para os Céus, como Aqueles Que Observam ele os posicionou.

Da mesma maneira, as estações da Terra ele definiu,

600 na Terra ele estabeleceu.

Ele emitiu todas as instruções;

Aos *anunnakis* do Céu e da Terra ele distribuiu suas tarefas.

Os deuses designados para a "Missão Terra" são, assim, divididos, de imediato, em dois grupos: 300, chamados *Igigi* ("Aqueles Que Observam e Vêem"), possuem "deveres celestes" e serão posicionados "acima da Terra" (em Marte, como explicamos adiante). Seiscentos, os *anunnakis* "do Céu e Terra", serão posicionados na própria Terra; e sua primeira tarefa, segundo as instruções de seu Senhor, é estabelecer a Babilônia e erigir, nela, a torre em estágios de Marduk, o *E.sag.il* - a "Morada Cujo Topo é Altivo". (Para representações pictóricas dos *anunnakis* e *igigis*, ver Figura 64.)

No final da Tabuleta VI, *Bab-ili* (Babilônia), o "Portal dos deuses" e sua "Torre que alcança o céu" estão prontos; o Celestial Marduk tam bém é agora Marduk na Terra; e o relato do *Enuma elish* prossegue para a Tabuleta VII, que é uma lista laudatória de 50 Nomes, 50 epítetos de delegação de poderes.

"Com o título Cinquenta, os grandes deuses proclamaram-no (Marduk) supremo", declara o épico, em conclusão.

Obviamente, o texto babilônico do épico "adiantou" os eventos. A vida ainda estava por emergir e se desenvolver na Terra; Enki e sua primeira tripulação de 50 *anunnakis* ainda estavam para aterrissar; as cidades dos deuses ainda precisavam ser estabelecidas; o Homem ainda devia surgir; e o Dilúvio ainda tinha de arrebatá-lo tudo - pois apenas em sua decorrência o episódio da Torre de Babel acontece. Se as omissões são deliberadas ou não, permanece o fato de que todos os desenvolvimentos nesse ínterim ainda devem acontecer - não apenas de acordo com a Bíblia, mas também com variados textos cuneiformes.

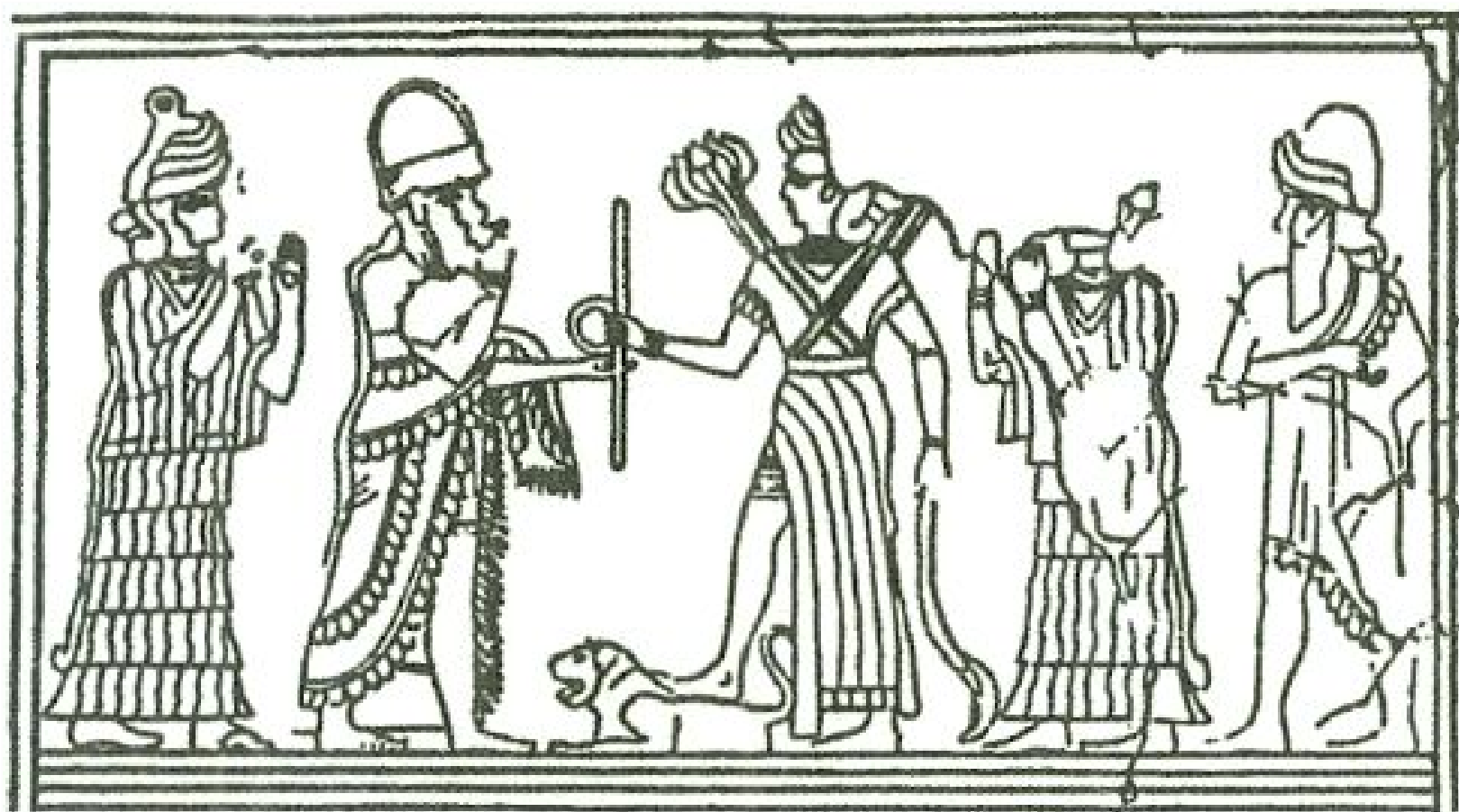


Figura 56

De fato, mesmo antes de contemplarmos os acontecimentos na Terra, devemos analisar o enigma dos acontecimentos em Nibiru, onde provavelmente se deu a coroação de Marduk. Quem são os deuses reu nidos? Quem são os "Antepassados" que Marduk invoca? A morada real divina que ele planeja estabelecer na Terra deve corresponder à morada real divina do deus Anu, o *Esharra*, em Nibiru. Rei de qual reino foi Anu? Quem eram os anunnakis e os igigis, designados para tarefas na Missão Terra? Como eles estavam presentes e residiam no



planeta Nibiru? Por que 50 deles - acompanhando Ea/Enki - vão para a Terra em busca de ouro? E por que, no seu auge, 600

anunnakis e 300 igigis foram necessários?

Embora o *Enuma elish* não forneça tais respostas, não estamos tão perdidos que não possamos encontrá-las. Variados textos antigos preenchidos com dados e detalhes, apontam nomes e descrevem acontecimentos. Já mencionamos alguns desses textos; traremos à luz muitos outros - alguns até em outras línguas além do sumério ou acadiano. Juntos, eles fornecem os pontos que podem ser ligados para formar um relato contínuo e coerente. Imprescindível naquele contexto é o que eles contam sobre nós - como o Homem e a Humanidade vieram a existir neste planeta Terra.

Podemos começar a desemaranhar o fio da meada com Anu, o governante de Nibiru durante a confirmação de Marduk como líder supremo dos anunnakis e dos igigis. Ele também governou Nibiru durante a primeira chegada à Terra, pois Ea/Enki invocou sua condição de "filho primogênito de Anu" em sua autobiografia. Podemos presumir que foi a forma de reinado de Anu que foi "trazida do céu" pelos anunnakis, e foi de sua corte que a tradicional insígnia do reinado emanou: um tocado divino (coroa e tiara); um cetro ou bastão (símbolo de poder e autoridade); e um cordão enrolado para medição (representando a Justiça); esses símbolos aparecem, o tempo todo, em representações pictóricas de investidura divina, nas quais o deus ou deusa concede esses objetos ao novo rei (Figura 56).

AN/Anu, enquanto palavra, significava "Céu"; enquanto nome-epíteto significava "O Celestial"; e seu pictograma era uma estrela. Referências em textos variados fornecem algumas informações sobre o palácio de Anu, sua corte e seus procedimentos severos. Assim, descobrimos que, além de sua consorte oficial (sua esposa, Antu), Anu tinha seis concubinas; seus descendentes eram 80 em número (apenas 14 deles portavam os títulos divinos *En* para os homens ou *Nin* para as

mulheres [Figura 57]). Os assessores de sua corte incluíam um Camareiro-Chefe, três Comandantes encarregados dos foguetes, dois Comandantes das Armas, um "Ministro da Bolsa" (= Tesoureiro), dois Oficiais de Justiça, dois "Mestres do Conhecimento Escrito", dois Escribas-Chefes e cinco Escribas Assistentes. Os recrutas da equipe de Anu eram chamados *Anunna*, significando "Os Celestiais de Anu".

Figura 55

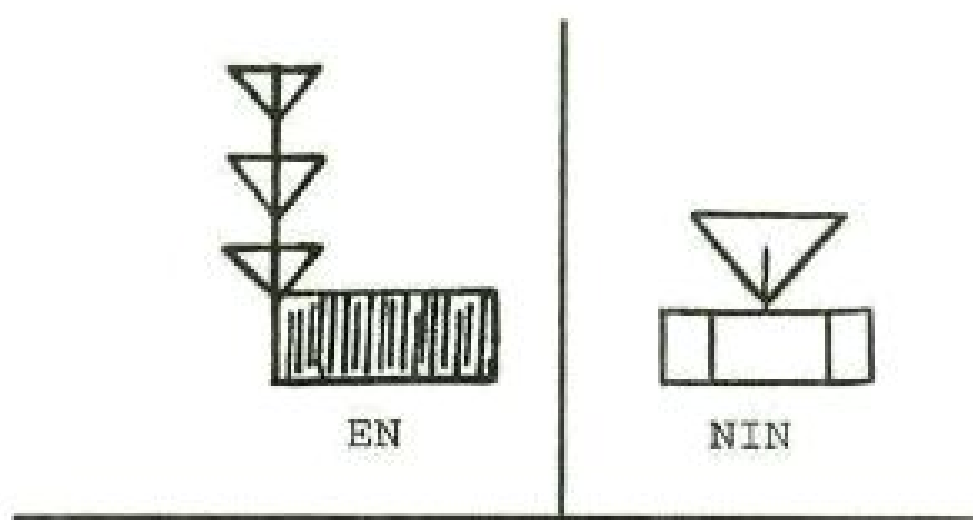


Figura 57

O palácio de Anu ficava no "Lugar Puro". A entrada era constantemente protegida por dois príncipes reais; intitutados "Comandantes das Armas", eles controlavam duas armas divinas, o *Shar.ur* (= "Caçador Real") e o *Shar.gaz* (= "Espancador Real"). Um desenho assírio (Figura 58), que pretende representar o portal para o palácio de Anu, mostrava duas torres flanqueadas pelos "Homens-águia" (= "astronautas" anunnakis uniformizados), com o emblema do Disco Alado de Nibiru exibido no centro. Outros símbolos celestiais - um sistema solar de 12 membros, um arco (para a Lua) e sete pontos (para a Terra) com pletam a cena.

Quando uma Assembléia de deuses era convocada, realizava-se na Sala do Trono do palácio. Anu sentava-se em seu trono, flanqueado por seu filho Enlil, sentado à sua direita, e seu filho

Ea, à esquerda. Textos que registraram procedimentos de Assembléia indicam que praticamente qualquer um dos presentes poderia falar; algumas das deliberações eram debates acalorados. Mas, no final, prevalecia a palavra de Anu - "sua decisão era ordem". Entre seus epítetos constava "Divino 60" - concedendo a Anu, sob o sistema numérico sexagesimal ("Base 60"), o posto mais elevado.

Os sumérios e seus sucessores não guardaram apenas Listas de Reis meticulosas; eles também mantinham *Listas de Deuses* elaboradas - deuses dispostos por importância e hierarquia e agrupados por famílias. Nas listas mais detalhadas, o nome principal do deus ou deusa era seguido por seus epítetos (que poderiam ser em grande número); em algumas listas isso alcançava um *status* canônico, os deuses eram dispostos de forma genealógica - o que destacava sua linhagem real.

Havia listas de deuses locais e listas de deuses nacionais, curtas e longas. A mais abrangente, conhecida pelos estudiosos por sua linha de abertura como a série *An:deus-Anu* e considerada a Grande Lista dos Deuses, ocupa sete tabuletas e contém mais de 2.100 nomes ou epítetos e deuses e deusas - um número espantoso com certeza, mas um tanto enganoso se notarmos que, às vezes, uma contagem ou mais listagens eram, de fato, epítetos para a mesma divindade (o filho mais novo de Enlil, por exemplo, que era chamado *Ishkur* em sumério, *Adad* em acadiano e *Teshub* pelos hititas, possuía outros 38 nomes-epítetos). A Grande Lista dos Deuses também incluía os cônjuges das divindades e seus descendentes, o "vizir-chefe" e outros criados pessoais.

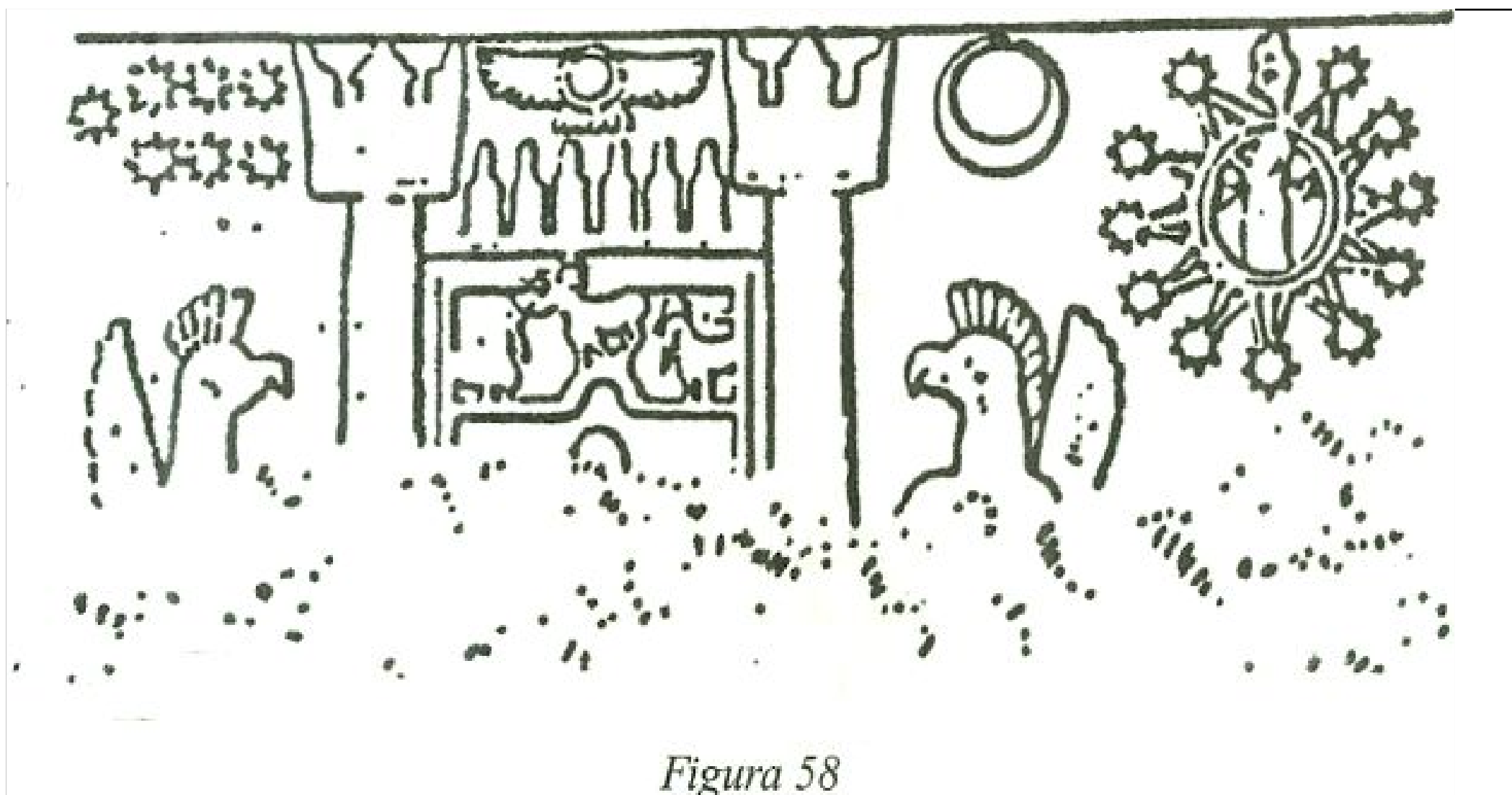


Figura 58

Cada tabuleta dessa série é dividida em duas colunas verticais, a da esquerda fornece o nome/epíteto da divindade em sumério e a correspondente, à direita, o nome equivalente ou significado do epíteto em acadiano. Entre outras listas de deuses menores ou parciais, até agora descobertas, havia uma conhecida como a série *An:Anu Sha Ameli*; apesar de seu título acadiano, trata-se de uma lista básica prévia do panteão sumério (listando apenas 157 nomes e epítetos).

Por meio dessas listas, sabemos que os nomes escolhidos pelo *Enuma elish* para designar vários planetas não foram casuais; foram nomes emprestados das listas canônicas dos deuses com o objetivo de salientar as reivindicações genealógicas de Marduk pela supremacia - sendo filho de Ea/Enki, por sua vez o filho primogênito de Anu, que por sua vez era descendente de uma linhagem real de Nibiru constituída *por 21 predecessores!*

A lista (ordenada por casais) inclui, além de Anshar e Kishar, Lahma e Lahama (nomes celestiais familiares no *Enuma elish*), e também nomes desconhecidos como An.shargal e Ki.shargal, En.uru.ulla e Nin.uru.ulla; e (muito significativo) um casal cujos estranhos nomes são *Alala* e *Be libi*. Essa lista dos predecessores de Anu termina com o pós-escrito "*21 en ama aa*" - "**21 nobres pais e mães**" (ordenados em dez casais e um homem sem

cônjuge). A Grande Lista dos Deuses nomeia, então, as crianças e os funcionários do Grupo de Anu, pulan do seus dois filhos principais e sua filha (*Ea/Enki, Enlil e Ninmah*), que são listados separadamente com seus próprios grupos familiares e assessores.

De qualquer forma que essas listas sejam estudadas, a posição principal e dominante do divino rei Anu é indiscutível. No entanto, o texto intitulado *Reino do Céu*, descoberto intacto em uma versão hitita, revela que Anu era um usurpador que tomou o trono em Nibiru depondo, por meio da força, o regente!

Após invocar os "12 deuses antigos poderosos", "os pais do deus e as mães do deus", e "todos os deuses que estão no céu e aqueles sobre a Terra escurecida" para que levassem em consideração o caso da usurpação, o texto prossegue dizendo:

Dantes, nos dias antigos,

Alalu era rei no céu.

Alalu sentava-se no trono.

O poderoso Anu, primeiro entre os deuses, posta-se diante dele, ajoelha-se aos seus pés, coloca a taça em sua mão.

Durante nove períodos contados

Alalu foi rei no céu.

No nono período, Anu combateu Alalu.

Alalu foi derrotado, e fugiu diante de Anu.

Ele desceu para a Terra escurecida - para a Terra escurecida ele foi.

No trono, Anu sentou-se.

Servindo, então, como o real Portador da Taça - uma tarefa que exigia fidelidade máxima -, Anu trai a confiança do rei e confisca o trono em um sangrento golpe de Estado. Por quê? Embora ele porte o título-epíteto "Primeiro entre os deuses", o texto

falha em revelar a relação entre Anu e o rei governante; mas o apelo do narrador aos Deuses Antigos, "Os pais e as mães" dos deuses, indica um conflito ou luta pelo trono cujas raízes retrocedem várias gerações - um conflito gerado por acontecimentos passados, relações genealógicas ou rivalidades dinásticas. Com regras de sucessão que tentavam esclarecer reivindicações conflituosas entre um primogênito e um herdeiro legal, entre um filho de um cônjuge e outro de uma concubina, e uma regra que concede primazia a um filho de uma meia-irmã, Anu certamente tinha uma pretensão ao trono que (na sua visão) excedia Alalu.

Devemos concluir que tais reivindicações conflituosas começaram muito antes do incidente Anu/Alalu e, como veremos, continuaram de pois dele. Alguns aspectos das listas dos deuses servem como pistas para um problema antigo e incômodo relacionado com o Reinado em Nibiru - assuntos que, na época, afetaram os acontecimentos na Terra. Na Grande Lista dos Deuses (a versão existente foi provavelmente compilada na Babilônia), o Grupo de Enki segue o de Anu; os enlilitas vêm depois, seguidos pelo grupo de Ninharsag. Mas em outras listas - incluindo a curta lista suméria - é o Grupo de Enlil que segue o de Anu. Essas posições variadas refletem um cabo de guerra que exige uma análise mais minuciosa.

A Grande Lista dos Deuses contém outra característica enigmática: quando se trata de Enki (e não de Enlil), ela insere em sua listagem os nomes dos casais-antepassados predecessores que diferem daqueles de Anu; eles portam nomes como En.ul e Nin.ul, En.mul e Nin.mul, En.lu e Nin.lu, En.du e Nin.du, etc. Estes são os casais predecessores de Enki que não se encontram no grupo de Anu. Apenas quando a lista chega ao décimo casal, chamado *Enshar* e *Kishar*, ocorre uma correspondência aparente com *Anshar* e *Kishar* na lista de Anu. Como Anu era pai de Enki, os casais separados ou

antepassados que não eram de Anu tinham de representar a linhagem da mãe de Enki, que só podia ser outra além de Antu - em outras palavras, uma concubina. Como os acontecimentos se desenrolaram, ficou claro que isso constituía um sério defeito hierárquico.

Em sua auto-biografia, Enki declarou, com certo desespero: "Eu sou o líder dos anunnakis, gerados com semente fértil - *o primogênito do divino An*, o Grande Irmão de todos os deuses". O primogênito, de fato, ele era; gerado com "semente fértil" ele foi - mas apenas pelo lado de seu pai. Quando chegou o momento de sentar-se ao lado do entronado Anu, foi Enlil quem se sentou à direita. Na hierarquia numérica da elite dos 12 Grandes Deuses, Enlil surgia depois de Anu, na classificação 50; Enki seguia com uma classificação inferior a 40. Embora Enki fosse o primogênito, não era o Príncipe Herdeiro; esse título, com o direito de sucessão, foi concedido ao jovem Enlil porque sua mãe era *Antu* - e Antu não era apenas a esposa oficial de Anu, *ela também era meia-irmã de Anu*, o que concedia a Enlil uma dose dupla das "férteis" sementes genéticas.

Assim, emerge a imagem de dois clãs antigos competindo pelo Reinado em Nibiru; ora em guerra, ora buscando paz por meio de inter-casamento (um artifício não desconhecido na Terra, onde tribos ou nações em guerra recorriam, em geral, a essa prática para trazer a paz), alternando-se no trono - às vezes de forma violenta, como no caso do golpe de Anu contra Alalu. O nome do rei deposto (*Alalu* em hitita) é claramente distinto dos muitos outros iniciados por "*En-*", mas é quase idêntico ao estranho nome *Alala*, contido na lista de Anu, sugerindo afiliação a um clã diferente e acesso ao trono por meio de inter-casamento.

A ênfase na linhagem genética da "semente" e as Regras de Suces são estão refletidas nos contos dos Patriarcas da Bíblia.

Será que a violenta derrota de Alalu, fazendo-o fugir de seu planeta natal, foi um acontecimento isolado ou um episódio em uma história de lutas contínuas intermitentes entre dois clãs, ou talvez - em termos de escala planetária - entre duas nações em Nibiru? Os dados nas Listas dos Deuses sugerem que sua derrota foi a continuação de um conflito não resolvido entre os clãs de Nibiru. Não foi nem a primeira nem a última "mudança de regime" violenta: alguns textos sugerem que o próprio Alalu era um usurpador, e que mais tarde tentativas foram feitas para derrubar Anu ...

Um detalhe na composição da corte real de Anu oferece uma pista dos acontecimentos em Nibiru: é a listagem de três "Comandantes encarregados dos foguetes *Mu*" e dois "Comandantes das Armas". Se pensarmos nisso, significa que cinco militares compunham quase a metade de um gabinete ministerial de 11 (excluimos os sete escribas). Isso é o equivalente a um governo militar. Há uma ênfase óbvia em armamento: dois dos cinco generais lidam apenas com o armamento. O próprio palácio era protegido por impressionantes sistemas de armas, supervisionados por dois príncipes reais.

Protegidos de quê? Protegidos de quem?

Correndo o risco de antecipar o capítulo ainda por vir, já podemos mencionar que, em 2.024 a.C., os anunnakis, então na Terra, recorreram ao uso de armas nucleares em seus contínuos conflitos entre clãs. Vários textos antigos (que mencionaremos) declaram que sete dispositivos nucleares foram utilizados; e está claro que foram trazidos de Nibiru para a Terra. Mesmo que o *Sharur* e o *Shargaz*, que protegem o palácio de Anu, não fossem tais armas, é evidente que *armas nucleares faziam parte do arsenal militar de Nibiru*. Elas foram, alguma vez, usadas em Nibiru? Por que não, se foram usadas em um planeta distante chamado Terra, no qual não mais que

900 nibiruanos (600 anunnakis e 300 igigis) estavam posicionados? Havia muito mais em jogo no próprio Nibiru! Se ainda viam nosso Sistema Solar como um conjunto de planetas criado e para sempre congelado em órbita de um caldeirão nuclear central (o Sol), os astrônomos da era espacial agora percebem que os planetas, e mesmo suas luas, estão vivos com fenômenos naturais - possuem seus próprios centros internos nucleares, criam e emanam calor, mantêm atividade vulcânica, têm atmosferas e mudanças climáticas; alguns apresentam superfícies congeladas, alguns possuem características parecidas com as da Terra; muitos têm água, alguns apenas lagos repletos de substâncias químicas; alguns parecem mortos, alguns revelam compostos complexos que poderiam ser associados à Vida. Até estações do ano já foram detectadas em "exoplanetas" que orbitam outros astros solares distantes - planetas cuja mera noção de sua possível existência foi o domínio da ficção científica até poucos anos atrás.